

A LAVOURA

BOLETIM DA SOCIEDADE NACIONAL de Agricultura

HORTO DA PENHA



POÇO COM BOMBA, PARA IRRIGAÇÃO

SOCIEDADE NACIONAL DE AGRICULTURA

FUNDADA EM 16 DE JANEIRO DE 1897

Caixa-postal, 1245
Endereço Telegraphico, AGRICULTURA
Telephone n. 1416

Sede: Ruas da Alfandega n. 108
e General Camara n. 127
RIO DE JANEIRO

DIRECTORIA

Presidente — Dr. Wenceslão Alves Leite de Oliveira Bello.

- 1º Vice-presidente — DR. SYLVIO FERREIRA RANGEL.
2º Vice-presidente — DR. JOSÉ RIBEIRO MONTEIRO DA SILVA.
3º Vice-presidente — DR. ANTONIO PACHECO LEÃO.

Secretario Geral — DR. FRANCISCO TITO DE SOUZA REIS.

- 1º Secretario — DR. JOÃO FULGENCIO DE LIMA MINDELLO.
2º Secretario — DR. BENEDICTO RAYMUNDO DA SILVA.
3º Secretario — ALBERTO JACOBINA.
4º Secretario — DR. VICTOR LEIVAS.

1º Thesoureiro — CARLOS RAULINO.

2º Thesoureiro — DR. JOÃO PEDREIRA DO COUTO FERRAZ JUNIOR.

Directores das Secções

Horto da Penha.	Dr. Wenceslão Bello.
Secretaria.	Dr. João Fulgencio de Lima Mindello.
Alcool e Museu	Dr. Benedicto Raymundo.
Secção Technica.	Dr. Souza Reis.
Bibliotheca	Dr. Victor Leivas.
Plantas e sementes.	Dr. Monteiro da Silva.
Propaganda e estatistica	Alberto Jacobina.
Thesouraria.	Carlos Raulino.

Collaboração

Serão considerados collaboradores não só os socios como todos que quizerem servir-se destas columnas para a propaganda da agricultura, o que a redacção muito agradece. A lista dos collaboradores será publicada annualmente com o resumo dos trabalhos.

A redacção não se responsabilisa pelas opiniões emittidas em artigos assignados, e que serão publicados sob a exclusiva responsabilidade dos autores.

Os originaes não serão restituídos.

As communicações e correspondencias devem ser dirigidas á Redacção d'A LAVOURA na sede da Sociedade Nacional de Agricultura.

A LAVOURA não accéita assignaturas.

E' distribuida gratuitamente aos socios da Sociedade Nacional de Agricultura.

Condições da publicação dos annuncios

VEZES	MEIA PAGINA	UMA PAGINA
1	12\$000	20\$000
3	30\$000	50\$000
6	50\$000	90\$000
12	90\$000	170\$000

Os annuncios são pagos adeantadamente.

Tiragem 5.000 exemplares

SUMMARIO

	PAGS.
Ensino Agricola	47
Commercio de Fructas.	52
Galeria	56
A Mandioca	59
A Bananeira	69
Superioridade do Boi ao Burro	71
Lavoura nos Estados	77
Lavoura no Estrangeiro.	83
Noticiario	90
Expediente.	112
Parte Commercial.	125
Bibliotheca	130

Ensino Agrícola

Não é certamente avançar uma proposição nova o dizer que o paiz precisa organizar e manter o ensino agrícola. Em todo o decurso de nossa historia de paiz livre tem havido pelo menos a intuição de que a agricultura é alguma cousa que é preciso aprender.

Entre os profissionaes essa intuição era, em geral, tão vaga, tão pouco consistente, que se poderia mesmo dizer não existir e si algum raro fazendeiro escolhia um filho para mandar estudar agricultura, era logo tido por vesanico, desequilibrado, utopista, entre seus pares. Estes, pelo contrario, faziam, de preferencia, uma selecção negativa em sua pro genie para ligar a sua successão professional. Os filhos de intelligencia mais viva iam fazer seus preparatorios e dahi para o funcionalismo publico e, se possivel, para os cursos de bacharelado com rumo á politica. Os de espirito mais tardio e rasteiro, esses, sim, ficavam a se familiarizar com a enxada e o escravo para aprender a ser lavrador e este era então a esperança e a garantia da fortuna agricola da familia, era o perito, o entendido, o arbitro nas questões de agricultura.

Si assim era no seio da propria classe, fóra dahi a intuição não podia ser muito diversa. No emtanto, nos Congressos e nos governos appareciam alguns homens de vistas mais claras, e instituições de ensino agrícola se crearam a largos intervallos, em pontos diversos do paiz, variando de indole e de orientação.

Em um meio assim constituido, logico era que taes instituições não encontravam elementos de vida longa e util.

Os estadistas que succediam aos seus organizadores pensavam diversamente ou não pensavam de todo, nem acreditavam em ensino agrícola; dahi vinha a indiferença por taes estabelecimentos, quando não, pelo peor, algum plano mal concebido de reforma, um córte na verba, ou o trancamento da escola.

Por seu lado os lavradores não viam por que ou para que haviam de enviar-lhes seus filhos, que no seu entender melhor aprenderiam na fazenda. Finalmente os poucos meços que chegavam a fazer o curso agrícola, ao terminal-o, não tinham o que fazer com os conhecimentos que haviam adquirido e precisavam esconder o seu diploma e procurar os meios de vida em outro genero de actividade.

Nessas condições o ensino agrícola era idéi esporádica, não pôde germinar, não teve vida própria, não criou tradição, não evoluiu, não chegou a constituir uma instituição publica, com uma historia, com um plano, dentro do qual prestasse serviços e realizasse progressos.

Intervindo a propaganda, a idéa de ensino começou a ser malhada em todos os sentidos e em todos os tons e ecoou por todo o paiz, fazendo adeptos que alcançaram os proprios homens de governo.

O Estado de S. Paulo que, primeiro, soube se apparellhar para a organização do progresso economico, criou seus orgãos e methodos de ensino.

Com esses elementos criou-se um ambiente novo em que os Estados e seus estadistas vão aurrindo estímulos e inspirações, e, em todo o paiz passou-se a fallar em ensino agrícola, já em moldes bem diversos daquelle que os fazendeiros entendiam ser o unico necessario e conveniente para seus filhos e successores. Foi nesta ultima phase que se operou também a gestação do Ministerio da Agricultura.

Falla-se em ensino; emittem-se opiniões a esse respeito; iniciam-se mesmo empreendimentos. Tudo isso, porém, sob a suggestão individual. Difficil será encontrar razoavel accordo entre duas pessoas dentre as que se occupam desse importante assumpto, tendo cada uma um molde simples e effcaz para resolver o problema.

Para uns é a fazenda modelo, para outros é o campo de demonstração, este confia na escola pratica, aquelle no ensino ambulante, outro no posto zootecnico ou na estação agronomica, raro na escola superior e a maioria nos cursos praticos, elementares, os mais rudimentares possivel, cursos de trabalhadores rurais.

Isso mostra que a idéa está em sua phase de elaboração. Já a sua essencia conquistou todos os suffragios, sua forma, porém, ainda não está esboçada na crysalida. Falta-lhe o delinheamento geral, fallam-lhe as connexas que liguem as partes em um todo, dando-lhe uma forma concreta e harmonica. Falta-lhe um plano organico para que constitua um todo, um systema capaz de produzir o resultado que todos desejam. Cada uma das instituições citadas é um organo de função propria, determinada e util, mas de acção limitada, incapaz de substituir o todo, que é o ensino agrícola, destinado a, num periodo criticosamente aproveitado e relativamente curto, collocar o paiz a par das nações que progredem, não só pela acção espontanea da natureza multiplicada pela acção fatal do tempo e pela força bruta, inconsciente, de augmento de população, mas pela orientação e energia conscientes de um plano orga-

nizado e de dirigentes que sabem o que querem e conhecem o modo de alcançar o que desejam.

E' preciso organizar esse plano como é preciso que os governos que se succederem o saibam executar com firmeza e criterio.

A titulo de modesta contribuição para esse *desideratum*, apresentámos ao 2º Congresso Nacional de Agricultura, que se realisou nesta capital em 1908 uma serie de proposições sobre o ensino agricola.

Não era ainda um plano, mas apenas o seu lineamento geral ou pontos obrigados a que deve obedecer a organização que nos parece necessaria, si não nos illude o estudo que fizemos com dedicado esforço durante nossa viagem a Europa e aos Estados Unidos, de junho de 1907 a maio de 1908.

Tivemos a grande satisfação de ver applaudidas e por unanimidade approvadas essas proposições por parte do Congresso e as reproduzimos aqui porque teremos de justificar cada uma das partes do plano que julgamos necessario organizar.

Eis as conclusões approvadas pelo Congresso:

« 1ª—Prestigiar a agricultura é uma necessidade para que cesse o exodo que se tem operado nos campos a favor das cidades e para que ella possa attrahir, interessar e compensar os esforços e a dedicação de homens e de moços que tenham as legitimas aspirações, proprias dos espiritos bem formados e aptos pela intelligencia, deixando de ser a agricultura o que é hoje — a condição forçada do herdeiro de terras que se não preparou para as explorar e que a custo se resigna ao exilio dos trabalhos mais nobilitados de outras funcções sociaes.

2ª—Restituir á lavoura o antigo prestigio, devido agora, porém, ao valor tanto scientifico quanto remunerador da profissão, e, para isso, preparar os seus profissionaes com os conhecimentos que se tornaram precisos na phase nova em que se tem ella de exercitar, são condições indispensaveis para que a agricultura prospere e garanta o progresso e o engrandecimento do paiz.

3ª—Para esse duplo resultado, geminados, como partes de um mesmo problema, é preciso instituir no paiz a educação e o ensino agricolas para os actuaes lavradores e para as futuras gerações ruraes.

4ª—A educação, visando o escopo de prestigiar a profissão vasada em moldes progressistas, deve se exercer: sobre os adultos, pelas lições praticas, nos campos; sobre a infancia, pelas *lições de cousas agricolas*, na escola primaria.

5ª—Na escola, quando o mestre proctura despertar e educar o espirito de observação da criança, deve, *faça-l-a ver* a lavoura prosperar

com os recursos da sciencia e se arruinar pela pratica da rotina, ao mesmo tempo que assimilar noções intuitivas que gravem no espirito juvenil a confiança na profissão e a sympathia e o respeito pelos homens que a sabem exercer.

6ª—Pensa o Congresso que lançados esses fundamentos na geração mais nova, o trabalho deve ser continuado nos gymnasios, acompanhando o gráo de assimilação dos educandos, pois que a agricultura é e deve ser a funcção mais generalizada do brasileiro e esses institutos, devendo ser *escolas para a vida*, na bella phrase e boa orientação da Belgica, devem completar a escola primaria no preparo de todo o cidadão, que é um pouco agricultor, qualquer que seja a sua profissão effectiva.

7ª—O Congresso lembra que essa é a orientação hoje generalizada nos povos de raça latina e já abraçada pelo espirito pratico dos norteamericanos e ainda mais aconselhavel entre nós, em vista da importancia da funcção agricola e do desprestigio que a invadiu em nosso paiz.

Chamando a attenção dos poderes publicos para o problema, indica a conveniencia da reforma do ensino nas escolas primarias, nos gymnasios, e nas escolas normaes para propaganda e vulgarização das noções elementares de agricultura, pondo a premio os livros que orientem a educação nesse sentido.

8ª—Desse modo se ha de semear no espirito das novas gerações, para a garantia do futuro, o que se não puder colher directamente dos agricultores actuaes. Para os adultos, profissionaes ou não, a acção educativa capaz de prestigiar a agricultura e despertar a confiança em seus resultados, deve ser exercida pelas lições praticas nos campos, mediante demonstrações e pela propaganda oral e escripta.

9ª—Para o operariado agricola que cumpre educar nas praticas da agricultura e da pecuaria, orientadas pelo ensinamento scientifico, o Congresso aconselha os aprendizados agricolas, os campos de demonstração, os cursos praticos nos campos, creados pelas associações agricolas e auxiliados pelos poderes publicos, sob a orientação de profissionaes competentes.

10ª—Entende o Congresso que o ensino agricola deve attender, ao mesmo tempo e com igual empenho, ao preparo profissional e ao preparo scientifico, doutrinario ou docente.

11ª—O ensino profissional compete ás escolas praticas e especiaes, circumscriptas a regiões, especializadas ás culturas locaes, e com igual partilha do tempo de estudo entre as noções geraes da sciencia agricola e a pratica directa e manual dos trabalhos ruraes.

12^a—O ensino scientifico, doutrinario ou docente é da alçada das escolas ou institutos superiores, aparelhados para dar o conhecimento das praticas agricolas, zootechnicas e veterinarias e especialmente organizadas para a pratica scientifica, para as investigações e experiencias e para o magisterio, em ordem a formarem o corpo de agronomos, zootechnistas e veterinarios nacionaes, creadores e directores da agronomia brasileira.

13^a—Pensa o Congresso que a experiencia dos outros povos aconselha que as escolas ou institutos superiores, limitados a um só de character mixto para a agricultura e a zootechnia e veterinaria, ou a um para cada uma dessas especialidades, sejam organizados e dirigidos pela União, para manterem a unidade de plano, como reclama seu character geral e para que possam dispôr dos mais completos e modernos meios de ensino ; sendo as escolas praticas e especiaes organizadas pelos Estados, municipios ou associações, subordinadas a planos e disposições estabelecidas pela União e por esta fiscalizadas e subsidiadas com metade da installação e custeio, ainda com aquelles mesmos intuitos.

14^a—O Congresso indica que a organização da escola ou instituto superior de agricultura, admitta, a semelhança dos institutos norteamericanos, cursos reduzidos de diversos grãos, para a formação de especialidades profissionaes.

15^a—No intuito de promover a frequencia dos institutos de ensino, e assim facilitar e accelerar a formação do corpo de profissionaes competentes, indica o Congresso a instituição de *bolsas de estudo* por parte da União, dos Estados, municipios e associações, sendo preferidos, no instituto superior, os alumnos diplomados em escola pratica, os que melhores notas houverem alcançado nos preparatorios, ou que mais se distinguirem no primeiro anno do curso e nas escolas praticas, os filhos de agricultores e os que revelarem maior aptidão.

16^a—Para que a função do agronomo e do veterinario se forme e se mantenha no paiz, como exigem os interesses da agricultura nacional e o desenvolvimento economico do paiz, cumpre que os poderes publicos a amparem, concedendo-lhe as necessarias garantias, preferindo de modo systematico e constante os diplomados para os cargos das respectivas especialidades e facilitando a aquisição de terras publicas de cultura aos moços que houverem cursado os institutos de ensino agricola do paiz.

17^a—A forma de ensino pela escola interessa ao futuro agricultor; cumpre, porém, ainda, ministrar o ensino profissional ao lavrador actual, que a não póde frequentar. Para isso cumpre instituir o ensino

ambulante, local, a domicilio mesmo, nos moldes das cathedras ambulantes da Italia e do ensino itinerante, das leituras e cursos em correspondencia, á feição do que se faz nos Estados Unidos.

18ª—Para que o ensino, em seus diversos grãos, seja uma realidade proveitosa, não basta o intuito de se dar aos respectivos institutos a feição regulamentar pratica, professional, scientifica ou doutrinaria. É indispensavel ainda a instituição de institutos especiaes para o estudo, se não mesmo para a criação da agricultura nacional, mediante investigações systematicas em seu criterio, generalizadas a todo o paiz e harmonicas em seus trabalhos, para que da convergencia e simultaneidade das observações, resultar possam, com economia de esforços e de tempo, ensinamentos que dirijam, quer a pratica, quer a função docente na agricultura.

19ª—Esses institutos já profusamente disseminados em todos os paizes adiantados e ainda mais necessarios em nosso paiz, em que a agricultura apenas se inicia no terreno scientifico, são as Estações Experimentaes ou Estações Agronomicas, de que a America do Norte fornece os mais aperfeiçoados modelos.

20ª—O Congresso entende que essas Estações, como todo o ensino, devem se centralizar na União, recebendo della a unidade de vistas e de acção, por ser o meio de se abreviarem seus effectos, sem desperdicio de esforços, como se tem verificado na União Americana e nos paizes que a procuram acompanhar em seu admiravel aparelhamento de administração agricola, e devem constituir uma das mais importantes divisões do Ministerio da Agricultura, Industria e Commercio.»

Janeiro de 1910.

WENCESLÃO BELLO.

Commercio de Fructas

Está em plena voga a fructicultura.

Ouve-se fallar a cada momento da grande importancia que terá para o Brasil a exploração das fructas. Ousa-se até exaltar em publico o aureo pomo da *Musa sapientum*, sem que d'ahi advenha mortifero ridiculo ao exaltador!

Quem diria, ha apenas dez annos passados, que alguém pudesse dissertar sobre bananas e bananeiras, sem que lhe cahissem em cima as chufas dos nossos doutores, mestres da arte de bem dizer ?!

Os tempos mudaram de tal fôrma nesta nossa querida *doctorlandia*, que até a gente fica desorientada. Já não é o mesmo Brasil dos tempos conselheiraes ou dos primordios *desta republica*, como era de moda tratar esta boa senhora de barrete rubro, de que afinal de contas todos nós gostamos, embora lhe sejamos por vezes um tanto ou quanto irreverentes.

Quem diria que, neste paiz, das cumiadas do Poder, o Chefe Supremo da Nação, em documento solemne, descesse a tratar do commercio de fructas !? Pois bem, o Sr. Dr. Nilo Peçanha, no exercicio das suas altas funcções, baixou decreto animando o commercio de fructas, conferenciou com agentes de emprezas de transporte, concedeu audiencias, confabulou com homens de negocio sobre o prosaico assumpto da exportação de abacaxis, bananas e abacates, e o mundo não lhe veio em cima !! Ainda bem. Isto significa pura e simplesmente que o Brasil tem progredido espantosamente de uns dez annos para cá. O Brasil tem-se civilisado, empreguemos sem rebuço o verdadeiro vocabulo que o caso exige.

Desde, porém, que nos não vêm á pelle por nos occuparmos de assumptos carpologicos, entremos em materia, affirmando sem rodeios que ao nosso Brasil está quiçá reservado o primeiro logar entre os futuros exportadores de fructas para os grandes centros de consumo, aquem e além do equador. Isto acontecerá por dois motivos: 1º pelo facto de possuir todos os climas culturaveis; 2º devido ás pequenas distancias que medeiam entre as suas principaes zonas de exportação e os centros consumidores, isto é:—Europa, Estados Unidos e republicas platinas.

Attenda-se bem para esta outra razão de valor capital para nós, os brasileiros, e é que, quando o inverno bate em cheio sobre a Europa e Norte America, quando as fructas alli escasseiam e sobem de preço, é justamente quando sazonom os nossos fructos mais valiosos e mais commerciaveis, a saber:— as bananas, os abacaxis, os abacates, as mangas, os fructos esquisitos que o Japão nos doou, as uvas de bello aspecto e delicado sabor, que a propria Europa nos inveja.

No verão europeu e norte-americano, quando o calor requer fructos acidulos, temos a lhes offertar as nossas afamadas laranjas ! Que mais se quer ? As distancias que nos separam dos grandes mercados são insignificantes: pois é um pulo de Pernambuco a Europa, e de Santos,

Paranaguá ou Santa Catharina ao Prata é outro pulo. O freguez está alli mesmo á porta.

Temos os climas precisos para toda e qualquer fructa, temos amplos mercados á porta; que nos falta, pois, para occuparmos o posto que o acaso nos legou? Falta-nos a instrucção technica, que nos habilite a tratar as plantas fructiferas de maneira a lhes augmentar a potencialidade de resistencia e producção; falta-nos a sciencia do manejo e acondicionamento das fructas, quando em demanda dos mercados. Falta, pois, muito, para que possamos concorrer e vencer nos amplos mercados europeus e americanos; porém o que nos falta está á mercê da vontade humana illuminada pela sciencia. Não ha obstaculo irremovivel. Demais, para nos guiar (*à quelque chose malheur est bon*) temos a experiencia dos povos que nos antecederam em civilização. Copiemo-lhes as normas e processos, que tudo mais irá *da se*.

Não ha duvida que a fructicultura remunerará generosamente os capitaes e canceiras dos que lhe são dedicados, mas (cumpre não se illudir) é uma industria delicadissima, pelos conhecimentos que requer. As plantas fructiferas estão sujeitas a um sem numero de inimigos vegetaes, animaes e meteorologicos, que reduzem a nada as mais bellas perspectivas. A cultura, o trato individual de cada planta fructifera, tem segredos que só poucos conhecem. E' por isso, pois, que todos os paizes cultos fundam e custeiam institutos pomologicos, confiando-os ao saber de cientistas experimentados.

Entre nós mesmos, por maior que haja sido a indifferença dos nossos dirigentes pelas cousas agricolas, mesmo assim, já começam a querer interessar-se pela fructicultura. Assim, em S. Paulo e em Porto Alegre, as exposições fructicolas vêm-se repetindo todos os annos com crescente brilhantismo.

Em S. Paulo, por inspiração do grande cidadão Antonio Prado, a municipalidade da Capital mantém uma escola de fructicultura; aqui no Districto Federal, a Sociedade Nacional de Agricultura tambem se mostra empenhada em identica tarefa; em S. Paulo, já se contam estabelecimentos fructicolas, como, por exemplo, o dos Srs. Marengo & Irmãos; Rio Grande do Sul tem tambem fructicultores esclarecidos, em cujo numero o Sr. Ambrosio Perret figura com merecido destaque; a exportação das nossas fructas cresce de anno para anno (*); agora mesmo, o Sr. Dr. Nilo Peçanha, querendo impulsar

(*) Vide a este respeito o 2º volume do — *Brasil e suas riquezas* — pag. 335 a 378.

o commercio de exportação de fructas, decretou premios de animação ; o Sr. Ministro da Agricultura está enviando para Antuerpia partidas e mais partidas de fructas brasileiras, afim de ver si encarrera a nossa producção pomologica para aquelle grande mercado ; o Governo da Republica está agindo para que se fundem amplos estabelecimentos frigorificos nesta Capital, para a boa conservação dos productos de delicado transporte, como sejam os bellos pomos dos nossos climas. Do exposto, não ha negar, forçoso é concluir que ha acção seria para que a fructicultura seja entre nós um factor economico de verdade ; porém não nos illudamos, pois, por muito que produzamos, nunca o commercio de fructas valerá o do café, cacáo, borracha ou o dos nossos outros grandes productos exportaveis. Será mais um genero que drenará para nós o ouro estrangeiro, mas nunca esse *El dorado* que certas pessoas imaginosas sonham. E' grande, não obstante, a somma representativa do commercio mundial de fructas, mas este artigo é delicadissimo e se deteriora com desconcertante rapidez e, não admittindo armazenagem, tem de se escoar promptamente á procura de collocação. Todas essas faces melindrosas do problema fructicola devem ser examinadas, afim de, pesados os prós e contras, ver-se o que resulta de positivo e seguro para o industrial pomicultor. Estas advertencias, longe de tender para desmerecer a propaganda que se está fazendo em prol da fructicultura, tendem antes de tudo pôr de sobre aviso aos Srs. agricultores, afim de que se orientem convenientemente e não se atirem ás cegas em tão delicada empreza. As nossas condições climaticas e geographicas são ideaes para a cultura e commercio de fructas, mas não basta isto tão somente. Faz-se mister a necessaria instrucção sobre a materia. Instrucção verdadeira, conhecimento exacto do assumpto, é do que mais carecemos para podermos vencer na concurrencia dos mercados.

A' guiza de informação, vamos dar alguns algarismos tendentes a mostrar a importancia das fructas no intercambio mundial e o quinhão que cabe ao Brasil no concerto dos povos. Posto que modesto, o nosso commercio de fructas está, todavia, firme e crescente, como o leitor poderá verificar percorrendo as paginas da nossa estatistica commercial. Por alli se vê que a exportação das fructas brasileiras subiu de 694:223\$000 ouro, em 1907, a 869:372\$000 em 1908, o que dá um bello *superavit* de 175:149\$000 ouro ou 315:000\$000 papel, ao cambio da *Caixa*. Para a formação das duas grandes sommas supra expostas, as bananas, os abacaxis e as laranjas concorrem com as seguintes parcellas, a saber :

	1907	1908
Bananas (valor em ouro)	565:229\$000	731:881\$000
Abacaxis » » »	45:901\$000	72:791\$000
Laranjas » » »	18:391\$000	15:851\$000
Tangerinas » » »	9:538\$000	9:701\$000

Quasi toda a nossa exportação de bananas vae para a Republica Argentina e procede do sul do Brasil. Do norte pouco se exporta ; todavia ha excellentes mercados para esta região brasileira. *Verbi gratia*, a Inglaterra, que é o maior comprador de fructas, despendeu em 1908 cerca de 11.000.000 esterlinos ou 176 mil contos papel, com a importação de fructas frescas (*fresh fruits*). Do total de 11 milhões esterlinos, a metade constitue a parte das bananas e fructos citrinos, isto é, laranjas e limões.

Os Estados Unidos, que são tambem grandes importadores de fructas, despenderam em em 1908 :

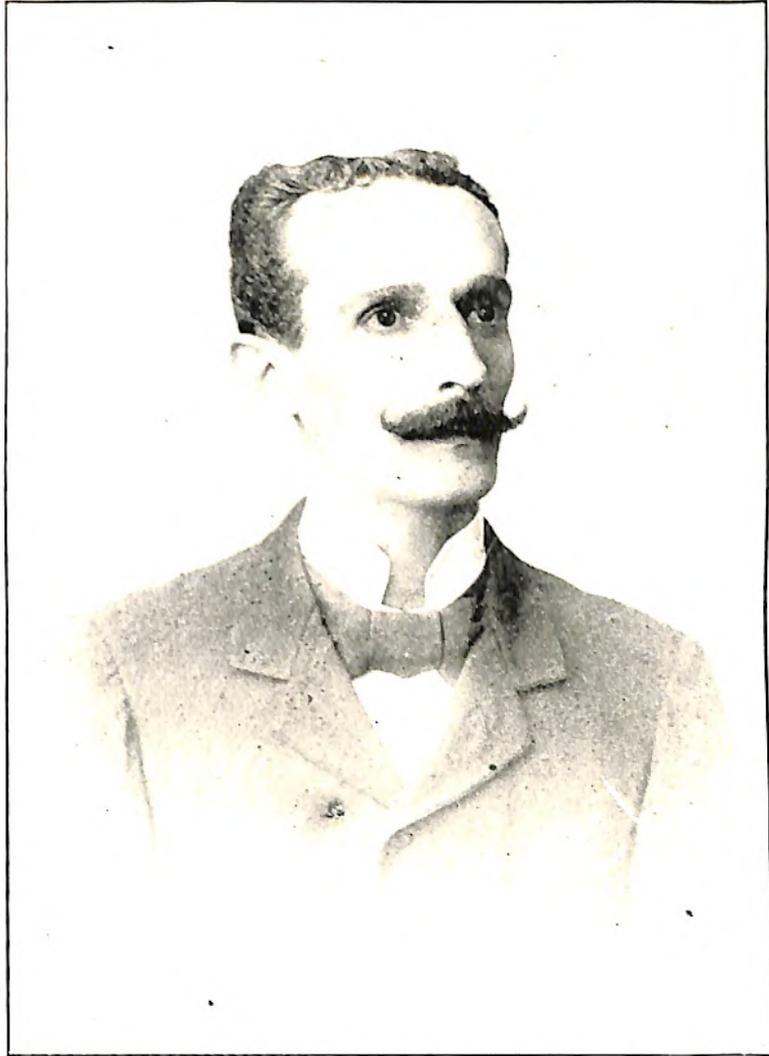
	Dollars
Com limões (em grande parte vindos da Italia)	4.400.000
Com bananas (em grande parte vindas da America Central e Antilhas)	11.400.000

Para finalizar, queremos lembrar ao leitor, que da America Central (Costa Rica), Antilhas e Italia a Boston e Liverpool, as distancias são maiores e os meios de transporte muito mais morosos do que os de Pernambuco e Pará á Europa e do que os de Santa Catharina á Republica Argentina. Em face destes dados, é de suppor, nada mais precisamos dizer.

A. GOMES CARMO.

Galeria

A secção que ora se começa subordinada á epigraphe — Galeria — é um preito de homenagem, um alto expoente da mais acrysolada justiça aos que, commungando na mesma ordem de idéas a que se impoz a Sociedade Nacional de Agricultura, deram em pról da objectividade das mesmas o melhor dos seus esforços, da sua intelligencia e da sua actividade.



DR. ADOLPHO BARBALHO DE UCHÔA CAVALCANTI



Que espiritos innatamente affeitos ao epigramma, á mordacidade de natureza quasi doentia, não vejam na fôrma que entendemos dar á alludida secção, linhas que se não moldem pelas mais impeccaveis e correctas que só a intenção honesta e sã, o culto da justiça e o dever de gratidão, podem digna e airosamente apresentar.

Em verdade, diz Spencer, o discernimento no seu maximo de intensidade exprime, qualifica a intelligencia humana no mais aprimorado do seu inegualavel quilate; e porque essa faculdade nos não falha, e temol-a em quinhão que nos não desprimora, é que resolvemos dizer e assignalar, de certos e determinados homens que se têm dedicado á santa cruzada da remodelação da agricultura nacional, cousas e factos muito de honrar e de ennobrecer.

A ordem de successão dos que terão de ser retratados e biographados aqui, não implica maior ou menor valor de cada um delles; ao contrario, todos, todos nos merecem igualmente, e o estalão desse merecimento para nós é sempre o mesmo— a galeria a que vão honrar.

Não ha, pois, no numero de ordem, primasias nem preferencias, e tão somente o aproveitamento dos dados que nos forem chegando ou que já possuirmos, conjunctamente com a facilidade de divulgar os nomes e serviços dos que disto se tornaram merecedores, estejam elles vivos ou já pertençam ao numero dos mortos illustres.

* * *

Dr. Adolpho Barbalho de Uchôa Cavalcanti

O Dr. Adolpho Barbalho de Uchôa Cavalcanti, nasceu em Pernambuco a 22 de outubro de 1865, era filho do Senador Alvaro Barbalho de Uchôa Cavalcanti e D. Anna Mauricio Wanderley Cavalcanti.

Engenheiro civil e industrial, pela Escola Polytechnica, do Rio de Janeiro, se distinguiu pela sua grande applicação e talento, sendo, por este facto, considerado como um dos mais distinctos alumnos do velho mestre W. Michler.

Concluindo os seus estudos no verdor dos annos e enriquecido de sciencia, cheio de esperanças e visando o futuro real do nosso paiz, entrou o nosso biographado em plena actividade.

Nomeado engenheiro da Commissão Cadastral da Capital Federal, o Dr. A. Barbalho, revelou a sua grande capacidade profissional, na medição de duas bases, uma, nos campos de Santa Cruz, outra, no do Arpoador, operações estas consideradas pelos competentes, como um dos problemas mais delicados e difficeis da geodesia.

O Estado de Pernambuco, apreciando os elevados talentos e cultura do illustre Dr. Adolpho Barbalho, convidou-o a dirigir e organizar a Escola Industrial Agricola Frei Caneca, commissão esta que desempenhou com o maior valor scientifico e administrativo.

A organização do Instituto Frei Caneca, era effectivamente um modelo no genero; nessa organização o Dr. A. Barbalho não se poupou a trabalhos nem a sacrificios; não deixou de corresponder á confiança de que era depositario, empregando esforços de intelligencia, vencendo com paciencia e reflexão os preconceitos do meio, as difficuldades creadas pelos adversarios e pelos rotineiros.

Por meio de seus escriptos e com a sua palavra meiga e convincente, combateu a rotina, aconselhando os melhores methodos de cultura, de fabrico de assucar e melhoramento do gado, promovendo a introduccão de machinas uteis.

Nomeado director do Instituto Agronomico de Campinas, jamais poupou esforços para pôr em destaque tão util instituição scientifica, revelando tambem capacidade administrativa digna de nota.

Foi lente da cadeira de chimica da Escola Polytechnica de S. Paulo. As Inspectorias Agricolas do Estado de S. Paulo muito e muito lhe devem, pois foi elle o organizador dellas—trabalho a que presidiu elevadissimo criterio a par de um descortino pratico pouco commum no nosso meio.

Escreveu tambem varias monographias agricolas, de grande valor, e um «Curso de Zootechnia Geral e Especial», obra excellente pela clareza do seu methodo expositivo e pelas exactas observações.

Minado, alquebrado por pertinaz molestia, falleceu aos 27 de setembro de 1909, nos Campos de Jordão, o Dr. Uchôa Cavalcanti, em pleno verdor dos annos, quando a patria ainda esperava da sua cultura intellectual, da sua actividade e do seu amor pela agricultura, contingente valioso e productivo.

A Lavoura rende um preito de saudade e de admiração á sua nobilissima memoria, e insculpe o seu nome na galeria dos benemeritos da agricultura nacional.

Culturas indigenatas

I

A MANDIOCA

A mandioca é um arbusto da familia das Euphorbiaceas, da tribu das Crotoneas, originaria do Brazil. Duas variedades são cultivadas: *Manihot ultissima* Pohl, e *Manihot aipi* Pohl.

Deixamos intencionalmente de fallar em seus caracteres botanicos para enviar o leitor ao artigo do Dr. Paschoal de Moraes, sobre esta planta raiz, nos ns. 20 e 21 do «Jornal dos Agricultores» do Rio, anno de 1907, ou ainda ao «Livro do Lavrador» de Manoel Dutra, pags. 317 e seguintes.

A *Manihot ultissima*, de muito maior producção que sua congenera, encerra 25 % de fecula no seu maximo de rendimento. Eis, segundo Payer a composição de suas raizes:

Fecula	23.10
Assucar e gomma	5.53
Cellulose, pectose e acido pectico	1.50
Materias azotadas.	1.17
» gordas	0.40
Saes mineraes	0.65
Agua	67.65
	<hr/>
	100.00

A *manihot aipi*, posto que seu rendimento seja menor por hectares, a sua porcentagem em fecula eleva-se a 27 % na média, como se vê da analyse seguinte:

Fecula.	27.67
Celluloses, etc	2.25
Materias azotadas	1.52
» gordas	0.83
» não determinadas.	2.03
Agua	65.70
	<hr/>
	100.00

Principios toxicos.— A differença dos principios toxicos das duas variedades de mandioca, está bem longe de ser absoluta; é certo que ambas contêm o acido cyanhydrico e, em egualdade de condições, a *ultissima* (amarga) mais que a *aipi* (doce). Pensamos que o modo de cultura, de *habitat* e afolhamento tem notavel influencia sobre a sua formação, e que segundo o caso, a amarga pôde transformar-se em doce e o inverso tambem é verdadeiro. Tem-se visto pela cultu a consecutiva no mesmo solo, a mandioca doce transformar-se em amarga; em Amaui, cultivando-se esta em sólos onde nunca vegetou euphorbiaceas, transformou-se em doce. Demais, diz o professor Zimmermann, «que a riqueza em acido cyanhydrico, não está sómente ligada á variedade botanica, mas tambem ás condições de cultura, e é sabido que as mandiocas, as mais doces, contêm sempre uma grande quantidade de veneno nas cascas das raizes. Nas variedades toxicas o veneno é distribuido mais uniformemente por toda a raiz.»

Pelas analyses do Sr. E. Francis, dá-nos o seguinte resultado:

Para 100 kilogrammas de raiz:

	MANDIOCA DOCE	MANDIOCA AMARGA
Maximo	0,0238	0,0412
Minimo.	0,0113	0,0113
Média	0,0116	0,0275

Outra analyse, feita pelo Sr. Carmody:

	MANDIOCA DOCE		MANDIOCA AMARGA	
	Casca	Centro	Casca	Centro
Maximo.	0,012	0,015	0,056	0,037
Minimo.	0,014	0,003	0,012	0,013

O acido cyanhydrico ou acido prussico, que é soluvel na agua, é destruido promptamente pela fermentação ou cocção. Porter, diz: «que o principio venenoso reside no succo e sendo muito volatil e soluvel, desaparece pela torrefacção da massa ou pela simples exposição das

raspas ao sol». Este principio deleterio determina vomitos, convulsões e depois a morte.

Affirmam uns, que a casca da mandioca é o seu contra-veneno, e que ella é que convém dar aos animaes para prevenir accidentes. O sertanejo do Ceará julga que, os animaes que a comem sujas de terra estão fóra de perigo, o que absolutamente não podemos dar credito. Nas Indias e Goyanas se servem da maceração de pimentas vermelhas na aguardente, como antidoto.

A toxicidade augmenta com a altitude. As folhas são inoffensivas e podem ser empregadas como forragem verde.

Habitat e solos. A mandioca se cultiva em toda parte dos paizes intertropicaes. A partir de 250 metros de altitude o seu rendimento vae diminuindo, porque a sua porcentagem em acido cyanhydrico vae augmentando, mesmo porque a altitude corrige a latitude.

A mandioca é amante de solos profundos, bem lavrados, de boa exposição ao sol e que se seque facilmente, como os selico-argilozos e de aluviões. Accommodam-se, porém, em todas as terras desde as fortemente argilosas até as areias das bordas do mar. Ella só teme a humidade estagnada, as suas raizes se enchem d'agua apodrecendo depois. Climas quentes e seccos são os que mais lhes convém.

Affirmam alguns agronomos, como Henzé, Colson, Bernays e Sagot que este arbusto vegeta melhor nas proximidades do mar, e o ultimo diz ter visto terrenos que, na apparencia, eram estereis cobertos de bellos mandiocaes..

Não ousamos querer contestar a palavra autorizada daquelles competentes profissionaes, mas no Brazil, vegetará bem em toda parte onde se planta. Sua área geographica é de 30° para cada lado do equador.

Reprodução e selecção — A mandioca se reproduz, quer pelos grãos, quer pelos toros de sua haste, quer finalmente pelos filhos das raizes. A propagação pelos toros é que é geralmente utilizada. As sementes, além de não terem boa vegetação, porque já tem perdido em parte a sua faculdade germinativa, por causa do processo usual que é artificial, dá-se um phenomeno de reversão para o typo primitivo, como na batata e outras plantas tuberosas, ou creando uma variedade diversa áquella que lhe produzir, com raizes pequenas e pobres em fecula. Os filhos das raizes tem o inconveniente de não augmentarem a colheita; os toros da mandiba transmittem á nova planta todos os caracteres e qualidades productivas, é pois o melhor processo.

A selecção cuidadosa e criteriosa dos toros é o caminho mais curto para augmentar-se a produção.

Devem-se regeitar os estrumes em absoluto; o centro da mandiba é o melhor. Não deve ser demasiado velha nem muito nova: as muito verdes dão muito fraco rendimento, assim como o extremo superior, aquellas difficilmente nascem bem como os troncos das melhores. Por este systema, um hectare colhido fornece semente para tres ou quatro.

Os toros devem ter de 10 a 15 centimetros de comprimento; maiores são prejudiciaes porque nascem um grande numero de raizes em detrimento umas das outras. Não devemos sómente procurar a quantidade, mas tambem a qualidade; uma raiz bem alimentada, e desenvolvida vale mais que tres *imbriras* que só tem casca. Os tóros cortados devem ser immediatamente plantados porque seccam mui facilmente.

Plantação — Dada a extensão de nosso territorio não podemos fixar épocas de plantio: a do Rio Grande do Sul é bem diversa da do Amazonas, como a do litoral para o interior, das serras para os valles, varia em largos limites. Demais a época de cada zona é bem conhecida dos lavradores.

Num terreno lavrado a charrua devemos plantar geralmente com 0,^m70 de intervallo sobre as linhas e de 1,^m20 entre ellas, conta-se por hectare 11.930 pés.

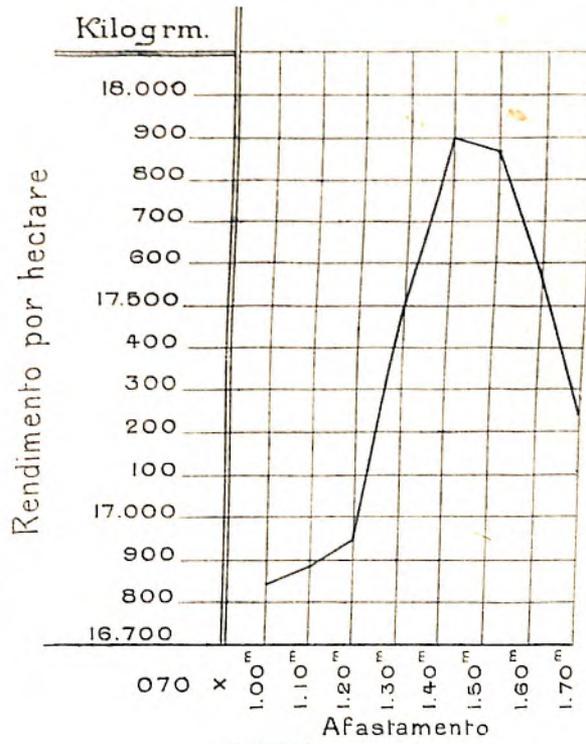
As covas devem ter de 0,12 a 0,^m15 de profundidade por 0,^m10 a 0,^m15 de comprimento e largura. O semeador collocará um ou dous tóros de mandiba, posto obliquamente em cada cova tendo o cuidado de fazel-os adherir bem ao sólo, para evitar que se perca a plantação; depois fecha-se a cova, pulverizando-se a terra com a mão e em seguida dá-se uma forte compressão com o pé.

Não se deve plantar em dias de grandes chuvas; corre o risco de apodrecer os tóros. Segundo o gráo de humidade do sólo o apparecimento das primeiras folhas vae de 15 a 20 dias depois da plantação.

Experiencias feitas na Estação Agronomica de Reunião deram o resultado seguinte, plantando-se com a distancia de 0,^m70 sobre linhas:

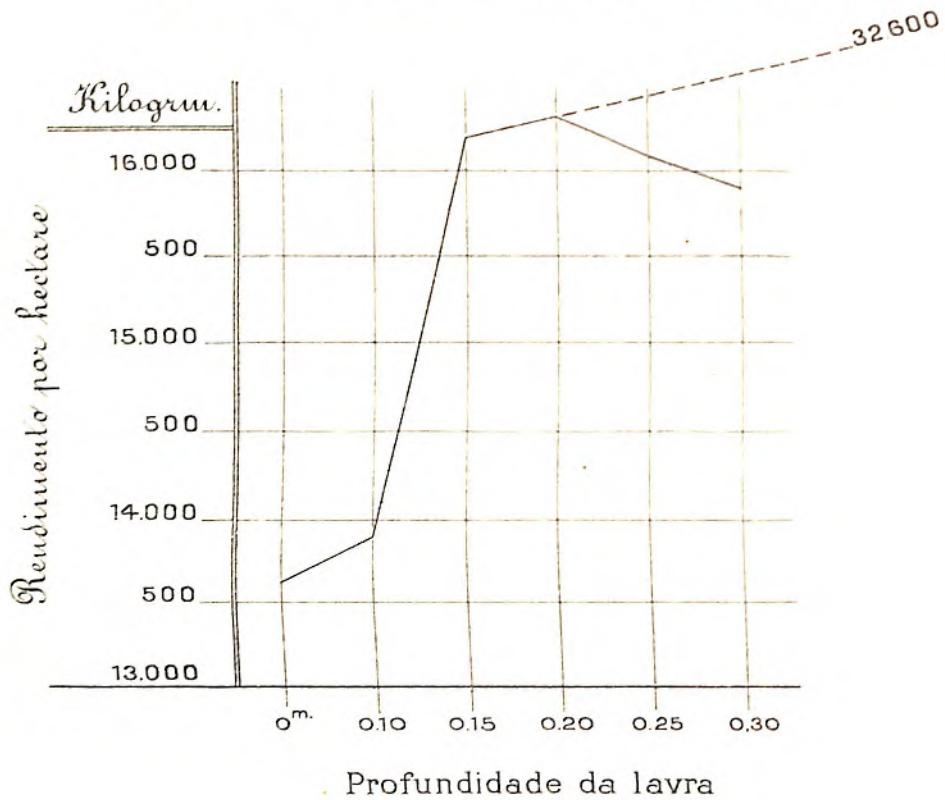
Distancias entre as linhas	Rendimento por hectare
1 metro	16.850 kilogrammas
1,10.	16.890 »
1,20.	16.960 »
1,30.	17.500 »
1,40.	17.900 »
1,50.	17.870 »
1,60.	17.575 »
1,70.	17.250 »

DIAGRAMMA DA INFLUENCIA DO AFASTAMENTO.



IMP. RACIONAL

DIAGRAMMA DA INFLUENCIA DA PROFUNDIDADE DA LAVRA



LEGENDA:

- solo lavrado
- - - " " á 0^m.20 e
subsolado á 0^m.15

A distancia a mais favoravel foi de $0,^m70 \times 1,^m40$, cujo rendimento por hectare attingiu ao maximo com 17.900 kilogrammas para 10.100 pés.

Cultura e limpas — Uma condição indispensavel para o augmento da colheita é, além do sólo profundo, a intervenção judiciosa da charrua. Como a mandioca teme extraordinariamente aos ventos, é prudente preparar-se o terreno, destinado á sua cultura, um mez antes do plantio.

Eis os resultados obtidos em relação á profundidade da lavra, pela mesma estação :

Natureza da lavra	Rendimento por hectare
Sem lavra.	13.630 kilogrammas
Lavra de $0,^{10}m$	13.893 »
» » $0,^{15}m$	16.208 »
» » $0,^{20}m$	16.320 »
» » $0,^{25}m$	16.100 »
» » $0,^{30}m$	15.900 »

Este sólo era pobre e tinha apenas $0,^{22}m$ ou $0,^{23}m$ de profundidade na camada aravel, o sub-sólo de qualidade inferior é impróprio para a cultura, a relha trouxe-o para a superficie, e quando o sulco passou de $0,^{20}m$, o rendimento foi diminuindo. Não teria sido o mesmo, se este sólo fosse lavrado a $0,^{20}m$ e sub-solado, o augmento seria sensível (1).

O mandiocal deve ser sempre expurgado das hervas damninhas, pois as más plantas utilizam tambem a humidade do sólo, e os principios nutritivos que aos pés de mandioca são destinados, com grande prejuizo para o seu desenvolvimento e por consequencia para o lavrador tambem.

Não se póde fixar de uma maneira absoluta, épocas para esta ou aquella operação, muito menos para as sochas ; um terreno mal preparado e humido cobre-se de hervas tantas vezes se muda. E' util que, um mez depois de plantada, se dê a primeira limpa a enxada, a mão ou a cavallo, um mez e meio depois outra. Convém nesta segunda, arrancar as hastes que houver de mais, isto é, deixar sómente as duas ou tres, as mais fortes e bellas, em cada pé ; se esta operação não fôr a tempo praticada, o rendimento em raizes diminue. Do sexto ao nono

(1) Vide *A Lavoura* de junho de 1899, pag. 106, e *Travaux et machines pour la mise e culture de terres* — Ringelman pag. 79.

mez dá-se a terceira limpa, abacelando-se ligeiramente o mandiocal, dous ou tres mezes depois repete-se esta operação, mas, com o cuidado necessario para não ferir as raizes superficiaes. Nestas ultimas carpas não se devem usar machinas atrelladas. Com seis mezes, ou mesmo antes, o terreno estará totalmente coberto pelos ramos, então a vegetação damninha já não prosperará.

O *decote* é uma operação que tem merecido muitas contradictas: uns pensam que as raizes engrossam; outros porém que se atrazam. Havendo necessidade de fazel-o, para obter-se semente faça-se a 0^m,50 de altura. Sem folhas, sem carbonico e sem a luz do sol não teremos de nenhuma fôrma, nem amido, nem assucar. E' um principio de physiologia vegetal. Como afirmar que o decote engrossa as raizes?

Maturação e colheita. — Na sua maioria, quasi todas as mandiocas amargas, attingem ao seu maximo rendimento, quando sua maturação está completa, isto é, entre 18 e 24 vezes. Nas variedades doces a maturação é muito mais breve, vae de 8 a 12 mezes. Demais, a maturação varia com a cultura, estado de humidade do solo, variedade etc., etc. Algumas mandiocas amargas, dizem, podem ficar tres ou mais annos na terra sem nenhum inconveniente. Isto é conhecido, mas um lavrador progressista não deve invocar esta faculdade da planta sem motivos muito justificaveis. « Não incommodam a quem as cultiva, dão-lhe tempo e esperam », porém esperam em pura perda, sem augmento de producção compensadora relativa ao tempo e depreciando o producto pois será pobre em feca e rico em cellulose. E' o que podemos chamar: *farrinha de pão*.

Os signaes caracteristicos da maturação são os seguintes: a mutação do verde escuro da folhagem para amarello e em seguida a cahida da folha para o seccamento das extremidades dos ramos, sendo o ultimo indicativo para a colheita, que é o mais importante, apazar tambem de empirico, comtudo é melhor que nos levemos somente pelo tempo de vegetação ou época de colheita da região.

Rendimento. — São muito variaveis os seus rendimentos, que estão em relação com o preparo do sólo, cultura anterior, altitude, longitude, regimen das chuvas, variedade cultivada, etc.

Para a mandioca doce cultivada em Reunião é reputado bom rendimento 22.500 kilogrammas, e os de 60.000 são excepçoes. Na America, onde cultivam em grande escala as variedades amargas que dão na média 120.000 kilogrammas por hectare. No Brasil, com a cultura rotineira que ainda adoptamos, attinge a 80.000 kilogrammas de raizes por hectare e póde certamente elevar-se, com bom preparo do sólo e

fertilização apropriada a 200.000 kilogrammas. Qualquer que seja a variedade contém de 1 1/2 a 2 % de cascas. A porcentagem em farinha ou aparas sobre o rendimento bruto é na média 29 %; mínimo 24 %; máximo 33 % 1/3 ou 1/4 do pezo total da colheita. O rendimento em amido é de 13,3 %.

O rendimento é consideravel, affirma Nicholls, passa mesmo por ser uma das mais productivas do mundo; um hectare de mandioca produz mais materia nutritiva que seis hectares de trigo.

Afolhamento — Não ha nenhuma conveniencia em se cultivar a mandioca duas vezes consecutivas sobre o mesmo sólo, como ficou dito. Deve precedel-a uma leguminosa e melhor ainda, uma leguminosa e depois uma graminea.

Quem escreve estas linhas possui um pouco da variedade amarga, cultivada em um sólo, que havia seis annos não levava esta euphorbiacea. A *mantqueira* (succo venenoso) que foi apreciado por diversas aves gallinaceas, suinos e cães, nada em absoluto tiveram.

Culturas intercaladas — Entre as linhas da mandioca podemos utilmente plantar para fazer face as despezas de carpas, etc., milho, feijão ou fumo que vivem sem se encommoarem mutuamente.

Forragens de mandioca. — Como dissemos, as folhas podem ser utilizadas como forragem verde, ellas não encerram nenhum principio venenoso, assim como os extremos dos ramos, que são, aliás, ricos em materia azotada. As aparas, Boname collocou entre os alimentos forrageiros concentrados; é optimo para os animaes. Nas cidades devia ser a base da alimentação das vaccas leiteras. A relação nutritiva modifica-se com a variedade. A ração diaria oscilla entre 6 a 10 kilogrammas.

Amido e farinha — Eis as analyses dos dous principaes productos da mandioca;

Amido

Amido.	84,05	
Materias albuminoides . .	0,35	
Cinzas.	0,39	
Agua	15,21	100.00

Farinha

Fecula.	85,95	
Materias albuminoides . .	0,63	
Cinzas.	0,12	
Agua	13,30	100.00

Conservação—As raízes da mandioca não podem ser conservadas. Logo depois de arrancadas é necessário convertel-as em farinha ou aparas. Depois das 24 horas principia a apparecer, no centro das raízes, traços esverdeados que é a concentração do veneno.

Fertilização—Não indagamos se a mandioca é ou não uma planta esgotadora do sólo, não podemos affirmar, apenas diremos, que ella o empobrece em principios mineraes que encerram as suas cinzas. Eis segundo Boname a média centesimal:

Cinzas

Acido phosphorico	8,53 kilogrammas
Cal	6,85 »
Potassa	47,01 »

Raiz

Acido phosphorico	0,085 kilogrammas
Cal	0,063 »
Potassa	0,454 »

Azoto 0,153

O predominante é a potassa como é para todas as plantas raízes e tuberculos sem excepção, e eis porque estes vegetaes só dão bellas colheitas em sólos ricos deste mineral, ou em outras terras que sejam adubadas largamente com elle.

« Uma observação muito interessante, que não deixamos de assignalar, é que os estrumes potassicos offerecem não só a vantagem de augmentar as materias amilaceas, mais ainda de reduzir as azotadas.

« Ora, na cultura da mandioca, se attribue, a applicação de estrumes azotados, a formação de raízes amargas e estas são muito ricas em azoto. » (Henri Blin).

O augmento de acido cyanhydrico, tambem se nota em culturas feitas em sólos muito ricos em materias organicas azotadas, do que em sólos pobres deste elemento. Podemos dizer que, a potassa está para a mandioca como o acido phosphorico para as gramineas, isto é, regulando o excesso de azoto e desta sorte evitando que se tornem as raízes amargas e consequentemente inuteis.

Haffner, citado por Blin, de suas experiencias deduz a conclusão seguinte : E' sobretudo a potassa que age sobre a mandioca. A addição

Diagramma mostrando a influencia dos estrumes.

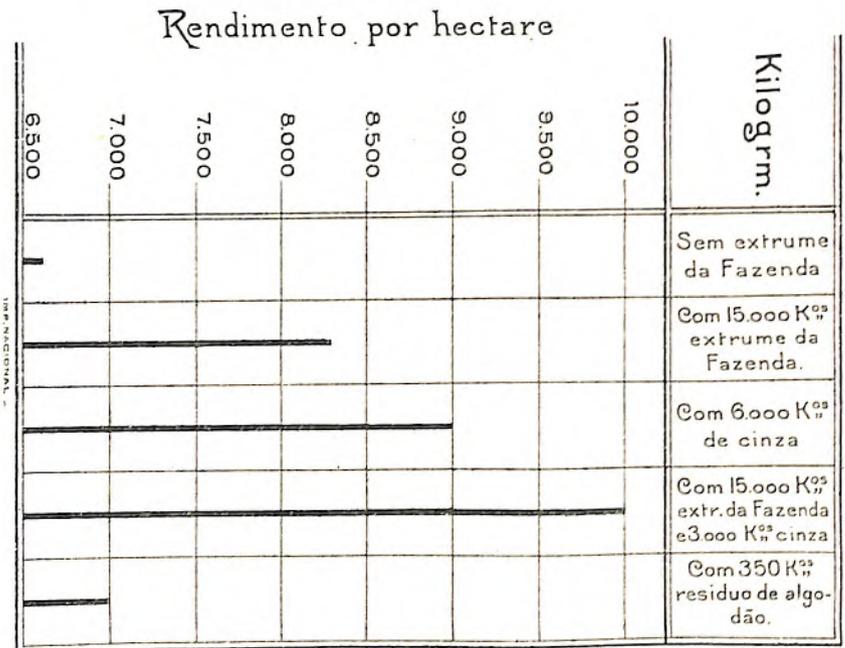
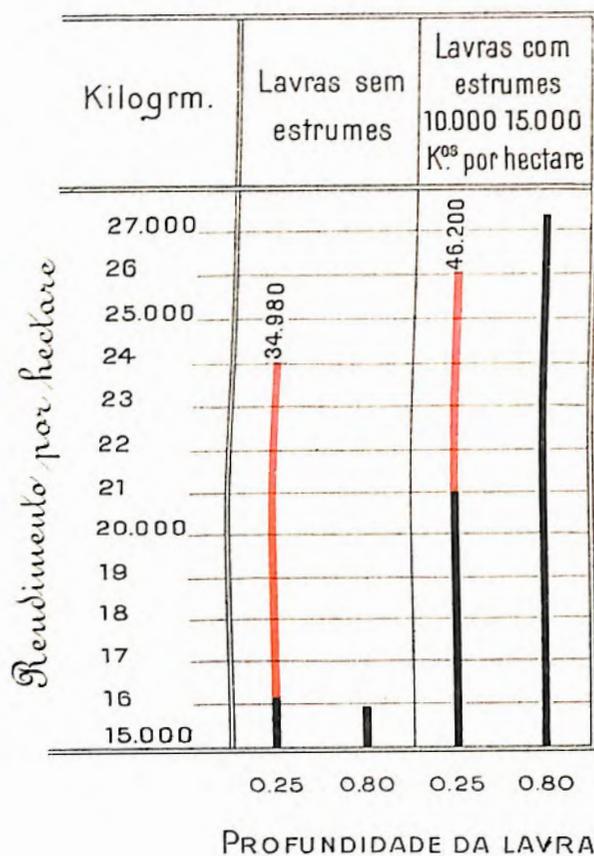


Diagramma dos estrumes em refação á lavra



LEGENDA:

- solo lavrado
- " " á 0^m.25 e subsolado a 0^m.25

de cinzas muito ricas em potassa (1) é o estrume menos caro e que dá o rendimento mais elevado:

Sem estrume	6.666 kilogrammas	
15.000 kilos de estrume da fazenda	8.300	»
6.000 kilos de cinzas . . .	9.000	»
15.000 kilos de estrume da fazenda e 3.000 kilos de cinzas	10.000	»
350 kilos de residuo de caroço de algodão	7.000	»

Segundo H. Jumelle o estrume que melhores resultados tem dado em sólos ricos em humos é o seguinte, por hectare:

Nitrato de sodio	300 kilogrammas	
Superphosphato de cal (15 % sol.)	400	»
Chlorureto de potassio . . .	100	»

A Estação Agronomica de Reunião dá-nos a conhecer os seguintes resultados :

LAVRA	RENDIMENTO POR HECTARE		ESTRUME POR HECTARE
	Sem estrume	Com estrume	
0 ^m ,25	kilog. 16.100	kilog. 21.000	kilog. 10.000
0,80	15.900	27.360	15.000

Aconselha ainda a formula aconselhada por Jumelle e mais a seguinte:

Nitrato de sodio.	190 kilogrammas	
Superphosphato de cal . . .	400	»
Nitrato de potassio	130	»

(1) Vide o *Jornal dos Agricultores*. Rio — n. 8, de 1903, pag. 203 e seg.

Concluindo dizemos: a riqueza em principios fertilisantes assimilaveis é proporcional á colheita, por outra, tanto maior são estes principios, tanto mais abundante será a colheita.

Numa colheita de 10.000 kilogrammas é exportado da fazenda pelas raizes as seguintes substancias:

Acido phosphorico	k 8,500 grammas
Cal	6,300 »
Potassa	45,400 »

Azoto 15^k,300 grammas

Se a colheita fosse de 100 ou 200.000 kilogrammas que quantidade assombrosa de principios mineraes não desfalaria a terra? Que tempo será preciso para mobilisar-se outra quantidade igual á vendida? A mandioca esgota ou não o sólo em principios numeræes, acaba ou não por tornal-o esteril?

Doenças

Somente a lagarta (*Hederna litralis*) ataca algumas vezes no apparecimento de suas primeiras folhas, cortando-as rente ao chão ou desovando no centro de suas hastes. Para combater, podemos empregar a seguinte formula de Riley:

Kerosene.	6.500 grammas
Sabão duro ordinario	250 »
Agua.	4 litros

Para applicar junte-se 10 litros d'agua.

* * *

A cultura da mandioca vae se generalizando de dia para dia por toda parte onde póde ser cultivada. Na America tem ella merecido nestes ultimos annos cuidados e estudos especiaes. A França e a Allemanha mandam estudar em suas colonias os methodos racionaes de cultura, etc., e que muito têm feito suas estações.

O amido passava já alguns annos como um alimento nutritivo e de facil digestão; agora a *farinha de pão* se vae acreditando, felizmente; já passa por alimenticia e já não é tão indigesta.

Numa communicação dos Srs. André Gouin et P. Andovard, dirigida á Sociedade Nacional de Agricultura de França, na secção de

27 de junho ultimo, intitulada «L'emploi de la farine du mandioc dans l'élevage des veaux», reunindo numerosas experiencias feitas pelos seus autores, lê-se: «A papa da mandioca, tem sobre a da fecula da batata a vantagem de se liquefazer totalmente; incorporando-se facilmente ao leite descremado sua prompta e completa digestão não é embaraçada por nenhum obstaculo de ordem mechanica».

Elevemos o rendimento por hectare, com o emprego de estrumes apropriados; diminuiremos as despesas de cultura com o emprego dos mecanismos agrarios modernos, que traz-nos dest'arte barateado o producto, e então, estamos certos, ninguem, em nenhuma parte do mundo, poderá competir connosco.

Pequenas experiencias podem ser feitas por qualquer lavrador para experimentar.

EDUARDO LISBÔA.

Bibliographia

Para maiores esclarecimentos consultem as seguintes obras:

Historia das Plantas e de goso do Brasil—T. Pekolt.

O Livro do Lavrador—M. Dutra.

Culture et Industrie du mandioc—Colson et Chaki.

Les Plantes Alimentaires des Pays Chauds—G. Houzé.

Petit Traité d'Agriculture Tropicale—H. A. Niclolls.

Les Cultures Coloniales, 1º volume—H. Jumelle.

A Lavoura—Dezembro de 1900, março a junho de 1901.

Jornal dos Agricultores (Rio), — Annos de 1903 e 1907.

Journal d'Agriculture Pratique—Tomo II de 1908, tomo I de 1909.

Journal d'Agriculture Tropicale—Annos de 1907 e 1908.

L'Agriculture Pratique des Pays Chauds—Annos de 1906 e 1908.

A bananeira

CONFERENCIA LIDA PELO DR. RAPHAEL URIBE URIBE PERANTE A SOCIEDADE DE AGRICULTORES DA COLUMBIA, EM 17 DE MARÇO DE 1908

Denominação — Quanto ao nome generico que em linguagem vulgar tem a planta, o mais generalizado nos paizes americanos é — *plátano*, do latim *platanus*, derivado por sua vez do grego *plátanos*, de *platus*, também como allusão ás folhas longas e largas da arvore.

Convém, porém, advertir ser o proprio nome de platano, francez — *platane*, correspondente a uma arvore das zonas temperadas, que

atinge até 40 metros de altura, enorme grossura de tronco e extraordinario desenvolvimento de côpa.

A etymologia justifica a applicação do nome *plátano* á bananeira, pelas dimensões de suas folhas, porém, não pela semelhança com o platano europeu que é nenhuma.

E não é facil explicar por que os hespanhões appellidaram assim esta planta, quer a trouxessem do velho mundo, quer a encontrassem na America.

No tocante á palavra banana, dizem uns, viera do Indostão, e outros pertencer á lingua indigena do Chaco, estreitamente relacionada com o guarany.

E' o vocabulo que em inglez, francez e outras linguas vivas, serve para designar todo o genero *musa*; emquanto que nós damos esse nome á variedade que se come sem coser, como fructo de mesa, destinada hoje á exportação especialmente.

E' a mesma que em Costa Rica denominam *guiné*, cujo nome se não deve identificar com a variedade que no interior da Columbia nomeam assim.

Oxalá se podesse convir em chamar banana ao vegetal e platano ao fructo, isto é, a cada um dos que constituem o cacho.

Ainda que a designação generica de platano applicada á planta me pareça impropria, segundo ficou dito, julgo difficil modificar o habito tão usado, muito embora, para evitar confusões, se o aggregasse ao adjectivo da variedade: platano panifero, platano dominicano, platano banana.

Nesta conferencia fallarei indistinctamente de plátano, guiné e banana, até chegar a circumscrever o ultimo termo, applicando-o ao fructo de exportação e a planta que o produz.

Geographia. — A banana se cultiva em uma faixa de 75° de amplitude em de redor do globo, desde os 35° do hemispherio austral até os 40° do boreal; porém, não ha duvida que a sua região propria está circumscripta pelos tropicos, porquanto, mais além, as estações commecam a ser sensiveis e dest'arte a planta não póde accumular o coefferente de calor indispensavel para o seu desenvolvimento e fructificação normaes.

Como quer que seja, a banana é um dos vegetaes mais espalhados no mundo e especialmente no continente americano, sobretudo depois que Humboldt chamou a attenção sobre elle e demonstrou que longe de ser um alimento ordinario, bom apenas para os africanos, é um fructo de gosto exquisito e de grande poder nutritivo.

Pelo que diz respeito á altitude, a região em que prospera vae desde o nivel do mar até 1500 metros; o cultivo decae aos 1800; e dahi por deante, se a planta vive, é com sacrificio da quantidade e da qualidade do fructo que chega a desapparecer de 2300 metros para cima.

Ao contrario, essa qualidade e quantidade augmentam á medida que a temperatura se eleva. Entre os 17° e os 22° está o limite de seu cultivo; dos 22° aos 24° o producto é apenas regular, dos 24° aos 29°, e dahi por deante, passa a ser renumerador até chegar ao seu maximo de rendimento. A dominicana e a anã contentam-se com 18°; de 28° a 30° é o estalão dentro do qual a banana, propriamente dita, vegeta com mais vigôr.

Em toda a extensão do ferro carril de Santa Martha, desde Papares até Fundacion, a temperatura média é de 29°, razão pela qual a banana alli está á vontade.

Actualmente, sua producção como artigo importante de commercio, fóra do raio de consumo local, se limita a umas poucas regiões especialmente favorecidas pela natureza, onde se juntam estes cinco factores: clima, chuvas periodicas ou irrigação possivel, saída facil, proximidade dos mercados de consumo e abundancia de braços.

Até hoje os territorios em que concorrem esses elementos, são: a costa sul do golpho do Mexico, a parte de Guatemala vizinha do ferro carril de *Puerto Barrios*; a de Honduras que se serve da ferro-via de *Puerto Cortés*; a de Costa Rica, a de *Puerto Limón*; a região de *Bócas del Toro*, em Panamá; certas porções de Cuba, Jamaica e S. Domingos (Porto Rico não exporta banana), a Guyana hollandeza onde a industria apenas começa, e nossa provincia de Santamarta por meio de sua estrada de ferro.

(Continúa)

Estudo comparativo da superioridade do boi ao burro, como animal de tracção

.....
; um carro de bois, aos solavancos sobre suas altas rodas, era como o symbolo de agriculturas atrasadas de seculos; EÇA DE QUEIROZ. *O Crime do Padre Amaro*, ultima pagina.

Antes de começarmos o presente trabalho, declaramos que elle não é o resultado de opinião pessoal, nem pretexto para exhibirmos

polymathia, o que não possuímos, e sim a consequencia de alguns annos de observações e experiencias sobre este assumpto, adquiridas quando administrámos, simultaneamente, diversas fazendas de café no Estado de S. Paulo, da firma, Prado, Chaves & Comp

As carroças tornam-se muito caras pelos continuos concertos a que são submettidas, principalmente nas fazendas que tem caminhos de morro e pedra.

A duração de um carro, no emtanto, *é quasi eterna*.

Os arreios para os burros ficam muito caros, assim, para um burro custa: um tapa 7\$, um freio 4\$, uma colleira 15\$, um par de correntes 5\$, cuja somma é 31\$000. Agora o arreo para o burro do varal: uma cabeçada 7\$, um freio 4\$, uma colleira 15\$, um par de correntes 5\$, um sellote 15\$, uma retranca 18\$, um travessão 5\$, uma barrigueira 3\$, cuja somma 72\$, é igual ao preço de um novillo em condições de ser amestrado!

Estes preços são os correntes, em qualquer selleiro, como poderá verificar quem duvidar da veracidade do que affirmamos.

Vejamos os arreios para bois: um couro de boi, de regular tamanho custa 13\$ e fornece arreios para quatro bois; registre-se pois, que, com 13\$, que ainda não é o preço de uma colleira, arream-se quatro bois); e se o couro fôr grande custa 15\$ e fornece arreios para seis bois. Póde-se tambem, é o melhor, empregar, em logar dos *rabos e tamoeiros*, pequenas chavetas de ferro com um pedaço de corrente; esse systema é usado em Capivary e Piracicaba. Se procedermos por este modo, gastar-se-ha couro apenas para *brochas e ajoujos*.

O boi é um animal que, sendo alimentado no estabulo com canna taquara ou capim fino de Angola ou qualquer outra forragem, ou em pastagem alta—o que elle exige, porque a grossura dos labios e falta de dentes incisivos no maxillar superior, difficultam-lhe a apprehensão de hervas curtas, — dispensa absolutamente o consumo do milho; — com o burro, porém, não succede o mesmo, e todo o fazendeiro sabe a *enorme* despesa, que se faz, nesse sentido, com esse muar, principalmente aquelles que não plantam o referido cereal. Considere-se tambem que se dermos milho ao boi, elle ingere-o todo; o burro, porém, só absorve o grão, e aproveitará todas as partes do milho, se este fôr desintegrado. Mas, tendo-se bois, *ipso facto*, tem-se desintegrador.

No estabulo a excreção bovina é mais abundante que a muar; deste pormenor tiram-se resultados para adubar as lavouras.

Duração da vida — A longevidade bovina é inferior á muar, prova-se

pela gestação. A gestação da vacca é de nove mezes, a da egua de 11 mezes a um anno.

Um principio de biologia diz : um organismo tanto mais depressa se extingue quanto mais depressa se desenvolve.

Segundo ainda o calculo de *Ivort*, (citado por Don Leon Y Aylon, medico veterinario, no seu *Manual de Veterinaria Practica*, pag. 167 o boi vive de 15 a 20 annos, e o burro de 30 a 40,) alguns attingem mesmo a idade de 60 annos, sendo estes ultimos verdadeiros macrobios, entre a especie muar. O calculo antecedente não é mathematicamente exacto, visto que esses animaes nunca completam o periodo da sua existencia, por ser esta abreviada, muitas vezes, pelo trabalho excessivo a que os obrigamos acompanhados de pessima alimentação e máos tratos que lhes inflingimos.

O boi torna-se apto mais cedo para a reproducção da especie ; vejamos : O touro dos 22 mezes aos 24, o jumento dos 30 mezes aos 37. (AYLON — *Manual de Veterinaria Practica*, pag. 148.)

O boi tem mais força do que o burro e é de indole mais docil.

Póde o fazendeiro criar gado vaccum, o qual, em qualquer pastagem, ainda mesmo nas pobres de principios nutritivos, (como o sapé, que é das grammineas, uma das mais pobres em proteina,) vive bem. Durante a criação, o fazendeiro utiliza-se do leite para o fabrico da manteiga e queijo.

O boi é o animal mais economico e util, delle se aproveita tudo ; por isso, é um animal infeliz ; ao nascer furtamos-lhe o leite ; crescido, vae para o jugo da canga, para o barbaro divertimento das touradas ; e, quando velho, esse paciente pachyderme e ruminante polygastro-trico vae para a engorda e destas para os nossos estomagos.

A industria não perde nada do boi. Elle fornece-nos ainda o sebo, substancia preciosa, e que é quasi um privilegio delle, pois, se não é o unico a fornecel-o, é comtudo o que o possui em maior abundancia. Se succede morrer um boi, de qualquer molestia, e se estiver abundante em tecido adiposo, o fazendeiro aproveita-o para o preparo do nosso grosseiro e feio sabão denominado de cinza, mas que é rico em potassio.

O burro é animal de movimentos mais rapidos que o boi ? Sim ; e essa differença, considerada debaixo do ponto de vista de tiro, accentúa-se muito mais, devido á grande differença de peso entre uma carroça e um carro. Fabriquem-se carros de mesa quadrada, mais baixos que os nossos actuaes, leves, eguaes em summa aos usados em Portugal.

Objectará o leitor, mas, um carro assim tem capacidade igual a uma carroça. Respondo : Um carro dos nossos, comporta o duplo de uma

carroça dessas denominadas *carritellas*, as quaes, com mais propriedade, appellidamos *carritellos*, e que é uma corrupção de carro, e significa carro pequeno ou meio carro. De facto, duas carroças (ou *carritellos*), bem cheias de milho, perfazem um carro de 12 cargueiros, ou 5.760 espigas porque um cargueiro tem oito mãos, e a mão tem 60 espigas.

Ora, se um carro dos nossos dá menos viagem, devido a morosidade da locomoção bovina, o resultado é o mesmo, porque um carro comporta o duplo de uma carroça. Se num dia, numa determinada distancia, um carro conduz tres viagens, e uma carroça puxa seis, o resultado foi identico.

A necessidade de carros portuguezes, impõe-se, imperiosamente, em todas as fazendas, principalmente naquellas que teem serra para descer, porque esses carros não maltratam os bois do couce.

Adoptem-se, para o serviço de carro, bois meio sangue zebú, que são animaes de força, resistentes e sobrios, além de serem de locomoção mais celere do que outras raças. « Os zebús são animaes robustos e ageis no trabalho. » — Curso de Zootecnia Geral e Especial, por Adolpho Barbalho de Ulchôa Cavalcanti pag. 119.

Podemos nos utilizar tambem da variedade « *Devon* que fornece os bois de trabalho no terreno accidentado de Devon, (Inglaterra) animaes notaveis pela agilidade ». — *Curso de Zootecnia Geral e Especial*, por Adolpho Barbalho de Ulchôa Cavalcanti, pag. 98.

« A raça ingleza *Devon*, os bois são curtos, resistentes, grossos e cylindricos ; os olhos proeminentes, os chifres curtos, em summa, um bello typo. *O Boi*, — Lyrio Ferdinand, pag. 11.»

O zebú para o serviço de tiro, compete com o burro, é mesmo um emulo deste, e talvez o sobrepuje.

O carro portuguez é transportado por uma junta de bois, e tem o nome de *biga* ; attenda-se, porém, a especialidade dos caminhos de lá.

Fabriquem-se aqui carros um pouco mais resistentes e maiores, para quatro bois ou mesmo seis. Um carro dos nossos, diminuido um terço da sua capacidade, é em bom caminho, perfeitamente transportado por quatro bois. Alimentemos succulentamente os nossos bois, tenhamos melhores caminhos, e veremos se o nosso boi puxa ou não egual quantidade de peso ao boi portuguez.

Ha ainda uma attenuante a favor do nosso boi, é que elle trabalha com a canga no pescoço, e em Portugal ella é collocada nos chifres ; o boi, no pescoço tem mais força que no chifre, tanto que, laçando um boi pelo chifre, um homem segura-o, mas laçando-se pelo pescoço, é impossivel a um homem subjugal-o.

Modo de arrear os bois — Sobre este ponto vamos fazer nossas as palavras de Eugène Gayot, notavel zootechnista : « O boi preso a um ponto fixo, ou devendo vencer uma resistencia muito consideravel, desenvolve mais effeito util *com o meio jugo* de que com o collar — com o collar melhor que com o *jugo inteiro*; e a differença é maior do que se poderia esperar, porque pôde chegar até 250 kilogrammas. » « Desde que o animal está em movimento, desenvolve forças muito differentes para arrastar o mesmo peso, gasta mais esforços trabalhando com o *jugo inteiro* do que com o collar, mais com o collar do que com o *meio jugo*. Dahi resulta, que o motor obra mais poderosamente sobre o collar, e que a mesma quantidade de trabalho lhe exige menos esforços, quando trabalha com o *meio jugo*. Outras experiencias teem tambem demonstrado a inferioridade de trabalho produzido com arreios insufficientes ou mal feitos, mesmo quando a sua especie seja boa. Assim, um boi com um *meio jugo* bem feito, e adaptando-se perfeitamente á conformação das partes a que está preso, exercendo sobre o dynamometro uma pressão egual a 360 kilogrammas, chega apenas a produzir o esforço de 127 kilogrammas, se o *meio jugo* bem feito é trocado por outro muito estreito, ou muito largo ou mal seguro sobre a cabeça. »

« Acontece o mesmo com o collar. O *jugo e meio jugo*, ou *jugo* para um só boi, são collocados na testa dos bois; o collar, porém é collocado no peito. »

Para o leitor ficar conhecendo a conformação desses arreios, aconselho-o a consultar o livro « O boi », de Lyrio Ferdinand, pag. 97, onde encontrará a descripção minuciosa e clara. Ha ainda um magnifico systema de *jugo* argentino.

Tendo-se carros portuguezes, a superioridade de burros para mover o vehiculo desapparece, pois, bastarão quatro bois, o mesmo numero de burros precisos para transportar uma carroça.

Ou então os carros cearenses de rodas inteiriças e oblongas para que as excrecencias do circulo, os tombadores, diminuam o esforço da tracção. — « Luzia Homem », Domingos Olympio, pag. 125.

Verdadeiramente, o burro só leva a vantagem ao boi quanto á transpiração, pois, o burro súa por todos os póros, ao passo que o boi, (que neste pormenor é egual ao cão), só transpira debaixo da lingua, que é onde estão situadas as suas glandulas sudoríferas; mas, a maior força de trabalho é no inverno, isto é, na colheita.

Para o pesado trabalho da charrúa, do arado e outras machinas

compostas de arrotar para o amanhã, o boi é incontestavelmente superior ao burro.

Tambem para o transporte de tóros de madeira, e, em summa, para todos os serviços pesados, o boi leva grandes vantagens sobre o burro.

E' certo que os nossos antigos fazendeiros transportavam, antes da viação ferrea, para Jundiahy e Santos, grande quantidade de café em tropas, a maior quantidade, porém, foi feita em carro, e o movimento de conducção nas fazendas era exclusivamente, tambem, com carros. E como eram agradaveis e poeticas as colheitas de outr'ora, quando os carros carregados vinham *cantando*.

Os bois enormes de grandes guampas, attentos, ouvindo-a, caminhavam com passos rhytmados pelo *cantar* do carro.

A vista do que dito fica, parece-me que, os fazendeiros devem volver, a bem da sua economia, ao boi, do qual se Buffon tivesse estudado melhor, teria dito que era a mais nobre conquista do homem e não o cavallo, como disse, assim tornar ao:

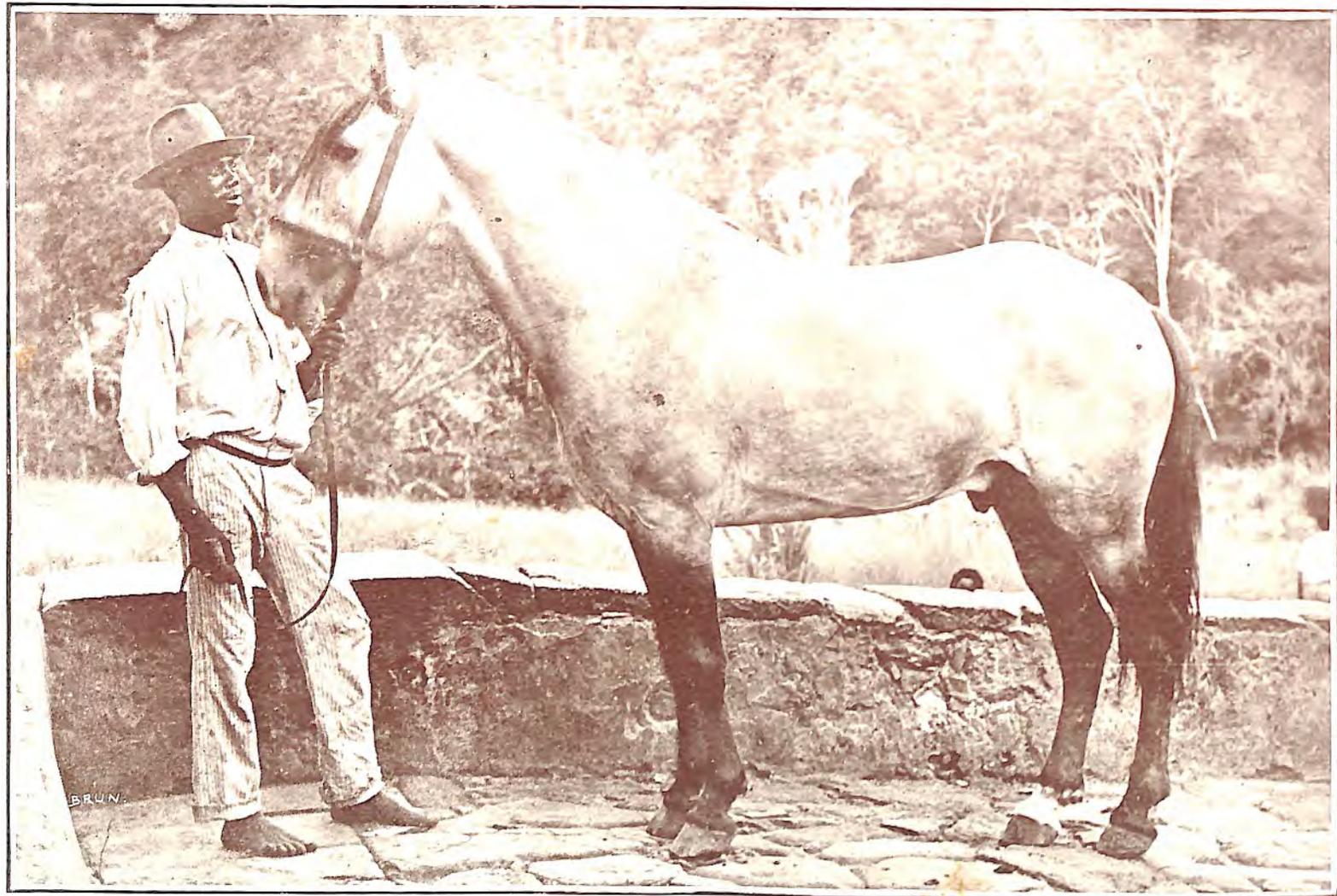
« O boi, o rijo operario, esse animal antigo
Que faz florir a vinha e faz nascer o trigo. »

Está claro que o ideal, seria a realização do plano do immortal João Pinheiro, da transformação das nossas estradas de rodagem para a applicação dos automoveis como meio de transporte, porém, enquanto ellas não forem accessiveis áquelles vehiculos, o carro de bois não será como disse o fino humorista Eça de Queiroz, « symbolo [de agriculturas] atrazadas de seculos ».

DARIO DE BARROS.



ESTAÇÃO DE LAFAYETTE, MINAS
Fazenda «CAMPOLINA», Proprietário, Joaquim Pacheco de Rezende



Goliath

Garanhão nacional, puro sangue, marchador



A LAVOURA NOS ESTADOS

A Criação Mineira

A Fazenda Campolina, situada no municipio de Entre-Rios de Minas, servida pela E. F. Central, distante da estação de Lafayette 4 horas de viagem, a cavallo, de propriedade de Joaquim Pacheco de Rezende, possui: dois mil alqueires de terras em mattas virgens, excellentes pastagens de gordura, Jaraguá, marmelada e capim redondo; a sua criação é reputada como uma das melhores do Estado de Minas, possui o numero de 400 excellentes eguas que, primam por suas bellas estampas e qualidade em andares; tem tambem uma criação de cavallos meio sangue inglez, filha de um cavallo puro sangue adquirido pelo proprietario. Destas eguas 200 são destinadas a criação de muares, 150 á criação de poldros, puros marchadores para sella, 50 para criação de poldros para tiro de luxo. E' tambem de sua propriedade uma excelente criação de jumentos para reproducção de burros para sella. Tem actualmente seis cavallos garanhões, sendo cinco productos da Fazenda, animaes puros marchadores, e um da raça Oldemburgo, importado, pelo proprietario por 3:000\$000.

Aos animaes producto da Fazenda dá-se o nome de Campolina.

Cabe a esta fazenda a honra de ter sido producto della o cavallo nacional que obteve maior preço, a quantia de 8:000\$000.

Extinção de gafanhotos

Do Sr. Appolinario de Moraes, fazendeiro em Itaóçara, Estado do Rio de Janeiro, recebemos uma carta cujo conteúdo se liga á invasão daquelle Municipio pela praga de gafanhotos.

S. S., homem de iniciativa e resolutivo, conhecedor das consequencias quasi sempre más decorrentes de um flagello de tal natureza, congregou esforços e tomou a defensiva franca, energica e tenaz contra tão perigosos inimigos.

Para isso, diz elle :

« Servi-me de uma grande tolda e colloquei-a armada como verá (photographias annexas) na parte inferior de uma valla previamente coberta, de pouca fundura; e como o pessoal curralava o bando e este não podia transpor a valla e com poucas pancadas pelo lado opposto da tolda caiam na valla e eram immediatamente enterrados, por outras vezes para experiencias appliquei a tolda e consegui apanhar bandos inteiros com muita facilidade e satisfação do pessoal, que todo alegremente auxiliava sem remuneração, as grandes pescarias no secco.»

A resolução do Sr. Appollinario de Moraes é digna de louvor e de ser imitada, sobretudo quando o governo, que agora organiza esse serviço de extincção de gafanhotos, não possa, por motivo de força maior, attender immediatamente, com a presteza de que se ha mister, como acontecerá dentro em breve, á solicitação de um soccorro efficaz contra tão temerosos inimigos.

Cooperativa Agricola de Pernambuco

A Sociedade Nacional de Agricultura, que sempre envidou esforços pela aggre-miação da lavoura do paiz, sob a fórma de Cooperativas, syndicatos e associações agricolas de interesses mutuos, esforços traduzidos por uma propaganda longa e ininterrupta na imprensa e nos Congressos Agricolas, não póde calar o seu enthusiasmo toda vez que vê nascer uma associação desse genero, como acontece agora com a Cooperativa Agricola de Pernambuco, cujas bases para a organização da mesma, damos linhas abaixo.

Antes, porém, aqui deixamos aos organizadores de tão util aggre-miação, os votos intensos e sinceros que fazemos pela prosperidade da mesma.

«1.º — Entre os agricultores fabricantes de assucar e seus representantes commerciaes fica constituida uma sociedade cooperativa de conformidade com a lei n. 1637 de 5 de janeiro de 1907.

2.º — Esta sociedade, que se denominará—*Cooperativa Agricola de Pernambuco* — *Sociedade cooperativa de responsabilidade limitada*, será de fórma anonyma, de capital variavel e de numero illimitado de socios.

EXTINCCÃO DE GAFANHOTO



ITAOCARA, E. DO RIO
Fazenda dos Srs. Moraes & Griff

EXTINCCÃO DE GAFANHOTO



ESTRAGO NO MILHARAL, PRODUZIDO PELOS SALTÕES

3.º — Será de 10 annos a duração da sociedade, que terá sua séde na cidade do Recife.

4.º — O minimo do capital será de 200:000\$000 dividido em 4.000 acções de 50\$000.

No acto da subscrição os socios realizarão 40 % do capital.

O restante do capital poderá ser pago em prestações mensaes, calculadas de modo que dentro de seis mezes fique realizado o minimo do capital.

5.º — Para constituir o fundo de reserva cada socio entrará com a joia de 10\$000.

6.º — A responsabilidade dos socios pelas operações sociaes fica limitada á importancia do capital que subscreverem.

7.º — A sociedade terá por objecto geral normaliazar o commercio de assucar e outros productos agricolas e defender os interesses commerciaes do productor.

Para este fim poderá :

a) receber o assucar e quaesquer outros productos agricolas de seus associados, vendel-os no mercado do Recife ou exportal-os para os mercados nacionaes e estrangeiros, conforme julgar mais conveniente aos interesses de seus associados ;

b) encarregar-se de receber a quota de assucar que, como medida valorizadora, se deliberar exportar para o estrangeiro, de accôrdo com os demais Estados productores, e de providenciar para a prompta venda desta quota nas melhores condições que possa obter ;

c) prestar a todos os associados informações semanaes sobre a situação dos mercados, de modo a estabelecer os preços que o assucar e outros productos possam razoavelmente obter ;

d) organizar de accôrdo com as associações e syndicatos agricolas a estatística exacta da producção, solicitando destas associações e das autoridades municipaes uma relação exacta de todas as propriedades agricolas, com o fim de organizar um registro do todas ellas, com indicação do seu valor, capacidade média de producção e producção effectiva em cada safra .

A avaliação prévia da safra de assucar deverá ser feita até o dia 15 de julho, para sobre esta base, resolver-se a quota de exportação para o estrangeiro ;

e) organizar um serviço regular de estatística de producção e consumo, empregando todos os meios para garantir a exactidão e regularidade deste trabalho ;

f) encarregar-se da venda do assucar e outros productos de seus associados, recolhidos aos armazens da sociedade ;

g) proporcionar recursos a seus associados, sob a garantia do assucar e outros productos recolhidos aos armazens da sociedade, quando julgue conveniente demorar a venda ;

h) comprar assucar no mercado para revender por sua conta, quando for conveniente aos interesses da valorização.

8.º — A sociedade será dirigida por uma Directoria composta de cinco membros, sendo um presidente, um vice-presidente, dois secretarios, um thezoureiro.

A Directoria será eleita por maioria de votos em assembléa geral.

Além da Directoria, terá a sociedade um Conselho Administrativo de 21 membros egualmente eleitos em assembléa geral.

Os estatutos precizarão as attribuições da Directoria e do Conselho Administrativo.

9.º — Depois de deduzidos 20 % para fundo de reserva, os lucros liquidos apurados annualmente serão distribuidos como dividendo.

Em caso algum se distribuirá dividendo superior a 10 %.

O excesso sobre essa porcentagem será creditado aos socios, proporcionalmente ao capital que tenham na sociedade, e convertido em novas acções.

10. — Os estatutos determinarão o modo de admissão e demissão dos socios.

11. — As acções não poderão ser transferidas a pessoas extranhas á sociedade.

12. — Em regulamento determinará a Directoria a contribuição que a sociedade deverá cobrar por sacco de assucar recolhido a seus armazens, e bem assim sobre a commissão de venda que deverá caber á sociedade.»

Centro Commercial Industrial e Agricola de S. José do Rio Pardo

A crise do café, em S. Paulo, despertou nos lavradores daquelle Estado o espirito de associação, para a defesa dos interesses communs.

O primeiro municipio do Estado que praticamente executou o lemma:— *União pela vida*, foi o de S. Carlos, que fundou o Club da Lavoura, tendo este creado o primeiro campo particular de experiencias, que foi dirigido pelo Dr. Gomes Carmo.

S. Carlos, foi tambem o primeiro municipio que levantou a estatistica agricola e zootechnica.

Em seguida, outros municípios criaram Bancos de Custeio e alguns fundaram os Sindicatos Agrícolas.

O município de S. José do Rio Pardo, habitado por fazendeiros adiantados e inteligentes, entre os quaes se conta o illustre Dr. Candido Rodrigues, esteve sempre na vanguarda dessa nova ordem de idéas e fundando o seu *Centro Commercial e Agricola*, veio dotar a lavoura, o commercio e a industria de um poderoso elemento de prosperidade para aquelles que exercem o seu trabalho, em qualquer um desses ramos de actividade.

Além da sua rica e intensiva lavoura de café, o município de S. José do Rio Pardo, é actualmente um dos maiores productores de arroz, sendo que a maior cultura desse cereal, no estado de S. Paulo, está situada naquelle município; é feita mechanicamente, abrange uma área de cem alqueires (o alqueire paulista é de cem braças por cincoenta) e de propriedade do Coronel Alipio Dias.

Do referido Centro Industrial e Agricola do dito município, recebeu o Dr. Wencesláo Bello, presidente desta sociedade, o honroso officio que passamos a transcrever.

«Cumprimos o grato dever de vir, embora tardiamente, apresentar a V. Ex. a nossa admiração pelo zelo e dedicação, com que essa respeitavel sociedade trata dos assumptos que lhe são inherentes, como se vê da serie de boletim, catalogos e outros trabalhos de summa importancia, com que temos sido obsequiados.

Nessas publicações, a que ligamos a maxima importancia pela proficiencia que revelam, vê-se o estudo acurado que profissionaes de fina tempera dedicam a todos os ramos da lavoura e da industria, sobresahindo o intitulado «A Previdencia e o Credito Agricola» que é para lamentar sinceramente que os nossos lavradores não ponham incontinenti em pratica os saluberrimos conselhos que lhes são dados com tanta largueza de vistas e tanto altruismo.

Fazemos ardentes votos pelo sempre crescente progresso dessa importantissima sociedade, pedindo a V. Ex. que aceite os protestos de nossa sincera gratidão e cordiaes cumprimentos.»

Assignados. — *José Candido Pereira da Silva*, presidente; e *Adriano da Silva Ramalho*, secretario.

Saneamento da baixada do Rio

Por ordem do Governo central, foi encarregado o Ministerio da Viação de promover e executar o saneamento dos vastos terrenos que constituem a baixada do Rio de Janeiro, afim de que elles se tornem prestadios á agricultura e á industria pastoril.

Como é sabido, em tempos um tanto remotos, foram aquellas paragens um nucleo relativamente intenso de produção agricola, sobretudo de cereaes, devendo-se inicialiva tão fecunda e tão pratica aos que representavam naquella época a companhia de Jesus.

Homens emprehendedores e sagazes, senhores dos segredos que a sciencia em seus differentes modos de ser lhes confiava, activos, intelligentes, laboriosos, não lhes passou despercebida tão feracissima zona, tão uberrimo sólo, rica e naturalmente servido por um systema potamographico que lhes ficava de feição, e lhes facilitava enormemente o transporte dos productos d'alli oriundos para o maior e mais proximo centro consumidor que era e é esta cidade do Rio de Janeiro, em continua evolução, e onde tinham elles o seu mosteiro, centro, foco de suas multiplas cogitações, dulcificante abrigo ás fadigas do corpo e ás lucubrações do espirito.

E assim foi que elles se valendo das vantagens que por tal meio a natureza lhes offerencia, estabeleceram alli a cultura da canna de assucar, do arroz, da mandioca, do milho, da araruta, etc., constituindo assim uma cellula polynuclear em que a intensidade da funcção era motivo de justo pasmo e de grande admiração para os poucos que a conheceram *de visu*.

Factos politicos posteriores, intimamente ligados á não permanencia dos jesuitas no Brasil, o descaso e o abandono da larga área productiva, muito concorreram para que ulteriormente ella entrasse em franca decadencia, decadencia que se foi tornando avassaladora, tudo dominando, tudo transformando, no sentido da mingua da produção e do trabalho, de uma atrophia, de uma esterilidade brutal, dolorosamente esmagadora.

Os rios, os canaes que drenavam e irrigavam o sólo, foram sendo obstruidos, á mercê das contingencias da propria natureza, a ponto de alguns entre elles terem desaparecido de todo, mal deixando um rasto ou traço que ainda lhes memora uma existencia remota e fertilissima.

Agindo a natureza por si só, em plena e franca liberdade de suas forças, dos seus elementos componentes, em requintes de uma exuberancia propriamente selvagem, então por completo da acção correctiva e preciosa do homem civilizado que se não fizera sentir mais, ella, a natura fez quanto podia e lhe cabia naquella limitada zona em cujo seio, durante um dilatadissimo periodo, foi armazenando, guardando, haurindo extraordinarios e pujantes elementos que a fazem agora ainda mais valiosa pela uberdade que nella se nota.

O Governo cuidando, como deve, do aproveitamento della para reviver e estimular quanto lá se acha adormecido, como num sonho cataleptico que por demais tem durado, mostra, ainda uma vez, o vivo empenho em que se acha de promover, por todos os meios, o desenvolvimento de todas as forças esparsas pelo paiz, que, orientadas e congregadas convenientemente podem constituir outros tantos elementos de progresso e de riqueza.

Foi por sentir de tal modo que esta sociedade enviou, ha annos, ao Sr. General Quintino Bocayuva, quando presidente do Estado do Rio de Janeiro, os seus mais vivos e calorosos applausos pelo patriotico tentame do saneamento da baixada do referido Estado, que por motivos ponderosos e alheios á sua vontade se não realizou, e, agora os repete ao Governo da Nação ainda mais vehementes, vibrantes e sinceros.



A LAVOURA NO ESTRANGEIRO

Arvore de manteiga

E' o appellido que a industria franceza applicou ao nosso *coqueiro da Bahia*, depois que com suas amendoas conseguiu manipular a *cocose*.

São notorias as utilidades que a industria, mesmo a mais elementar, aproveita do precioso coqueiro, que tão luxuriantemente medra em extensissima zona brasileira : o tronco fornece madeira para construcção e para marcenaria ; as folhas dão excellente colmo para cobertura de casas rusticas e fibras para tecer desde o cesto até o chapéu ; com a

seiva se fabrica o *vinho de palma*, de que se confecciona alcohol ou vinagre; das flores se compõe optimo assucar; o côco verde offerece saborosa agua, sempre fresca, mesmo sob o calor tropical, e tão abundante em algumas variedades, que na ilha da Reunião uma dellas mereceu o cognome de *sete copos*; a amendoa, quando madura, é sadio e forte alimento; das fibras que revestem o côco se trançam cordoalhas, se fazem vassouras, tapetes, etc.; finalmente, e só para não alongar a rememoração dessas utilidades, a industria extrahê da amendoa, ha muitos annos, um apreciado oleo, que a perfumaria applica em varios de seus productos, entre outros o afamado *sabão de Marselha*.

Modernamente algumas usinas marselhezas, que só de si constituem activo mercado de amendoas de côco, estão extrahindo dellas a manteiga já bastante conhecida e acreditada com o nome de *cocose*.

A materia prima é a amendoa secca ao sol, que, mediante processos industriaes, fornece manteiga branca, sem impureza, fundindo-se ao calor de 26 grãos.

Em menos de 10 annos a fabricação desse producto elevou a importação da materia prima, em França, de 62.000 toneladas a 120.000, e só as usinas de Marselha distribuiram ultimamente mais de 20 milhões de kilos de *cocose* pela França e pelo estrangeiro.

Não só a procura é activa como as autoridades profissionaes recomendam com encarecimento o producto: o chimico Paul Hubert publicou d'elle a seguinte analyse: « contém mais de 90 % de graxa vegetal e insignificante quantidade d'agua, emquanto que a manteiga de vacca accusa 85 % de graxa e 15 % d'agua ».

O professor Florence, da Faculdade de Lyon, informou: « Muito se assemelha, sob todos os pontos de vista, á manteiga de vacca; tem gosto agradável, presta-se perfeitamente a todos os usos culinarios, é muito assimilavel, de facil digestão e tem acima dessa a vantagem consideravel de se conservar sem ranço durante muito tempo, mais de um anno, mesmo exposta ao ar. »

Quanto ao preço, sendo em França o custo médio da manteiga de vacca 3 frs. 50 a 4 frs. por kilo, a *cocose* se vende correntemente por metade.

São as colonias tropicaes francezas que abastecem de materia prima essa industria, destinada a largo futuro.

Os succedaneos do café

Augmenta, de anno para anno, a producção dos pseudos succedaneos do café, o que indica a tendencia, sempre maior, para o consumo desse genero, mesmo nas adulterações que mal o arremedam ou delle só imitam o rotulo aliciador.

A seguinte nota estatistica é demonstrativa da enorme producção desses concurrentes :

PAIZES	FABRICAS	PRODUCÇÃO Kilos
Italia	23	3.200.400
Austria-Hungria.	568	27.860.000
Allemanha	723	100.000.000
França.	166	24.581.400
Belgica	—	60.000.000
Rumania	1	10.000
Hespanha.	16	226.000.000
Totales.	<u>1.497</u>	<u>441.651.800</u>

Si a esse total de 441.651.800 kilos se accrescentar 25 % do peso, porcentagem que o café perde na torração, verificar-se-á que o total em grãos do genero verdadeiro teria de ser de 552.064.750 kilos ou 9.201.079 saccas.

Quer dizer, que a producção mundial não bastaria ao consumo, que exige actualmente cerca de 18 milhões de saccas.

Para a luta em que se empenham a chicorea torrada, o café de cereaes e figos e quejandos concurrentes contra o producto genuino muito lhes vale a inferioridade dos preços, de que é elemento prestante o gravame dos direitos de importação, de um lado, e o acoroamento do fisco protector, do outro.

O seguinte quadro indica a differença dos preços nos mercados consumidores :

INGLATERRA

Café moido, 1 libra.	1s/01/2
Chicorea em pó, 1 libra.	5d

FRANÇA

Café torrado, 1/2 kilo	2 fr.
Café de cereaes, 1/2 kilo	1,10 »
Chicorea Casiez, 1/2 kilo	0,60 »

SUISSA

Café torrado, 1/2 kilo	1 fr.
Chicorea Voelkers, 1/2 kilo	0,40 »
Café de malt, 1/2 kilo	0,60 »

ITALIA

Café torrado, 1 kilo	3 liras
Chicorea em pó, 1 kilo	1 lira

A campanha cada vez mais intensa movida em quasi toda a Europa e na America do Norte contra a falsificação dos generos alimenticios vem ajudar o café na sua defesa contra os succedaneos, quando menos obrigando-os a despirem os rotulos e feitiços com que illudem a boa fé dos consumidores, ao se proporem como genero verdadeiro, reduzidos cada vez mais e coercitivamente a se confessarem o que de veras são, qualquer cousa que não é café.

Na Suissa recente lei federal dispoz :

Art. 136. Sob o nome de café, chá, cacáo, não se devem pôr no commercio senão productos naturaes, sem mistura e sem alteração.

Art. 144. Os succedaneos do café devem trazer no envolucro uma denominação (por exemplo — café de chicorea, café de chicorea e de bolotas) que não deixe nenhuma duvida sobre a materia prima empregada na fabricação. Além disso o envolucro deve trazer a razão social do fabricante ou do vendedor.

Aos contraventores é comminada a pena de prisão até um anno e multa até 2.000 francos.

Em França a lei de 1 de agosto de 1905 pune com prisão de tres mezes a um anno ou com multa de 100 francos a 5.000 aquelle que enganar a outrem sobre a natureza, qualidades essenciaes, composição ou conteúdo, em principios uteis, de uma mercadoria.

A funcção da propaganda, si se pôde ajudar desse recurso repressivo, tem tanto que fazer ainda, que é quasi tudo.

O *Syndicato Geral da Defesa do Café* — constituido em Paris no anno passado, já iniciou a luta contra a falsificação; o preço baixo e o gosto enveterado hão de, porém, offerecer resistencia tenacissima, esquivando as comminações legais, bastando para isso que os succedaneos não se inculquem por café genuino, senão pelo que effectivamente são.

Não ha, pois, esmorecer no terreno da propaganda expansiva, já encetada, envidando perseverantemente a persuasão dos paladares, o barateamento dos preços nos mercados consumidores, mediante a redução dos direitos de entrada, a simplificação economica do apparelho complexissimo e vampiriano das vendas, mediante as cooperativas que levam o productor commercialmente quasi junto ao consumidor, mesmo estrangeiro, e demais expedientes já assás conhecidos em programmas, bem que pouco ou quasi nada experimentados na pratica systematica e diuturna.

A agricultura no Japão

A interessante revista *The Agricultural Journal of India* publicou um estudo minucioso acerca da organização agricola do Japão, demonstrativo do notavel desenvolvimento e efficaç coordinacão de esforços em prol dos interesses de sua adiantada lavoura. Procurando acompanhar a orientacão e as licções dos povos mais cultos e aprimorados nesse mister, o Japão, todavia, conserva seus moldes originaes, aproveitando a força adquirida de suas tradições seculares. E' conservador, intelligentemente progressista.

Cuida esforçadamente da educaçao agricola, que se diffunde em quasi todos os seus cursos escolares; assim, nas escolas elementares os alumnos aprendem já noções de agronomia e sciencias naturaes; todo professor nellas se habilita largamente nos cursos normaes; annexas a essas escolas, funcçionam 1.436 supplementares, que ministram instrucção agricola mais desenvolvida; seus cursos são nocturnos ou professados durante o inverno; ha mais 118 collegios de agricultura, de dous grãos: no primeiro gráo ha cursos de tres annos com 27 horas de estudo por semana, afóra os trabalhos praticos; no segundo gráo os estudos duram tambem tres annos e são especializados; a todos estão annexas fazendas modelos, franqueadas ao povo

rural ; os professores fazem leituras publicas sobre assumptos que interessam á lavoura ; em Tokio, Sapporo e Morioka ha academias de agronomia, aparelhadas com laboratorios e fazendas modelos ; por todo o imperio estão espalhadas estações experimentaes, cujos trabalhos são coordenados e dirigidos por um Departamento Central ; dessas estações partem 300 professores itinerantes que distribuem licções theoricas e praticas por toda a zona rural.

Por sua vez, a organização associativa é a mais extensa e capaz de resultados effectivos, «nenhum outro paiz, afirma a revista citada, tem-na tão perfeita».

Dividem-se as associações ruraes em de *prefeituras*, de *condados* e de *villas*, 46 das primeiras, 579 das segundas e 11.968 das ultimas. Para que se incorpore uma associação de villa é preciso que dous terços dos lavradores combinem, comtanto, que possuam dous terços das terras cultivadas ; os fundos sociaes se constituem com as contribuições dos associados. Cada uma dellas elege um representante e todos os de um condado formam a respectiva associação ; por sua vez os deputados dos condados formam a associação das prefeituras ; finalmente, essas enviam representantes ao Conselho Central de Agricultura.

As associações das villas promovem perante o governo os interesses da lavoura local, fazem selecção e distribuição de sementes, combatem as molestias que flagellam as plantações, fazem culturas experimentaes, exposições, conferem premios de animação, mantêm escolas, conferencias, publicam boletins, etc. Além disso funcionam tambem como cooperativas de compra e de venda.

As associações dos condados e das prefeituras guiam e ajudam as das villas

As culturas são feitas com o maximo esmero, usando-se dos arados mais aperfeiçoados e de todos os aparelhos uteis em geral ; o preparo dos adubos convenientes é o mais perfeito ; e a electricidade vae substituindo já em larga escala os antigos motores.

Dessa convergencia unanime de esforços dos agricultores, ajudados fortemente pelo patrocínio activo e illustrado do governo, decorre a prosperidade assombrosa do Japão na industria agraria, como em todas as modalidades de sua vida social.

O quadro de sua exportação é significativo:

Em milhões de yens:

1889	214.930
1901	252.000

1903	289.000
1905	321.000
1907	378.240
1908	432.431

O algodão

Já neste boletim se chamou a atenção dos srs. agricultores para o mercado de algodão onde a procura está sobrepujando a oferta, o que determinou alta notavel de preços.

As seguintes notas estatísticas, referentes aos Estados Unidos da America do Norte, são bastante expressivas; são da revista *L'Economiste Européen*.

Durante o anno passado as exportações de algodão baixaram sensivelmente, attingindo apenas a 7.864.116 fardos, contra 8.431.124, em 1908, e 8.814.344, em 1907. Por sua vez o valor dessas exportações excedeu ao dos annos 1908 e 1907.

Durante os quatro ultimos annos o preço médio e o valor das exportações se resumem assim:

ANNOS	EXPORTAÇÃO	VALOR	PREÇOS
	fardos		
1906	7.442.766	412.646.371	10.7
1907	8.121.844	468.972.924	11.4
1908	8.431.124	438.556.422	9.6
1909	7.864.116	550,488.120	14.0

As exportações do anno passado são, pois, superiores, de 111.913.698 dol., ás de 1908, apesar de uma diminuição em quantidade, de 678.578 fardos.

Os succedaneos da borracha

Além de muitos outros, entrou na concorrência o *guayule* sobre que um consul americano no Mexico informou recentemente: « O *guayule* era ha cinco annos passados quasi desconhecido como factor commercial ; em 1905 os Estados Unidos importaram cerca de \$125.000 desse producto e em 1909 cerca de \$2.250.000, somente do districto de Durango. Já hoje se empregam milhares de trabalhadores nessa exploração que prospera largamente.

Agora se annuncia um outro concorrente, destinado ainda a melhores resultados, conforme informa o consul ; é que foi verificado que a seiva do *pau vermelho*, arvore abundante nas mattas mexicanas, contém 33 1/3 % de gomma elastica pura. A especulação já está adquirindo grandes extensões de terras povoadas dessa arvore.



NOTICIARIO

Commercio externo do Brasil em 1909. — Segundo dados officialmente publicados, o commercio internacional foi muito prestadio aos interesses economicos do Brasil durante o anno de 1909.

A importação elevou-se á £ 37.111.748 contra £ 35.491.410 em 1908 e a exportação á £ 63.724.440 contra £ 44.155.280 em 1908.

A differença, portanto, a favor da exportação no anno proximo findo de 1909 culminou por £ 26.612.692, enquanto que em 1908 ella attingiu tão somente a £ 8.663.870.

Além desse saldo ouro a nosso favor, proveniente da differença acima referida, vem de molde a ser tambem assignalada a importação de £ 8.777.694 em moeda metallica, que, conduzidas á Caixa de Conversão augmentaram-lhe os depositos a ponto de representarem, até poucos dias, um valor de 14 milhões de libras esterlinas.

E' a opinião geral jamais ter sido a balança commercial tão favoravel ao Brasil.

Para esse facto tão auspicioso aos interesses do paiz, muito contribuíram, entre a rica variedade de nossos productos, os nove principaes, abaixo designados e nas proporções que se vão ler :

Café — (1909) Foram exportados 16.880.696 saccoes, representando um valor de £ 32.475.170, contra (1908) 12.658.457 saccoes avaliados em £ 23.030.231.

Borracha — (1909) Exportaram-se 33.026.738 kilogrammas equivalentes a £ 18.926.061, contra (1908) 33.206.461 kilos que alcançaram £ 11.734.637.

Tabaco — (1909) Foram remetidos para o exterior 29.791.757 kilogrammas, valendo £ 1.339.330, contra (1908) 15.263.861 kilogrammas na importancia de £ 841.200.

Assucar — (1909) A remessa deste producto attingiu a 70.207.784 kilogrammas, que deram £ 689.266, contra (1908) 31.577.394 kilos que obtiveram £ 305.597.

Mate — (1909) A exportação deste orçou por 53.017.850 kilogrammas no valor de £ 1.657.787, contra (1908) 55.314.625 kilogrammas avaliados em £ 1.650.341.

Algodão — (1909) Remetteram-se 9.968.114 kilogrammas, conseguindo um valor de £ 591.811, contra (1908) 3.551.715 kilogrammas na importancia de £ 206.153.

Couros — (1909) Exportaram-se 35.783.027 kilogrammas representando, valor em £ 1.819.541, contra (1908) 30.411.943 kilogrammas sob valor em £ 1.316.403.

Pelles — (1909) Foram enviadas para o estrangeiro 3.897.190 representando 972.319, contra (1908) 3.562.880 avaliadas em 704.121.

Cacão — (1909) Exportaram-se 33.817.739 kilogrammas de um valor em 1.598.959, contra (1908) 32.955.920 kilogrammas que alcançaram 1.977.457.

Neste producto ha um reparo a fazer: a exportação sendo mais avantajada em 1909 do que em 1908, obteve no emtanto um valor menor.

E' tambem o unico producto que apresenta tal anomalia.

Os preços subiram para os seguintes productos.

Cafê	29\$094	31\$626
Borracha	4\$930	7\$736
Assucar	\$155	\$156
Algodão	\$924	\$946
Couros	\$692	\$812
Pelles	3\$159	3\$948

E diminuíram para esses outros:

Tabaco	\$881	\$713
Mate	\$477	\$453
Cacão	\$959	\$751

Diante desses algarismos, cuja eloquencia é por demais notavel, pôde-se dizer, sem tocar as raias de um optimismo ingenuo, que o Brasil sob o ponto de vista economico, caminha, avança, estuga os passos de gigante que é, para se emparelhar com os demais paizes adiantados e prosperos que, no emtanto, menos ricos, lhe tem tomado a dianteira.

Vida Infantil.— O Sr. Dr. Mario Bulcão teve a gentileza de offerecer a esta Sociedade um exemplar do seu livro, «Vida Infantil», que é um volume contendo noções de agricultura, zootecnia e educação civica.

O Dr. Garcia Redondo, no prefacio desse util livrinho disse: «A *Vida Infantil* é mais um guia para o mestre do que um compendio para o alumno.

E nisto é que está o grande merito da tua obra singela e boa.»

Carlos Betelho, quando secretario da Agricultura de S. Paulo, ao receber o livro do Dr. Mario Bulcão, escreveu-lhe felicitando-o calorosamente, e o mesmo fizeram a Sociedade Paulista de Agricultura, o Dr. Medeiros e Albuquerque e outros.

O excellente livro está já adoptado em diversos estabelecimentos de ensino primario.

Agradecemos ao Dr. Bulcão a offerta e o felicitamos pela publicação de mais essa obra didáctica.

Sociedade Brasileira Protectora dos Animaes — A directoria que tem de funcionar nos annos de 1910 a 1913 é a seguinte:

Presidente, Coronel Carlos Leite Ribeiro.

Vice-presidente, Americo da Silva Couto.

1º secretario, Theodoro Langgard de Menezes.

2º secretario, José Ferreira dos Santos.

1º thesoureiro, Rodrigo Teixeira do Andrade.

2º thesoureiro, Manoel Gomes Soares

Bibliothecario archivista, José Alberto de Vasconcellos.

Conselho fiscal: Antonio Camacho Filho, Dr. Luiz Tosta daSilva Nunes, e commendador Antonio Nunes Pires.

Supplentes: Manoel Joaquim Ribeiro, Samuel de Oliveira e Nuno Castellões.

O cargo de director technico, exercido pelo fundador, coronel Dr. Carlos Costa, é vitalicio.

Sociedade Bahiana de Agricultura. — A Sociedade Bahiana de Agricultura, a que nos achamos ligados por identificação de idéas, por egualdade de interesses, teve a gentileza de nos communicar a eleição da nova directoria, cujos nomes abaixo designamos.

Antes porém de o fazermos, aqui deixamos os votos sinceros e effusivos que é de dever tributarmos pela sua prosperidade.

Directoria:

Presidente, Dr. Joaquim dos Reis Magalhães.

1º Vice-Presidente, Cº. Viriato Freire Maria Bittencourt.

2º Vice-Presidente, Dr. Octaviano Muniz Barretto.

1º Secretario, Dr. Lindolpho Rocha.

2º Secretario, Dr. Tiberio de Figueiredo.

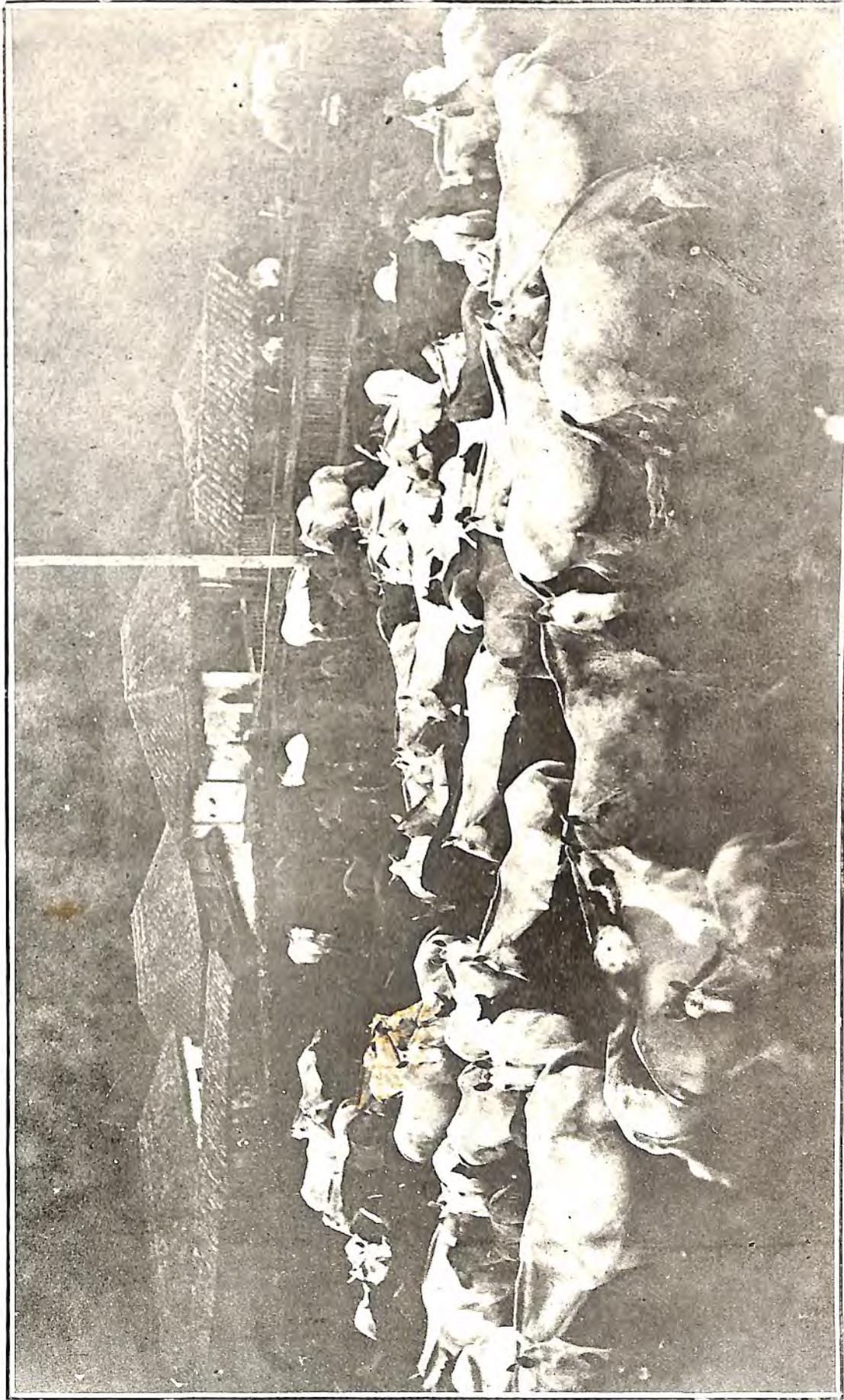
Supplentes, Engenheiro Luiz da França Imbassahy da Silva, Dr. Arthur Carneiro da Rocha.

1º Thesoureiro Euzebio de Britto Cunha.

2º Thesoureiro Coronel José Abrahão Colim.

Supplentes Coronel Durval de Cerqueira Lima, Coronel Affonso Pedreira de Cerqueira.

ESTACÃO DE LAFAYETTE. MINAS
Fazenda «CAMPOLINA», Proprietario, Joaquim Pacheco de Rezende



Equas de criar

Conselho Superior :

Dr. Joaquim Ignacio Tosta.
Barão de S. Francisco.
Monsenhor Samuel Elpidio de Miranda.
Dr. Alfredo Cesar Cabussú.
Dr. José Marcellino de Souza.
Commendador Henrique Pereira Teixeira.
Dr. João Ferreira de Araujo Pinho.
Dr. Francisco Marques de Góes Calmon.
Commendador José Gonçalves de Oliveira Reis.
Coronel João Severino da Luz Netto.
Dr. Emygdio Augusto de Sá Ribeiro.
Coronel Frederico Roiz da Costa.
Commendador Antonio Joaquim Gomes.
Engenheiro João Silveira.
Dr. Joaquim Climerio Dantas Bião.
Coronel Deraldo Dias.
Commendador José Alves Ferreira.
Dr. Francisco Vianna Bandeira.
Dr. Arthur Cesar Rios.
Dr. Francisco da Rocha Lima.
Dr. Francisco Bulhões Vianna.
Engenheiro Frederico de Moraes.
Manoel de Souza Machado.
Dr. João de Lima Velloso Gordilho.
Eduardo Dias de Moraes.
Commendador Pedro Mariani.
Barão do Assú da Torre.
Dr. Francisco Prisco de Souza Paraizo.
João David Fucles.
Dr. Arthur de Almeida Boaventura.

Immigração — Os primeiros immigrants, chegados ao Brasil, vieram engajados pelo Senador Vergueiro, de saudosa memoria.

Grande fazendeiro, em Limeira, estado de S. Paulo, o Senador Vergueiro contratou na Allemanha uma leva de familias, que vieram trabalhar pelo systema de parceria.

Esse systema de trabalho contribuiu para a mutua prosperidade entre colonos e patrões, tanto assim que muitos descendentes desses colonos, são hoje proprietarios, em Limeira e Rio Claro, Piracicaba, Capivary e outros municipios de S. Paulo.

A corrente immigratoria para o Brasil, só se accentuou definitivamente quando foi ministro da Agricultura do Imperio, o Conselheiro Antonio Prado, que iniciou a immigração italiana para S. Paulo, sendo, porém, nos primeiros annos da Republica que essa corrente tomou grande incremento, especialmente para S. Paulo.

Extincto o Ministerio da Agricultura, os serviços de immigração ficaram a cargo dos estados, sendo que S. Paulo, Minas, Rio Grande, Paraná e Santa Catharina, são os que mais tem cuidado desse importante problema.

Em S. Paulo com a paralização da plantação de café, a immigração diminuiu.

O governo estadual, então para attrahir e augmentar a immigração fundou muitos nucleos coloniaes e o mesmo fizeram os estados do Rio Grande, Minas, Santa Catharina e Paraná.

O resultado foi o mais auspicioso possivel, pois esses nucleos constituem hoje verdadeiros centros de produção e trabalho.

O Dr. Miguel Calmon, criou, quando ministro da Viação, a repartição do Povoamento do Solo, que muito tem contribuido para augmentar a immigração para o nosso paiz, tendo fundado nucleos, no Estado do Rio, Minas e Paraná.

Mas, o magno problema da colonisação, como outros muitos que interessam á grandeza da nação, será resolvido, pelo Ministerio da Agricultura, graças aos efficazes trabalhos que alli estão sendo executados sob a acertada orientação do illustre Ministro Sr. Dr. Rodolpho Miranda.

Em seguida damos os dados demonstrativos do movimento immigratorio para o nosso paiz o anno passado, e tambem uma relação dos immigrantes entrados, em janeiro deste anno, pelos portos de Santos e Rio.

Atingiu a 85.416 o numero de immigrantes entrados o anno passado no Brasil.

O desembarque desses immigrantes realizou-se em doze portos do paiz, assim discriminados: Rio de Janeiro, 42.765; Santos, 35.014; Pará, 3.539; Rio Grande do Sul, 1.049; Bahia, 843; Recife, 610; S. Francisco, 338; Paranaguá, 114; Florianopolis, 65; Itajahy, 45; Victoria, 20, e S. Luiz 16.

Comparando-se o movimento geral immigratorio do anno passado com o dos annos anteriores, chega-se a conclusão de que naquelle anno entraram mais 17.625 immigrantes do que em 1907, e menos 9.279 do que em 1908.

No primeiro semestre do anno passado houve no porto desta capital um augmento de 87 % sobre egual periodo de 1907 e de 24 % sobre os primeiros seis mezes de 1908.

Por conta do governo federal accitaram hospedagem em cinco portos de desembarque nada menos de 23.895 immigrantes, não se levando em conta os que tiveram as suas despesas de hospedagem pagas pelos governos estadoaes.

Foram em numero de 15.879 os que, por conta do governo central, tiveram transporte em linhas de navegação costeira, e de 14.520 os que fizeram a viagem em estradas de ferro.

IMMIGRANTES DESEMBARCADOS NO PORTO DE SANTOS DURANTE O MEZ DE
JANEIRO DE 1910

Italianos	717
Hespanhoes	787
Portuguezes	491
Turcos	127
Allemaes	52

Austriacos	54
Francezes.	13
Brasileiros	77
Argentinos	2
Russos.	260
Norte-americanos	1
Inglezes	2
Gregos.	3
Hollandezes	1
Suissos.	3
Uruguayos	1
Total	<u>2.651</u>

PROCEDENCIA

Europa	1887
Asia	98
Africa.	17
Norte-america	17
Argentina e Uruguay	409
Diversos portos	163
Total.	<u>2.651</u>

Dos 2.651 immigrants eram :

Expontaneos	1.614
Subsidiados	1.037
Total	<u>2.651</u>

IMMIGRANTES DESEMBARCADOS NO PORTO DO RIO, DURANTE O MEZ DE
JANEIRO DE 1910

Entraram.	2.547
Sendo:	
Expontaneos	1.905
Subsidiados	642
Homens	1.828
Mulheres	719
Solteiros	1.524
Casados	970
Viuvos.	53

Familias de agricultores 155 com 818 pessoas.

» » outras profissões 83 » 260 »

Não constituídos em familia 1.468 »

1772

7

Nacionalidades

Portuguezes	1.033
Austriacos	324
Hespanhoes	232
Allemaes	206
Italianos	194
Russos.	108
Syrios.	91
Hollandezes	87
Diversos	262
	<hr/>
	2.517

Destes immigrants foram localizados 1.706, que tomaram os seguintes destinos:

Amazonas	13
Pará	2
Pernambuco.	1
Espirito Santo	1
Districto Federal	3
Rio (nucleo colonial)	28
Minas (nucleo colonial)	82
S. Paulo	77
Paraná (nucleo colonia!)	826
Santa Catharina.	7
Rio de Grande do Sul (nucleo colonial).	666
	<hr/>
	1.706

Estas collocações foram feitas por intermedio da Repartição do Povoamento do Solo, secção de Immigração, installada na Avenida Central numero 13.

Os 841 immigrants que faltam para completar os 2.547 vieram com destino certo.

Banco de Custeio Rural — A phenomenal producção de café do Estado de S. Paulo, produziu a superproducção do genero, sendo ella uma das causas da crise.

Tendo os preços do café caído á cotações que, quasi não davam para pagar os preços de producção, succedeu, então, o que acontecera em circumstancias eguaes em França, na Allemanha, etc.

Surgiu no espirito do lavrador a necessidade da associação.

Em França foi a cooperativa a medida salvadora.

Em S. Paulo, os fazendeiros appellaram, primeiramente, para os Bancos de Custeio Rural, que é uma das fórmulas efficazes da união para a defeza de interesses communs, sendo que já existem diversas cooperativas em varios municipios cafeeiros do adiantado Estado.

Os Bancos de Custeio tem prestado grandes serviços á lavoura paulista, e todos elles tem prosperado, como se verifica pelos balancetes que passamos a

transcrever, precedidos pelo relatório da Sociedade Incorporadora, que foi a fundadora dos referidos Bancos.

Para os balancetes desses novos estabelecimentos de credito e para o relatório da Sociedade Incorporadora, chamamos a attenção dos senhores fazendeiros.

RELATORIO DA « SOCIEDADE INCORPORADORA » APRESENTADO Á ASSEMBLÉA DE 23 DE JUNHO DE 1909:

Senhores Accionistas — Mais uma vez a directoria da Sociedade Incorporadora cumpre com satisfação, o dever de vos relatar os negocios sociaes, pondo-vos ao corrente de tudo quanto possa interessar aos Bancos de Custeio Rural, instituição já bastante acatada por todos.

ELEIÇÃO — Na ultima Assembléa realizada em 17 de dezembro do anno passado, reelegestes todos os membros do Conselho Fiscal, a saber : para Fiscaes os accionistas — Doutores Antonio Candido Rodrigues, Antonio Dino da Costa Bueno e José Bonifacio de Oliveira Coutinho e para supplentes os accionistas — Doutor Sergio Meira, Alfredo Fortes e José Candido da Silveira. Procedendo-se ao sorteio entre os Directores, foi sorteado e em seguida reeleito por mais um triennio o Director Doutor Augusto Ramos. Vinha, porém, de longa data o desejo insistente deste nosso bom amigo e companheiro de renunciar ao cargo pela impossibilidade em que se julgava estar de exercel-o convenientemente, considerando as suas multiplas occupações. Depois de muito resistirmos, fomos afinal forçados a acceitar a sua renuncia, em sessão de 6 de março deste anno.

Em sessão de fusão com o Conselho Fiscal, realizada em 6 de março proximo passado, deliberámos, de conformidade com o art. 18 dos nossos Estatutos, nomear o Doutor Pedro Vicente de Azevedo, accionista do Banco de Custeio Rural de Lorena, para exercer provisoriamente o cargo de Director em substituição ao Doutor Augusto Ramos, e, em sessão de 8 de março o elegemos nosso Presidente.

Na presente Assembléa, deverá ser por vós eleito o Director que exercerá, de modo definitivo o mandato, durante o resto do triennio a terminar em 31 de dezembro de 1911.

A nomeação do novo Presidente em o mez de março e a necessidade que então tivemos de pol-o ao corrente de todos os negocios da federação, tarefa que se não realiza apenas em alguns dias, motivaram o adiamento da presente Assembléa, que deveria ser realizada naquelle mez.

BANCOS DE CUSTEIO RURAL — Nenhum novo Banco de Custeio Rural foi constituído neste anno de 1909. A directoria espera, porém, recomeçar as novas constituições no proximo mez de julho, visto ser no segundo semestre do anno que os pedidos de custeio se pronunciam em todo o Estado.

Ao entrarmos no corrente anno, já estavam convenientemente installados e regularmente funcionando os dezanove Bancos de Custeio Rural que presentemente constituem a nossa federação. Todos esses estabelecimentos continuam operando regularmente e com os negocios em progressivo augmento.

Seria demasiado longo relatar aqui os negocios de todos os Bancos de Custeio Rural, cujos relatorios, referentes ao passado exercicio temos todos e os pomos á vossa disposição. Julgamos, entretanto, interessante salientar que os contractos para fornecimento de custeio em vigor nos Bancos de Custeio Rural, em 31 de de-

zembro de 1907, eram apenas na importancia de 471:460\$000, subindo em 31 de dezembro do anno passado a 2.362:634\$700. No momento essa importancia se eleva a 2.637:084\$300 e a nossa previsão é de que em 31 de dezembro do corrente anno os contractos em vigor attingirão pelo menos a somma de 6.000:000\$000.

NEGOCIOS SOCIAES — Em annexo sob n. 1, acompanha este relatorio o balanço encerrado em 31 de dezembro do anno passado.

O activo real da Sociedade, pelo referido balanço, isto é, o que lhe pertence a receber de terceiros, moveis, acções, stock de livros, dinheiro e saldos nos bancos,

monta a	1.177:095\$084
e o seu passivo, isto é, o que ella deve a terceiros, correntistas, sociedades da federação, portadores de cheques e por dividendos a pagar, importa apenas em	162:708\$391
resultando uma differença de	1.014:386\$693

que representa o saldo livre de que dispõe a Sociedade e que é constituido pelas tres seguintes parcellas :

Capital	1.000:000\$000
Começo do 3º augmento de Capital	10:000\$000
Lucros suspensos	4:386\$693
	<u>1.014:386\$693</u>

Relativamente aos lucros e perdas da Sociedade, cujo quadro juntamos em annexo sob n. 2, isto é, sua receita e despesa, cumpre-nos ponderar que a Sociedade Incorporadora, dedicando-se, desde a sua fundação até o fim do anno passado, quasi que exclusivamente a fazer funcionar regularmente os Bancos de Custeio Rural, foi obrigada a despendar por sua conta em viagens e ordenados de praticantes, isto é, preparar o primeiro grupo de secretarios, condição esta da mais elevada importancia para o feliz exito da instituição. Por outro lado, não dispoz de tempo sufficiente para crear e impulsionar novas fontes de receita. Pelas razões expostas não pôde a Sociedade distribuir dividendo aos Bancos de Custeio Rural e nos julgamos felizes de termos podido, apesar das difficuldades dos primeiros tempos, não só dar dividendo aos accionistas fundadores da Sociedade (os quaes teem preferencia pelos nossos Estatutos), mas ainda levar para a conta de lucros suspensos a pequena quantia de 4:386\$693.

Daqui para o futuro os nossos lucros liquidos tendem a melhorar bem, não só pela supressão das despesas com praticantes, que hoje não teem mais ordenados, mas tambem pelas novas fontes de receita, que se vão pronunciando promissoramente e entre ellas as commissões por passagens de dinheiro para o interior, as cobranças de ordens tambem no interior e as commissões sobre fornecimentos ás collectorias.

A nossa instituição, além dos serviços especiaes que presta á lavoura, tambem vae servindo de modo assignalado ao commercio. Só as passagens de dinheiro do interior para S. Paulo e de umas para outras localidades montam, até o presente, a 4.685:094\$770.

CONCLUSÃO — Ao encerrarmos o presente relatório, não podemos deixar de patentear a nossa satisfação pelo facto do comparecimento a esta Assembléa dos representantes dos ultimos dez Bancos de Custeio Rural, que foram incorporados á federação em dezembro do anno passado, perfazendo o numero de dezenove. A Directoria terá prazer em supprir por meio de informações que lhe forem solicitadas as lacunas do presente relatório.

S. Paulo, 15 de junho de 1909.— *Pedro Vicente de Azevedo*, Presidente ; *José Antonio Marcondes Machado*, Vice-Presidente ; *Jacinto de Barros*, Director especial ; *Antonio Machado Cesar*, Gerente.

PARECER DO CONSELHO FISCAL

O Conselho Fiscal da Sociedade Incorporadora dos Bancos de Custeio Rural, hoje reunido, tendo presentes o balanço, papeis e livros relativos ao movimento do anno de 1908, declara que encontrou tudo na devida ordem, e por isso é de parecer que sejam approvadas as contas apresentadas pela Directoria, que, sem duvida, é credora de louvores pelo zelo da administração e pelo movimento dado aos interesses sociaes.

S. Paulo, 19 de junho de 1909.— *A. Dino Bueno*, *José Candido da Silveira*, *Alfredo Alberto Fortes*.

ACTIVO				PASSIVO			
Accionistas :				Capital :			
Pelas entradas a realizar		752:300\$000		Valor nominal de 10.000 acções a Rs. 100\$000 cada uma		1.000:000\$000	
Obrigações a receber :				Terceiro augmento de capital :			
Importancia a receber de accionistas dos bancos de custeio rural	43:120\$000			Importancia de 10 % realizada pelos Bancos de Custeio Rural sobre acções que suscreveram do Centro		40:000\$000	1.010:000\$000
Contas Correntes :				Contas correntes :			
Saldos devedores	82:955\$120			Saldo credor	2342:720		
Sociedades da Federação :				Sociedade da Federação :			
Saldos devedores dos bancos de custeio rural	133:690\$561			Saldos credores dos Bancos de custeio Rural	148:672\$171	151:014\$891	
Secção de compras :				Cheques a pagar :			
Saldo desta conta	652\$000	260:417\$681		Importancia dos cheques a pagar	9:383\$500		
Movels e utensilios :				Dividendos a pagar :			
Pelos existentes	7:459\$300			Importancia dos dividendos a pagar	1:855\$000	11:693\$550	162:708\$391
Acções de sociedades da federação :				Caução da Directoria :			
Valor realizado das acções adquiridas	73:660\$000			Acções caucionadas			4:000\$000
Stock de livros e impressos :				Lucros suspensos :			
Pelos existentes	2:722\$130	83:841\$430		Saldo desta conta			4:386\$693
Caixa :							
Existente em dinheiro	7:829\$873						
Brasilianische Bank für Deutschland :							
Importancia de nosso credito em conta corrente	1:373\$000						
The British Bank of South America Ltd.							
Importancia de nosso credito em conta corrente	71:333\$360	80:535\$973	1.477:095\$084				
Deposito da Directoria :							
Acções depositadas em garantia de sua gestão			4.000\$000				
Rs.			1.481:095\$084				1.481:095\$084

S. Paulo, 15 de junho de 1909. — José Antonio Marcondes Machado — Vice-presidente, Jacintho de Barros — Director especial, Antonio Machado Cesar — Gerente.

SOCIEDADE INCORPORADORA

DEMONSTRAÇÃO DA CONTA «LUCROS E PERDAS» EM 31 DE DEZEMBRO DE 1908

DEBITO		CREDITO	
Despesas de installação :		Saldo:	
Saldo desta conta que poderia permanecer sob o mesmo titulo mas que fica extincta	2:979\$250	Em 31 de dezembro de 1907	1:717\$195
Despesas Geraes :		Juros, descontos e commissões :	
Saldo	42:117\$466	Saldo	14:317\$964
Dividendos a pagar :		Dividendos recebidos :	
2.º dividendo de 10 % sobre o capital realizado dos accionistas fundadores da Sociedade	1:270\$000	Saldo	81\$500
Lucros suspensos:		Incorporações :	
Saldo liquido transferido para esta conta	4:386\$693	Saldo	34:636\$750
Rs.	50:753\$409	Rs.	50:753\$409

S. Paulo, 15 de junho de 1909. — Antonio Machado Cesar — Gerente.

Acta da Assembléa Geral Ordinária da Sociedade Incorporadora, em 23 de Junho de 1909,
para a approvação do relatório e contas do anno de 1908 e eleição de um Director

Aos vinte e tres dias do mez de Junho de mil novecentos e nove, á uma hora da tarde, na séde da Sociedade Incorporadora, á rua Alvares Penteados numero trinta e dois, presentes trinta e sete accionistas, representando sete mil duzentas e dez acções, conforme se verifica no livro de presenças, assumiu a presidencia o Dr. Pedro Vicente de Azevedo, que convidou para secretarios os Drs. Antonio Mercado e Veiga Filho, os quaes acceitaram e tomaram assento. O Dr. Presidente expoz os fins da primeira parte da ordem do dia, que, conforme annuncio feito nos jornaes da capital e cartas dirigidas aos socios, constaria da leitura do relatório da Directoria e parecer do Conselho Fiscal, afim de serem as contas do exercicio de mil novecentos e oito submettidas á approvação da Assembléa. E' lido o parecer do Conselho Fiscal e, a requerimento do accionista Dr. Siqueira Campos, é dispensada a leitura do relatório, visto ter elle sido publicado pela imprensa e em folhetos distribuidos aos accionistas. Postos em discussão e á votação, são approvados o relatório e as contas apresentadas pela Directoria. Tendo de se passar á segunda parte da ordem do dia, o Dr. Pedro Vicente passa a presidencia ao Dr. José Antonio Marcondes Machado, Vice-Presidente da Sociedade, que, assumindo a Presidencia, declara que tambem fôra convocada a presente Assembléa para se proceder á eleição de um Director, e convida os Srs. accionistas a enviar á mesa os seus votos á proporção que forem chamados pelo secretario. Recolhidas trinta e cinco cédulas e procedendo-se á apuração, é proclamado eleito por unanimidade de votos o Dr. Pedro Vicente de Azevedo, que, convidado para tomar posse e assumindo de novo a presidencia, agradeceu a eleição e prometeu cooperar tanto quanto possivel, para o progresso da instituição dos Bancos de Custeio Rural, procurando assim corresponder á confiança que lhe é dispensada pela Assembléa. Pede a palavra o Dr. Jacintho de Barros e, fazendo apreciações geraes sobre a Sociedade Incorporadora, congratula-se com ella pela eleição do Dr. Pedro Vicente, de quem muito lucrará, já pela sua capacidade intellectual e perfeito conhecimento de assumptos bancarios, como pela boa vontade com que vem exercendo interinamente o mandato. Usa então da palavra o Dr. Almeida Nogueira e propõe um voto de louvor ao Dr. Jacintho de Barros a quem o Estado de São Paulo deve a organização da Sociedade Incorporadora e dos Bancos de Custeio Rural os quaes tão bons serviços estão prestando á lavoura e ao commercio, e congratula-se com o mesmo doutor pela prosperidade de tão util instituição de credito. Submettido á votação, é unanimemente approvado o voto alludido. Usa ainda da palavra o Dr. Aureliano de Gusmão e propõe que a mesa fique autorizada a assignar a acta. Posta em discussão e á votação é approvada essa proposta. Ninguem mais pedindo a palavra, o Dr. Pedro Vicente suspendeu a sessão e deu por terminados os trabalhos da presente Assembléa. E para constar foi lavrada a presente acta, que vaé assignada pela mesa. — *Pedro Vicente de Azevedo, Antonio Mercado, João Pedro da Veiga Filho.*

BANCO DE CUSTEIO RURAL DE LORENA

BALANÇETE EM 30 DE JUNHO DE 1909

Activo		Passivo	
Accionistas	75:600\$000	Capital	100:000\$000
Letras a receber	120:000\$000	Mutuários	36:243\$800
Sociedade incorporadora	65:852\$180	Sociedade incorporadora c/ especial	40:000\$000
Contas correntes	301\$700	Contas correntes	80:295\$290
Titulos da federação descon- tados	15:000\$000	Pequenos depositos	3:600\$290
Caixa	16:157\$142	Letras a pagar	32:606\$950
Estampilhas	165\$800	Dividendos a pagar	183\$000
Acções	50:000\$000	Credito aberto	50:000\$000
Movéis e utensilios	3:032\$100	Empréstimos contractados	120:000\$000
Garantias recebidas	120:000\$000	Titulos caucionados	62:550\$000
Caução	62:550\$000	Deposito da Directoria	3:000\$000
Acções caucionadas	3:000\$000	Governo do Estado de São Paulo c/ auxilio	50:000\$000
The British Bank c/ caução	50:000\$000	Lucros suspensos	5:729\$460
Juros, descontos e commissões	718\$418		
Despezas geraes	1:741\$120		
Total	581:298\$730	Total	581:298\$760

BANCO CUSTEIO RURAL DE PIRASSUNUNGA

BALANÇETE EM 30 DE JUNHO DE 1909

Activo		Passivo	
Accionistas	82:300\$000	Capital	100:000\$000
Letras a receber	84:500\$000	Mutuários	27:970\$834
Sociedade incorporadora	20:594\$410	Sociedade incorporadora c/ especial	40:000\$000
Caixa	15:244\$790	Contas correntes	16:114\$600
Estampilhas	42\$800	Pequeno deposito	6:386\$650
Acções	50:000\$000	Letras a pagar	14:274\$400
Movéis e utensilios	2:903\$200	Dividendos a pagar	184\$500
Garantias recebidas	84:500\$000	Credito aberto	50:000\$000
Caução	71:000\$000	Empréstimos contractados	84:500\$000
Acções caucionadas	3:000\$000	Titulos caucionados	71:500\$000
The British Bank c/ caução	50:000\$000	Depositos da Directoria	3:000\$000
Despezas geraes	2:263\$300	Governo do Estado de São Paulo c/ auxiliar	50:000\$000
		Lucros suspensos	1:903\$510
		Juros, descontos e commissões	1:017\$006
Total	466:348\$500	Total	466:348\$500

BANCO DE CUSTEIO RURAL DE S. JOSÉ DO RIO PARDO

BALANCETE EM 30 DE JUNHO DE 1909

Activo		Passivo	
Accionistas	101:700\$000	Capital	132:000\$000
Letras a receber	200:461\$700	Segundo augmento de capital	1:620\$000
Contas correntes	45:07\$220	Mutuarios	41:217\$469
Caixa	23:797\$258	Sociedade incorporadora c/ especial	35:000\$000
Estampilhas	123\$400	Sociedade incorporadora . .	6:721\$820
Accções	50:000\$000	Contas correntes	31:546\$419
Moveis e utensilios	2:973\$900	Pequenos depositos	3:030\$092
Garantias recebidas	200:840\$000	Letras a pagar	55:997\$860
Caução	64:140\$000	Dividendos a pagar	321\$000
Accções caucionadas	3:000\$000	Endossos	30:000\$000
The British Bank c/ caução .	50:000\$000	Credito aberto	50 000\$000
Despezas geraes	2:702\$000	Emprestimos contractados . .	200:840\$000
		Titulos caucionados	64:140\$0 0
		Deposito da Directoria	3:000\$000
		Governo do Estado de São Paulo c/ auxilio	50:000\$000
		Lucros suspensos	6:703\$644
		Juros, descontos e commis- sões	432\$674
		Joia	3:560\$000
Total	716:145\$478	Total	716:145\$478

BANCO DE CUSTEIO RURAL DE JABOTICABAL

BALANCETE EM 30 DE JUNHO DE 1909

Activo		Passivo	
Accionistas	71:400\$000	Capital	100:000\$000
Letras a receber	198:125\$000	Primeiro augmento de capital	3:900\$000
Effeitos a receber	673\$930	Mutuarios	71:936\$672
Contas correntes	10:477\$984	Sociedade incorporadora c/ especial	35:000\$000
Caixa	45:166\$087	Sociedade incorporadora . .	23:568\$100
Estampilhas	27\$300	Contas correntes	21:879\$006
Accções	50:000\$000	Pequenos depositos	8:981\$984
Moveis	2:851\$500	Depositos judiciaes	2:926\$800
Garantias recebidas	205:625\$000	Letras a pagar	54:245\$300
Caução	64:250\$000	Dividendos a pagar	1:064\$390
Accções caucionadas	3:000\$000	Registro, custas e multas . .	55\$000
The British Bank c/ caução .	50:000\$000	Titulos por c/ de terceiro . .	673\$030
Despezas geraes	5:607\$450	Credito aberto	50:000\$000
		Emprestimos contractados . .	205:635\$000
		Titulos caucionados	64:250\$000
		Deposito da Directoria	3:000\$000
		Governo da Estado de São c/ auxilio	50:000\$000
		Fundo de reserva	1:000\$316
		Lucros suspensos	2:588\$609
		Juros, descontos e commissões	5:709\$414
		Joias	800\$000
Total	707:204\$251	Total	707:204\$251

BANCO DE CUSTEIO RURAL DE S. MANOEL

BALANCETE EM 30 DE JUNHO DE 1909

Activo		Passivo	
Accionistas	89:000\$000	Capital	100:000\$000
Letras a receber	16:500\$000	Mutuarios.	3:462\$100
Caixa	19:904\$100	Sociedade incorporadora c/ especial	40:000\$000
Estampilhas.	60\$900	Sociedade incorporadora . .	12:403\$940
Acções	50:000\$000	Contas correntes	2:850\$700
Moveis e utensilios	3:529\$800	Pequenos depositos	5:087\$800
Garantias recebidas.	16:500\$000	Letras a pagar	17:246\$600
Acções caucionadas	3:000\$000	Emprestimos contractados. .	16:500\$000
Banco C. Italo-Brasiliano c/ caução.	50:000\$000	Deposito da Directoria . . .	3:000\$000
Despezas geraes.	2:057\$200	Governo do E. de S. Paulo c/ auxilio.	50:000\$000
		Joiias	1:000\$000
	251:551\$140		251:551\$140

BANCO DE CUSTEIO RURAL DE BOTUCATÚ

BALANCETE EM 30 JUNHO DE 1909

Activo		Passivo	
Accionistas	78:600\$000	Capital	100:000\$000
Letras a receber.	83:700\$000	Primeiro augmento de capital	1:980\$000
Sociedade incorporadora. . .	14:022\$469	Mutuarios.	29:701\$900
Contas correntes	29:103\$800	Sociedade incorporadora c/ especial	40:000\$000
Registros, custas e multas. .	92\$000	Contas correntes	29:034\$930
Caixa	12:924\$280	Pequenos depositos	2:525\$760
Estampilhas.	52\$100	Letras a pagar	14:408\$160
Acções.	50:000\$000	Dividendos a pagar	413\$500
Moveis e utensilios	3:047\$500	Credito aberto.	50:000\$000
Garantias recebidas.	127:140\$000	Emprestimos contractados. .	127:140\$000
Caução	62:400\$000	Titulos caucionados.	62:400\$000
Acções caucionadas.	3:000\$000	Deposito da Directoria . . .	3:000\$000
The British Bank c/ caução. .	50:000\$000	Governo do E. de S. Paulo c/ auxilio.	50:000\$000
Despezas geraes.	1:891\$280	Lucros suspensos	2:909\$720
		Juros, descontos e commis- sões.	2:459\$459
	515:973\$429		515:973\$429

BANCO DE CUSTEIO RURAL DE SANTA CRUZ DO RIO PARDO

BALANÇETE EM 30 DE JUNHO DE 1909

Activo		Passivo	
Accionistas	76:500\$000	Capital	100:000\$000
Letras a receber	178:500\$000	Mutuários	35:340\$100
Contas correntes	4:680\$000	Sociedade incorporadora c/ especial	40:000\$000
Titulos da Federação descontados	15:000\$000	Sociedade incorporadora	9:928\$051
Caixa	11:830\$937	Contas correntes	43:207\$767
Estampilhas	30\$200	Pequenos depositos	993\$078
Acções	50:007\$000	Letras a pagar	17:116\$400
Moveis e utensilios	3:100\$500	Dividendos a pagar	271\$500
Garantias recebidas	178:500\$000	Endossos	89:000\$000
Acções caucionadas	3:000\$000	Emprestimos contractados	178:500\$000
The British Bank	50:000\$000	Deposito da Directoria	3:000\$000
Juros, descontos e commissões	1:015\$254	Governo do E. de S. Paulo c/ especial	50:000\$500
Despezas geraes	1:692\$125	Lucros suspensos	6:494\$120
Total	573:849\$016	Total	573:849\$016

BANCO DE CUSTEIO RURAL DE SERRA NEGRA

BALANÇETE EM 30 DE JUNHO DE 1909

Activo		Passivo	
Accionistas	76:900\$000	Cápital	100:000\$000
Letras a receber	66:275\$000	Primeiro augmento de capital	500\$000
Sociedade incorporadora	2:414\$974	Mutuários	13:355\$629
Contas correntes	2:224\$377	Sociedade incorporadora c/ especial	35:000\$000
Registro, custas e multas	5\$576	Contas correntes	10:011\$351
Titulos da Federação descontados	5:000\$000	Pequenos depositos	927\$606
Caixa	7:295\$884	Letras a pagar	2:348\$000
Estampilhas	28\$000	Dividendos a pagar	153\$500
Acções	50:000\$000	Bonificações	64\$750
Moveis e utensilios	2:608\$000	Credito aberto	50:000\$000
Garantias recebidas	66:275\$000	Emprestimos contractados	66:275\$000
Caução	66:275\$000	Titulos caucionados	66:275\$000
Acções caucionadas	3:000\$000	Deposito da directoria	3:000\$000
The British Bank c/ caução	50:000\$000	Governo do E. de S. Paulo c/ auxilio	50:000\$070
Despezas geraes	1:710\$160	Lucros suspensos	1:263\$607
Total	400:006\$971	Juros, descontos e commissões	773\$528
		Total	400:006\$971

BANCO DE CUSTEIO RURAL DE SERTÃO SINHO

BALANÇETE EM 30 DE JUNHO DE 1909

Activo		Passivo	
Accionistas	75:200\$000	Capital	100:000\$000
Letras a receber	117:000\$000	Primeiro augmento de capital	6:300\$000
Contas correntes	14:203\$000	Mutuar os	34:642\$167
Titulos da Federação descontados	13:750\$000	Sociedade incorporadora c/ especial	35:000\$000
Caixa	15:610\$736	Sociedade incorporadora	5:656\$690
Estampilhas	4\$000	Contas correntes	38:225\$507
Acções	50:000\$000	Pequenos depositos	12:900\$100
Moveis e utensilios	2:635\$100	Letras a pagar	34:573\$620
Garantias recebidas	153:000\$000	Dividendos a pagar	500\$000
Caução	62:500\$000	Credito aberto	50:000\$000
Acções caucionadas	3:000\$000	Empr stimos contractados	153:000\$000
The British Bank c/ caução	50:000\$000	Titulos caucionados	62:500\$000
Despezas geraes	2:245\$507	Deposito da Directoria	3:000\$000
		Governo do E. de S. Paulo c/ auxilio	50:000\$000
		Fundo de reserva	1:925\$000
		Juros, descontos e commissões	1:125\$559
Total	589:348\$843	Total	589:348\$843

BANCO DE CUSTEIO RURAL DE PINDAMONHANGABA

BALANÇETE EM 30 DE JUNHO DE 1909

Activo		Passivo	
Accionistas	78:400\$000	Capital	100:000\$000
Letras a receber	136:200\$000	Primeiro augmento de capital	180\$000
Contas correntes	800\$000	Mutuarios	50:474\$113
Titulos da Federação descontados	18:750\$000	Sociedade incorporadora c/ especial	40:000\$000
Caixa	39:924\$596	Sociedade incorporadora	2:217\$704
Estampilhas	55\$000	Contas correntes	39:662\$308
Acções	50:000\$000	Pequenos depositos	3:116\$970
Moveis e utensilios	2:884\$050	Letras a pagar	19:880\$495
Garantias recebidas	136:200\$000	Dividendos a pagar	309\$000
Caução	65:600\$000	Endosmos	15:000\$000
Acções caucionadas	3:000\$000	Registros, custas e multas	8\$200
The British Bank c/ caução	50:000\$000	Credito aberto	50:000\$000
Imposto de dividendo	18\$312	Empr estimos contractados	136:200\$000
Despezas geraes	2:395\$420	Titulos caucionados	65:000\$000
		Deposito da Directoria	3:000\$000
		Governo do E. de S. Paulo c/ auxilio	50:000\$000
		Lucros suspensos	4:765\$703
		Lucros eventuaes	61\$220
		Juros, descontos e commissões	3:665\$665
		Joa	80\$000
Total	584:221\$378	Total	584:221\$378

BANCO DE CUSTEIO RURAL DE RIBEIRÃO BONITO

BALANÇETE EM 30 DE JUNHO DE 1909

Activo		Passivo	
Accionistas	75:100\$000	Capital	100:000\$000
Letras a receber	145:110\$000	Primeiro augmento do capital	1:24\$000
Sociedade incorporadora	11:080\$250	Mutuários	38:569\$100
Contas correntes	2:209\$512	Sociedade incorporadora e especial	35:000\$000
Caixa	9:832\$159	Contas correntes	28:525\$345
Estampilhas	50\$460	Pequenos depositos	3:281\$140
Acções	50:000\$000	Letras a pagar	26:186\$900
Moveis e utensilios	1:006\$100	Dividendos a pagar	1:100\$700
Garantias recebidas	145:800\$000	Endossos	9:000\$000
Caução	62:400\$000	Registro, custas e malhas	5\$000
Acções caucionadas	3:000\$000	Credito aberto	49:92\$000
Acções depositadas	2:700\$000	Emprestimos contractados	115:800\$000
The British Bank c/ caução	50:000\$000	Titulos caucionados	62:400\$000
Despezas geraes	87\$460	Deposito da Directoria	3:000\$000
		Governo do Estado de São Paulo c/ auxilio	50:000\$000
		Lucros suspensos	4:714\$906
		Juros, descontos e commissões	457\$020
Total	559:195\$941	Total	559:195\$941

BANCO DE CUSTEIO RURAL DE LIMEIRA

BALANÇETE EM 30 DE JUNHO DE 1909

Activo		Passivo	
Accionistas	75:900\$000	Capital	100:000\$000
Letras a receber	115:500\$000	Mutuários	30:721\$700
Effeitos a receber	37\$640	Sociedade incorporadora e especial	40:000\$000
Sociedade incorporadora	11:493\$400	Contas correntes	33:710\$380
Contas correntes	76\$900	Pequenos depositos	4:061\$830
Caixa	17:176\$260	Letras a pagar	13:557\$100
Estampilhas	23\$700	Dividendos a pagar	276\$700
Acções	50:000\$000	Endossos	45:000\$000
Moveis e utensilios	2:778\$200	Titulos por c/ de terceiros	37\$640
Garantias recebidas	115:500\$000	Emprestimos contractados	115:500\$000
Acções caucionadas	3:000\$000	Deposito da Directoria	3:000\$000
The British Bank c/ caução	50:000\$000	Governo do Estado de São Paulo c/ auxilio	50:000\$000
Juros, descontos e commissões	28\$500	Lucros suspensos	4:330\$150
Despezas geraes	2:081\$200		
Total	443:595\$800	Total	443:595\$800

BANCO DE CUSTEIO RURAL DE JAHÚ

BALANCETE EM 30 DE JUNHO DE 1909

Activo		Passivo	
Accionistas	74:100\$000	Capital	100:000\$000
Letras a receber.	142:190\$000	Primeiro augmento do capital	4:140\$000
Contas correntes.	120\$400	Mutuários	38:981\$269
Caixa	25:072\$006	Sociedade incorporadora c/ especial.	35:000\$000
E-stampilhas	29\$500	Sociedade incorporadora.	13:250\$482
Accões	50:000\$000	Contas correntes.	24:280\$331
Moveis e utensilios	2:401\$000	Pequenos depositos	5:45\$260
Garantias recebidas.	142:190\$000	Letras a pagar.	16:10\$800
Caução	63:000\$000	Dividendos a pagar	1:049\$500
Accões caucionadas.	3:000\$000	Credito aberto.	50:000\$000
The British Bank e caução	50:000\$000	Emprestimos contractados.	142:190\$000
Juros, descontos e commissões.	1:836\$096	Titulos caucionados.	63:000\$000
Despezas geraes.	1:997\$000	Deposito da Directoria.	3:009\$000
		Governo do Estado de São Paulo c/ auxilio.	50:000\$000
		Lucros suspensos	9:394\$550
Total.	555:846\$192	Total.	555:846\$192

BANCO DE CUSTEIO RURAL DE RIBEIRÃO PRETO

BALANCETE EM 30 DE JUNHO DE 1909

Activo		Passivo	
Accionistas	71:980\$000	Capital	100:000\$000
Letras a receber.	500:500\$000	Primeiro augmento do capital	4:200\$000
Contas correntes.	6:504\$530	Mutuários.	56:811\$740
Caixa	25:204\$840	Sociedade incorporadora c/ especial.	35:000\$000
E-stampilhas.	124\$720	Sociedade incorporadora.	15:342\$130
Accões	50:000\$000	Contas correntes.	20:372\$870
Moveis e utensilios.	3:110\$000	Pequenos depositos	1:467\$835
Garantias recebidas	219:000\$000	Letras a pagar	25:250\$000
Caução	67:750\$000	Dividendos a pagar	1:104\$000
Accões caucionadas	3:000\$000	Endossos	43:750\$000
The British Bank c/ caução	50:000\$000	Credito aberto.	48:500\$000
Despezas geraes.	1:726\$615	Emprestimos contractados.	219:000\$000
		Titulos caucionados.	67:750\$000
		Deposito da Directoria.	3:000\$000
		Governo do Estado de São Paulo c/ auxilio	50:000\$000
		Lucros suspensos	2:035\$042
		1º Fundo de reserva.	941\$626
		2º Fundo de reserva.	482\$212
		Juros, descontos e commissões.	3:793\$420
Total.	699:900\$875	Total.	699:900\$875

BANCO DE CUSTEIO RURAL DE JACAREHY

BALANCETE EM 30 DE JUNHO DE 1909

Activo		Passivo	
Accionistas	77:600\$000	Capital	100:000\$000
Letras a receber	145:299\$000	Mutuarios	32:142\$040
Effeitos a receber	113\$400	Sociedade incorporadora c/ especial	40:000\$000
Contas correntes	6:109\$983	Sociedade incorporadora	37:415\$907
Registros, custas e multas	7\$600	Contas correntes	8:186\$023
Caixa	7:984\$415	Pequenos depositos	374\$216
Estampilhas	79\$560	Letras a pagar	16:630\$900
Accões	50:000\$000	Dividendos a pagar	1:153\$000
Moveis e utensilios	2:495\$200	Titulos por c/ de terceiros	113\$100
Garantias recebidas	156:285\$000	Credito aberto	50:000\$000
Caução	62:949\$000	Emprestimos contractados	156:285\$000
Accões caucionadas	3:000\$000	Titulos caucionados	62:949\$000
The British Bank c/ caução	50:000\$000	Deposito da Directoria	3:000\$000
Juros, descontos e commis- sões	905\$054	Governo do E. de S. Paulo c/ auxilio	50:000\$000
Despezas geraes	1:75 \$210	Lucros suspensos	6:331\$336
Total	564:581\$422	Total	564:581\$422

BANCO DE CUSTEIO RURAL DE ITAPIRA

BALANCETE EM 30 DE JUNHO DE 1909

Activo		Passivo	
Accionistas	106:340\$000	Capital	137:000\$000
Letras a receber	61:989\$300	Mutuarios	16:327\$450
Sociedade Incorporadora	647\$230	Sociedade incorporadora c/ especial	35:000\$000
Registros, custas e multas	7\$600	Contas correntes	20:494\$460
Caixa	7:735\$100	Pequenos depositos	5:411\$000
Estampilhas	20\$100	Letras a pagar	11:148\$440
Accões	50:000\$000	Dividendos a pagar	689\$800
Moveis e utensilios	2:410\$200	Emprestimos contractados	60:989\$300
Garantias recebidas	60:989\$300	Deposito da Directoria	3:000\$000
Accões caucionadas	3:000\$000	Governo do E. de S. Paulo c/ auxilio	50:000\$000
Banco G. Italo-Brasiliano c/ caução	50:000\$000	Juros, descontos e commis- sões	3:153\$080
Despezas geraes	874\$400	Total	343:213\$530
Total	343:213\$530	Total	343:213\$530

BANCO DE CUSTEIO RURAL DE TAQUARITINGA

BALANCETE EM 30 DE JUNHO DE 1909

Activo		Passivo	
Accionistas	84:200\$000	Capital	100:000\$000
Letras a receber.	79:350\$000	Mutuarios.	3:841\$852
Caixa	10:344\$330	Sociedade incorporadora e/ especial.	40:000\$000
Estampilhas.	27\$200	Sociedade incorporadora . .	8:907\$722
Ações	50:000\$000	Contas correntes	3:636\$679
Moveis e utensilios	2:315\$000	Pequenos depositos	160\$200
Garantias recebidas.	79:350\$000	Letras a pagar	5:560\$350
Ações caucionadas.	3:000\$000	Dividendos a pagar.	298\$000
Banco C. Italo-Braziliano e/ caução.	50:000\$000	Endossos	66:750\$000
Juros, descontos e commis- sões.	1:747\$933	Cambiaes	291\$900
Despezas geraes	1:328\$600	Emprestimos contractados. .	79:350\$000
		Deposito da Directoria . . .	3:000\$000
		Governo do E. de S. Paulo e/ auxilio.	50:000\$000
		Lucros suspensos	60\$360
Somma	361:863\$063	Somma	361:863\$063

BANCO DE CUSTEIO RURAL DE TAUBATE'

BALANCETE EM 30 DE JUNHO DE 1909

Activo		Passivo	
Accionistas	125:000\$000	Capital	150:000\$000
Letras a receber.	156:350\$000	Segundo augmento do capital	280\$900
Contas correntes.	26:287\$410	Mutuarios.	39:681\$836
Committentes	390\$100	Sociedade incorporadora e/ especial.	35:000\$000
Caixa	16:072\$330	Sociedade incorporadora . .	5:839\$160
Estampilhas	99\$800	Contas correntes	61:672\$984
Ações	50:000\$000	Pequenos depositos	1:390\$800
Moveis e utensilios	2:593\$600	Letras a pagar	31:934\$000
Utensilios da casa interme- diaria.	757\$100	Dividendos a pagar.	352\$500
Garantias recebidas.	180:350\$000	Credito aberto	43:320\$000
Caução	63:000\$000	Emprestimos contractados .	180:350\$000
Ações caucionadas.	3:000\$000	Titulos caucionados.	63:000\$000
The British Bank e/ caução.	50:000\$000	Deposito da Directoria . . .	3:000\$000
Despezas geraes.	3:060\$250	Governo do E. de S. Paulo e/ auxilio.	50:000\$000
Despezas da casa interme- diaria.	1:662\$200	Lucros suspensos	354\$555
Despezas de installação . . .	1:300\$000	Juros, descontos e commis- sões	4:439\$255
Despezas judiciais.	99\$700	Joia.	4:000\$000
		Commissão da casa interme- diaria.	407\$100
Somma	680:022\$190	Somma	680:022\$190

BANCO DE CUSTEIO RURAL DE DESCALVADO

BALANCETE EM 30 DE JUNHO DE 1909

Activo		Passivo	
Accionistas	75:200\$000	Capital	100:000\$000
Letras a receber	218:000\$000	Mutuarios	41:114\$036
Sociedade, incorporadora . .	32:118\$050	Sociedade incorporadora c/ especial	40:000\$000
Caixa	4:895\$028	Contas correntes	78:734\$530
Estampilhas	19\$000	Pequenos depositos	2:296\$773
Acções	50:000\$000	Letras a pagar	51:499\$600
Moveis e utensilios	2:695\$400	Dividendos a pagar	1:203\$000
Garantias recebidas	218:000\$000	Endossos	12:000\$000
Caução	65:000\$000	Credito aberto	50:000\$000
Acções caucionadas	3:000\$000	Emprestimos contractados . .	218:000\$000
The British Bank c/ caução	50:000\$000	Titulos caucionados	65:000\$000
Despezas geraes	2:168\$300	Deposito da directoria	3:000\$000
		Governo do E. de S. Paulo auxilio	50:000\$000
		Lucros suspensos	6:893\$373
		Juros, descontos e commissões	1:414\$466
Somma	721:185\$778	Somma	721:185\$778



EXPEDIENTE DA SOCIEDADE NACIONAL DE AGRICULTURA

Horto da Penha

Por ter despertado interesse, reproduzimos neste numero a ligeira descripção que fizemos, em julho do anno proximo passado, das diversas secções do *Horto Fructicola da Penha*, secções que estão hoje muito desenvolvidas.

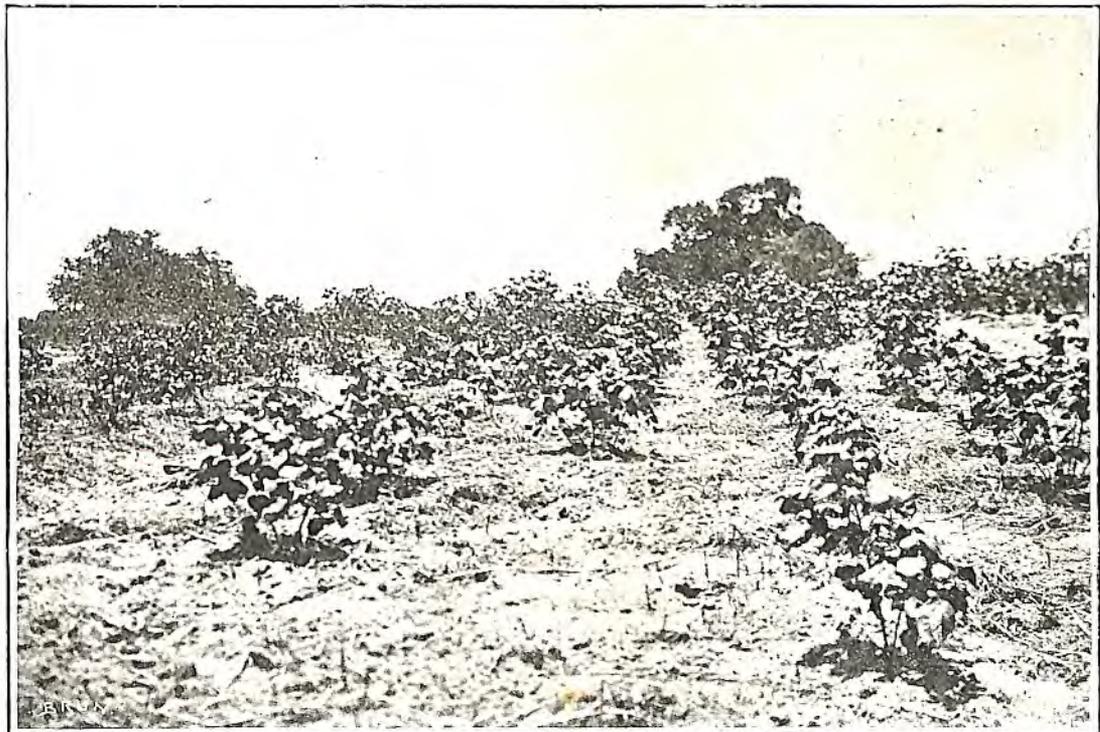
Situação — Dista da estação de « Olaria » quinze minutos de trolley.

HORTO DA PENHA



PORCA NAPOLITANA, COM OS RESPECTIVOS FILHOS

HORTO DA PENHA



CULTURA DO ALGODÃO, SEA ISLAND

Viagens — Tomar o bond do Cajú, ou S. Luiz Durão, ou S. Januario, que passam á porta da « Estação Praia Formosa » onde se toma o trem na plataforma B, da Estrada de Ferro Leopoldina. Tempo da viagem, 20 minutos.

Despezas — Importam em \$900, sendo \$400 de bond, ida e volta e \$500 da passagem tambem ida e volta e ambos os transportes de primeira classe.

Conducção — Os pedidos de conducção devem ser feitos directamente a esta Sociedade, ou ao Dr. Paulino Cavalcanti, superintendente do Horto, sendo que a correspondencia sobre esse assumpto e que for destinada directamente ao referido Dr. Cavalcanti deve ser endereçada ao mesmo para a estação da Penha.

Horario dos Trens :

Manhã — 3.15, 4.0, 5.15, 6.40, 7.45, 8.35, 8.55, 9.30, 10.30 e 11.40.

Tarde — 12.40, 1.30 e 3.40.

Para volta ha tambem abundancia de trens.

O Horto — Composto de 20 hectares de terras, sendo argilosas nos altos e silico-argilosas nas baixadas, está dividido em diversas secções.

Gallinheiro — Typo commercial, obedecendo ao systema americano.

Construcção economica e que preenche os fins a que foi destinado.

O gallinheiro tem os compartimentos necessarios á criação das gallinhas, nas suas diversas phases.

E' assim que tem o « Isolamento », para as aves doentes, secção para as aves que estão pondo, para selecção dos productos mais perfeitos destinados á reproducção. Repartição apropriada para guardar ovos. Apparelhos e alimentos especiaes para engordar as aves destinadas ao mercado, alimentos diversos e adequados ao desenvolvimento dos pintos, medicamentos e antisepticos, etc.

Está funcionando constantemente a incubadora.

Tem mais ainda divisão especial para a producção de ovos infecundos para o commercio.

As experiencias nesta secção, visam dous fins: verificar quaes as raças que produzem melhor e mais abundante carne e quaes as que põem mais ovos.

Além do gallinheiro americano dividido nas secções já enumeradas possui tambem esta secção um gallinheiro portatil, que se arma em 25 minutos.

As vantagens desta installação consistem em facilitar ás aves colherem por si as hervas, terem maior área de piso, etc.

Pocilga — Esta secção destina-se ao estudo da criação e engorda de porcos.

Nesta, como nas demais secções deste Horto, se procura colher, por acurada observação e cuidadosas experiencias, os ensinamentos relativos aos processos mais economicos e mais remuneradores de criação e engorda e, portanto, verificar quaes as raças que melhor se adaptam entre nós e quaes os elementos mais apropriados á estes fins. Existem em experimentação raças nacionaes, norte-americanas e europeas.

Apiario — Funcionam 18 colmeias modelo typo Schenk e Blondain.

Esta secção está convenientemente provida dos apparelhos necessarios e entre elles encontra-se: — o centrifugo para a extracção do mel, apparelho de Gouffe, para fazer os favos, derretedor de cêra e apparelho para apanhar enxame, gaiolas para aprisionar rainhas, etc.

Em frente ao Apiario, ao ar livre, está installada a Colmeia Gigante, para a fabricacção de cêra e mel.

O Horto distribue gratis enxames e vende a 18\$000 colmeias, typo Schenk.

Redil — Typo simples. O fim desta secção é verificar quaes as melhores raças de ovelhas, para lã e para carne, para serem indicadas aos Srs. criadores.

Cocheira — Dividida em duas secções.

Nas baias estão installados os muars e nos estabulos os bois destinados ao trabalho.

O preparo das rações é feito em compartimento proprio.

As rações são compostas de forragens nacionaes e estrangeiras, observando-se quaes as mais appetecidas pelos animaes e as vantagens peculiares a cada uma, pela engorda, força e resistencia que proporcionam aos animaes que dellas se alimentam.

Machinas agricolas — Esta secção dispõe deapparelhos para distribuir e pepar adubos chimicos e organicos, semeadores de milho, feijão, etc., arrancador de batata inglesa, arados diversos, ditos reversiveis, idem de dous discos, grade de pente, destorreadores, carpideiras Planet, enfeixadores, arados francezes, arados Oliver, etc., etc.

Estas machinas funccionam nas occasiões em que são precisos os seus diferentes servicos.

Estrumeira — Typo simples, de fossa. O estercio é tratado pelo ammoniaco. Seis bois e seis burros estabulados e mais seis bois semi-estabulados, fornecem adubo para toda a área cultivada do Horto.

Nesta secção os senhores interessados verificarão qual a *canu* mais appropriada para fazer estercio.

As gramineas são de preferencia empregadas para aquelle fim, porém é mister saber-se dentro estas quaes as que devem ser preferidas, porque umas se decompõem mais rapidamente do que outras. Verifica-se tambem qual o processo a empregar para fazer o estercio conservar toda sua riqueza fertilizadora.

Leiteria — Esta secção está provida de apparelhos para analysar o leite e para outros fins, taes são: desnatadeira, salgadeira, e ainda outros mais.

Ferraria — Nella se executam os concertos e reparos que precisarem os instrumentos agrarios.

Carpintaria — Fabricam-se na carpintaria, colmeias, gallinheiros portateis, rabiças de arado, etc.

Posto meteorologico — Com os seguintes apparelhos: Thermometro, Barometro, Anemometro, Anemoscopia, Pluviometro, Evaporimetro e Ozonometro.

Estes instrumentos teem fins diversos, assim, um registra a quantidade de chuva cahida, outro a pressão atmosphérica, aquelle a humidade do ar, estes a direcção do vento predominante durante o dia, e força dos ventos, etc., etc.

Gabinete de Agrologia — Constando de uma collecção de rochas, adubos, terras, sementes, metaes, munido de uma balança de precisão, microscopio, autoclave e o apparelho de Masure para a analyse physica de terras.

Este gabinete recebe e examina terras, gratis.

Arvores Fructiferas — (Culturas fixas). Fructa de conde, figueiras, laranjeiras, diversas variedades, sapotis, abios, cainito, abacates diversos, mangueiras, ameixeiras, pereiras, macieiras etc.

Vinhedos — Entre as diversas variedades existentes, contam-se as seguintes: Royal Ascot; Witte-Nixe, Moscatel de Hamburgo, Hicales, Lydele, Mister Pearson,

Moscatoel de Alexandria, Golden Queen, Empire State, Mondeuse, Duchess, Chas-selas, la rouge; Alicante Terra, Goethe, Augusta Gigante, Moscatel Rozado, Malaga Rosa, Gross, Perola, Mil-Mild, Hamburgo, Izabel Dourada e Herbe-mont.

O Horto distribue bacellos das variedades que possui, a quem os pedir, livres de quaesquer despezas, inclusive as do frete.

Plantas Industriales (Textis) — Hennequen e Cizal (que faz a riqueza agricola e fabril do Mexico), Foureroy, Lidney, Sanseviera, Piteira e Algodão.

Nesta secção experimentam-se as fibras para se verificar quaes são as mais resistentes, quaes as mais abundantes, quaes de mais facil extracção, quaes as que mais se prestam a ser trabalhadas, as que dão tecido grosso e as que produzem tecidos finos, as mais adequadas á fabricacção de fios, cordas, barbantes etc.

Arvores de Borracha — Hevea Brasiliensis (que é a Seringueira do Amazonas) Maniçobas do Ceará e do Piauhy, Jequié, Mangabeira, Castillo elastico etc.

Outras Plantas Industriales — Cannas, sem pello e Macáo, Camphoreira e Arvore do Cebo, Mamona de Zanzibar, Cöco de Dendé, Eucalyptus, Pinheiros e Mandioca, 16 variedades.

Forragens Nacionais — Entre outras: capim massambará, capim mimoso, gitirana, canna ubá, gramma de Pernambuco, inhame, mandioca e outras em ensaios culturaes.

Forragens estrangeiras — Alfafas diversas, entre ellas a da Provence; trevo, theosinto, (forragem que não secca com a geada nem com a secca), caw-pea, be-terrabi, consolida do Caucaso, cevada, aveia, girasol, nabo gigante, feijão da Florida e tremoço.

Estas forragens estão em campos de experiencia.

Outras culturas — Trigo, 12 variedades em diversos estados de desenvolvi-mento. Batata inglesa que produziu em 75 dias.

Culturas irrigadas — Estão se executando as culturas do arroz, do milho e do fumo, pela irrigação artificial, sendo a do arroz pelo processo de *inundação*, milho, pelo de *distribuição* e fumo pelo de *infiltração*.

Viveiros de plantas fructíferas — Estes viveiros destinam-se á distribuição de mudas, gratuitamente.

Existem para este fim: arvore de pão, abacatos (diversas variedades e entre ellas a afamada sem fibra), goiabeira branca, nogueira, jaboticabeiras, abio, cambucá, mangueira, fructa de conde, condessa, jaca, cajú do Norte, variedades, banana e maçã, genipapo, pitomba e laranjeiras.

Plantas ornamentaes — Tambem para distribuição gratuita, Eugenia especiiosa, saboneteira, magnolia, palmeiras, oiti, carambola, cacauseiro e amoreira que são tambem industriaes, sendo aquella que produz o cacau com o qual se faz o chocolate e esta cujas folhas alimentam o bicho de seda.

A amoreira é tambem uma planta forrageira.

Secção de horticultura — Legumes diversos em experiencias.

Aprendizado Agrícola — Anexo ao Horto está installado o aprendizado, que tem por fim o ensino pratico do manejo de instrumentos, enxertia, póda e outros trabalhos culturaes.

Estão matriculados seis alumnos internos, os quaes são mantidos gratis pela Sociedade que admitte outros mais.

Visitas e informações — As visitas podem ser feitas a qualquer hora.

O Superintendente, agrônomo formado em escola do paiz, reside no estabelecimento e está sempre prompto a fornecer aos visitantes todas as informações.

E' assim que elle mostra as culturas, explica as applicações que devem ter as machinas e fal-as funcionar; emfim, põe os interessados ao corrente dos melhores systemas de cultura e criação etc.

Visitas ao Horto da Penha

MEZ DE FEVEREIRO

Dr. Joaquim F. de Mello.
 Dr. Americo de Pinho L. Pereira.
 Dr. Estanisláo Zambrzycki.
 Dr. João da C. Araujo.
 Dr. Augusto da Cunha D. Estrada.

Secretaria

MEZ DE JANEIRO DE 1910

Correspondencia expedida :

Cartas	198	
Officios ao Governo.	18	
Officios a particulares	6	
Telegrammas	36	
Circulares	550	
<i>Lavouras</i>	3.210	13.018
		<hr/>

Correspondencia recebida :

Cartas	602	
Officios ao Governo	22	
Officios a particulares	14	
Telegrammas	17	
Circulares.	7	662
		<hr/>

Serviço de fornecimentos :

Arame farpado e grampos

Pedidos satisfeitos.		25
Rolos de 40 kilos.	419	
Rolos de 26 kilos	140	559
		<hr/>

Métragem	191,259
Grampos para cerea ks.	556
Custo no Mercado	8.722\$880
Custo fornecido pela Sociedade	5.946\$040
Economia relativa para o socio lavrador	2.976\$840

Secção de plantas e sementes

Distribuição de plantas e sementes feita durante o mez
de janeiro de 1910

ESPECIFICAÇÃO	UNIDADES	KILOGRAMMAS	VOLUMES
Algodão.	—	156.000	24
Anthoxantum odoratum	—	2.500	2
Capim gordura rôxo.	—	10.000	1
Centeio.	—	51.000	3
Eucalyptus	—	0,350	5
Holcus lunatus	—	2.000	1
Lacthyrus Syfvestris.	—	0,700	2
Maniçoba Jequié.	—	8.000	3
Melão.	—	0,200	4
Mucunã forrageira.	—	3.000	2
Mudas de Abacaxi.	25.950	—	173
Mudas de eucalyptus	12	—	1
Phleum pratense	—	3.000	2
Pimentão doce	—	1.650	4
Tomate	—	0,280	7
Viscia sativa.	—	1.500	2
	25.962	240.180	236

Secção de propaganda das applicações industriaes do alcool

Movimento de propaganda no mez de Janeiro de 1910 — Foram feitas seis exhibições comapparelhos a alcool, sendo duas em arrabaldes, duas em suburbios e duas em Nictheroy, tendo funcionado trinta e cinco apparelhos durante seis noites, consumindo noventa litros de alcool de 40°.

Forneceram-se duzentos e trinta e quatro litros de alcool de 40° a diversos.
Total de alcool consumido no mez de janeiro trezentos e vinte e quatro litros.

Secção de fornecimentos aos socios

Tirando partido de seu caracter de associação, já prestigiada com o numero de mais de 2.500 socios, a Sociedade, no intuito particular de demonstrar a utilidade e o mecanismo dos syndicatos agricolas, emprehendeu favorecer os seus socios com o supprimento de generos estrangeiros e nacionaes a preços mais reduzidos do que os do commercio a varejo.

Com esse proposito e valendo-se dos favores aduaneiros que a lei confere ao Syndicato Central dos Agricultores do Brasil, tem fornecido, arame farpado e respectivos grampos.

Além disso e mediante contractos especiaes, tem fornecido a preços reduzidos, formicida, alcool, machinas agricolas e outros objectos.

Revedo todos seus contractos e fazendo outros que começam agora a vigorar, a Sociedade está habilitada a fornecer os seguintes generos, em cujos preços não estão incluidas as importancias de embalagem, de despacho e de frete.

ARAME FARPADO PARA CERCAS

Rolo de 36 kilos com 160 metros de fio a.	7\$200
Rolo de 40 kilos com 402 metros de fio a.	11\$000

ACCESSORIOS PARA CERCAS

Grampos para prender o arame.	\$360	o kilo
Moirões com 2 metros de altura.	1\$500	cada um
Pilares » » » para os cantos.	3\$400	» »
Varetas para as cercas.	\$450	» uma
Esticadores com manivella.	5\$200	» um
» com moitões	5\$200	» »

ENXADAS (bem calçadas, de aço)

	Universal	Radiante	Raio	Cruz Vermelha
De 2 libras	1\$200	1\$400	1\$250	1\$450
De 2 1/2 libras	1\$300	1\$500	1\$350	1\$500
De 3 libras	1\$450	1\$600	1\$500	1\$580
De 3 1/2 libras	1\$570	1\$750	1\$600	1\$740
De 4 libras	1\$680	1\$900	1\$700	1\$830

FOICES

Ns. 1, 2, 3, 4, 6, 8, 9, 10, 11 e 12—aos preços respectivamente de \$600, \$670, \$730, \$800, 1\$000, 1\$130, 1\$300, 1\$500, 1\$600 e 1\$800.

MACHADOS

Estreitos:

sortidos de 3 a 4. 39\$000 a duzia

Largos:

sortidos de 3 a 4. 40\$000 »
 d: 3 1/2, duzia 41\$000; de 4, duzia 45\$000; de
 4 1/2, duzia 48\$000; de 5, duzia 51\$000;
 de 5 1/2, duzia 56\$000; de 6, duzia 62\$000.

MACHINAS AGRICOLAS

Moinhos para fubá:

Marca patente — N. 6, por 31\$; n. 8, por 36\$;
 n. 10, por 41\$; n. 12, por 50\$; n. 14, por
 60\$; n. 16, por 63\$; n. 18, por 75\$000.
 Marca Try— N. 8, por 52\$; n. 10, por 67\$; n. 12,
 por 83\$; n. 14, por 96\$; n. 16, por 120\$;
 n. 18, por 130\$000.

Debulhadores de milho:

Coloniaes. 5\$200
 Black. 8\$600
 Clinton. 21\$000
 Aguia 40\$000

Arados americanos:

N. O, 18\$; n. OO, 20\$; n. B 1, 26\$; n. A 1 1/2, 33\$;
 n. A 2, 36\$; n. A 3, 40\$000.

Com disco, reversiveis:

20", 170\$; 24", 210\$000.

Cavadeiras:

para *tirar terra*:

americanas, com 2 pás. 10\$200

para *café*:

3 £ 1\$300; — 3 1/2 £ — 1\$400

Pulverizadores:

Bauer n. 1. 62\$000

São applicados na exterminação dos parasitas que atacam os arvoredos, com os ingredientes liquidos que forem aconselhados.

Além destas a Sociedade fornece installações completas para o preparo do arroz e do café, mediante previos ajustes sobre os quaes o socio lavrador gozará de abatimentos que oscillam de 5 a 10 % sobre os respectivos preços dos catalogos, sendo gratuitos os transportes nas estradas de ferro federaes.

LACTICINIOS

Installações completas para as industrias de lacticinios pela Casa Hopkins Causer, com abatimento de 5 % sobre o preço do catalogo.

COLMEIAS

Com os mais modernos aperfeiçoamentos, pelo preço de. . . 18\$000

SALOXO

Um preparado de sal e peroxido de ferro proprio para alimentação do gado, é economico e asseiado, em tijolos de 5 kilos, não sujando as baias ou lozares onde são collocados e sem desperdicio. Preço 190 réis o kilo.

Nota — Se o socio pedir de uma só vez 500 kilos, gozará o abatimento de 10 %; de 1.000 kilos para cima o de 15 %.

FORMICIDAS

Paschoal:

Caixa com 4 latas de 4 litros cada uma 16\$000

Merino :

Caixa com 4 latas de 4 litros cada uma 16\$000

Schomaker :

Caixa com 6 botijas de 1 1/2 litro cada uma 22\$000

ALCOOL

De força de 40°, em latas de 18 litros, pelo preço das vendas em pipa, o que corresponde a uma redução de cerca de 10 %.

ANTISEPTICOS

Creolina Pearson 2\$000 a lata c/ 1 litro

Cresolina Werneck. 1\$100 » » » »

A mais reputada das creolinas de fabricação nacional.

Electro Sanitas \$500 o litro

Preparado do Sr. Octavio Santos Moreira, de magnificos resultados obtidos para a exterminação de insectos nocivos ás plantas e gafeira nos carneiros.

DIVERSOS

Pós para gosma — *de gallinhas* — especifico recommendado lata 1\$200

Sulfato de cobre para tratamento de plantas. kilo \$650

Sulfato de ferro. » \$250

Sal amargo:

Menos de 60 kilos.	»	\$250
Mais de 60 kilos.	»	\$160

Sal de Glaubert:

Menos de 60 kilos.	»	\$230
Mais de 60 kilos.	»	\$150

Enxofre:

Em flor	caixa	11\$000
-------------------	-------	---------

Mercurio marca Boi:

Caixa com 50 grammas 1\$; com 100, 1\$700; com 200, 3\$100; com 400, 5\$700.

Escovas de raiz para animaes:

N. 115, 6\$500; n. 116, 7\$500.

Escovas francezas para animaes:

N. 115, 9\$600; n. 116, 10\$500; 117, 11\$500.

Thesouras:

Para podar, n. 27.	uma	4\$200
Para touzar animaes.	»	4\$200

Machina:

Para touzar animaes.	»	4\$600
------------------------------	---	--------

Raspadeiras:

Com aza	»	4\$300
Com cabo	»	4\$100
Reforçadas	»	8\$000

Correntes para arado e para carroça:

Elo curto 1/8, kilo 950; 3/16, kilo 850; 1/4, kilo 770; 5/6, kilo 730; 3/8, kilo 680; 17/16, kilo 660; 1/2, kilo 650; 5/8, kilo 640; 3/4, kilo, 640.

Elo comprido 3/16, kilo 780; 1/4, kilo 750; 5/16, kilo 730.

Chocadeiras e Criadeiras:

A Sociedade tendo adquirido em boas condições algumas *chocadeiras* e *criadeiras* cedo-as a preços reduzidos.

Os lavradores que bem conhecem os altos preços que costumam pagar, podem apreciar a vantagem extraordinaria dos preços que a Sociedade está habilitada a lhes proporcionar, e que representam economias de 5 a 40 %.

A economia proporcionada na aquisição do arame farpado, em relação aos preços correntes no mercado é respectivamente de 2\$300 e de 6\$, para os rôlos de 26 e 40 kilos.

Até o fim do anno ultimo, 31 de dezembro de 1909, a economia proporcionada á lavoura com os nossos fornecimentos foi de 189:828\$640, não computados o suprimento de plantas e sementes e os transportes gratuitos concedidos. No anno de 1909 a economia importou em 96:464\$740.

Sendo um dos fins da Sociedade demonstrar os efeitos do regimen de associação sobre a vida financeira da lavoura e sendo condição essencial desse regimen a pontualidade dos associados, os fornecimentos especiaes da Sociedade serão limitados exclusivamente aos socios quites.

Para os obter o interessado deverá satisfazer as seguintes condições:

- 1^a, ser socio quites na Sociedade Nacional de Agricultura;
- 2^a, ser agricultor, apresentando disso prova bastante, a juizo da Directoria da Sociedade;
- 3^a, formular o pedido directamente á Sociedade e por escripto;
- 4^a, pedir sómente para o seu proprio consumo, indicando o nome e a situação da propriedade a que destina o emprego do producto;
- 5^a, Enviar á Sociedade, juntamente com o pedido, a sua importancia, ou uma ordem para o seu pagamento contra casa commercial ou bancaria com séde na Capital Federal.

A Sociedade se reserva o direito de negar fornecimento a quem peça ou tenha pedido para outrem, ou tenha repartido com outra pessoa, ainda que associada, generos anteriormente fornecidos e procederá de igual modo quando souber, ou tiver motivo para suppor, que o pedido é feito com intuito de commercio.

Instituindo esses serviços directos, procura a Sociedade desempenhar de modo mais util o seu compromisso de se constituir em centro de auxilios á lavoura, distribuindo-os de preferencia por intermedio de seus socios.

Com o mesmo intuito concederá aos socios despacho gratuito nas vias ferreas federaes ás plantas, sementes, machinas agricolas, ainda quando adquiridas sem a sua intervenção e prestará informações que lhes forem pedidas sobre assumptos agricolas e pastoris, tomando conhecimento das queixas e reclamações dos lavradores associados, advogando-as, quando justas, perante quem de direito.

Fevereiro de 1910.

Socios que contribuíram para o distinctivo durante o mez de janeiro de 1910

N. Khaled	20\$000
Arthur Hermann Schloback.	20\$000
João de Souza Vieira.	20\$000
Zacharias de Paula Xavier.	15\$820
Ovidio Pio de Souza Reis.	15\$000
Lourenço Augusto Lemgruber.	15\$000
Francisco Delgado da Motta.	10\$000
Dr. Wilmann W. Coelho de Souza.	10\$000
Carlos Miguel Isaacson	10\$000
Mario da Silva Junqueira.	10\$000
Coronel Francisco José Bolina.	10\$000
Americo Teixeira Guimarães.	10\$000

Sócios entrados no mez de janeiro de 1910

Estado da Parahyba.
Manoel Gonçalves Capella.
Capitão Severino Antonio Victorio da Silva.
Capitão Geraldo Ribeiro da Silva Rezende.
Joaquim Francisco de Oliveira.
Firmino Mariano de Souza.
Gandulpho Coutinho.
Dr. Antonio Carlos de Castro Madeira.
Belchior Francisco de Oliveira.
José Candido Pereira.
Dr. Lafayette Cavalcanti de Freitas.
Dr. José Tavares de Mello.
Coronel Antonio Lourenço Baeta Neves.
Joaquim Gonçalves Ramos Filho.
João Baptista Tavares.
Coronel Joaquim da Silva Guimarães.
Major Gabriel Felisbino de Rezende.
Ernesto Garcez dos Santos.
Coronel Francisco José Bahia.
José Luiz Gonçalves Sobrinho.
José Candido de Castro.
Francisco do Couto Dafico.
Pacifico Raposo Simões.
Constantino Ferreira de Freitas.
Manoel da Silva Canêdo.
Narciso Ferreira de Araujo.
Pio Francisco das Chagas.
Claudino Gonçalves Moreira.
Antonio Freitas Fonseca Ramos.
Coronel Francisco Vieira da Silva.
Capitão Azarias de Souza Dias Sobrinho.
Capitão José Ximenes Cesar.
João Baptista Ferreira de Brito Junior.
Antonio de Gouvêa Lima.
Camillo de Avellar Lessa.
Capitão Antonio Candido Pereira Dias.
Osorio Francisco França.
Antonio Gonçalves Ferreira da Costa.
Candido de Paula Silvino.
José Pereira da Rocha.
Coronel Americo Teixeira Guimarães.
Coronel José Dias de Gouvêa.
Major João Baptista Ferreira.

Alfredo Eustachio da Silva Junqueira.
Leopoldo Aureliano da Silva Junqueira.
Olympio Joaquim Villela.
Antonio Avelino Foscolo.
Dr. Ary Fontenelli.
Adolpho Augusto da Silveira.
Carlos Miguel Isaacson.
Nabor Mira de Vasconcellos.
Capitão Domingos Custodio de Carvalho.
Dr. Cyro Teixeira Peçanha.
Merino & Comp.
Altamirando Jorge Rangel.
Alberto de Souza Siqueira.
D. Francisca Maria de Rezende.
Coronel Manoel José de Souza.
Gabriel Pereira de Lacerda.
Maria Francisca da Rocha Vaz.
Lourenço Augusto Lemgruber.
Reverendissimo Padre Antonio Joaquim Cardoso.
João Celestino de Almeida.
Adelino Affonso Baeta Neves.
José Francisco Silverio.
Antonio Ribeiro de Rezende.
Capitão João Egydio Figueira.
Saturnino Villela.
João Antonio Linihan.
Carlos Alberto de Magalhães.
Coronel João Oswaldo Diniz Junqueira.
Eduardo de Sá Fortes Junqueira.
Romelio Vieira Neves.
Major Benjamin José de Araujo.
Capitão João Custodio da Fonseca.
Dr. Arthur Ferreira Diniz.
Coronel José Monteiro de Mendonça.
Dr. José Ignacio de Carvalho.
Coronel José Rodrigues Matheus.
Antonio Leoncio de Faria.
José Luiz de Faria.
Guilhermino Augusto Rodrigues França.
Urbano Mascarenhas.
Tenente Quintiliano Martins Guerra.
Major Raymundo Martins Costa.
Coronel Emilio Teixeira de Novaes.
Manoel de Carvalho Penna.
Capitão João José da Silva Martins.
Major Nuno da Costa Lago.
Capitão João Pedro dos Santos.

Geraldino Caetano da Fraga.
 Francisco José Alves.
 Arthur Justino Leitão.
 José de Assis Balbi.
 Leopoldo Corrêa Netto.
 Martiniano Gomes da Fonseca.
 Affonso Justiniano de Rezende.
 Sebastião José Ribeiro Serafim.
 Coronel Honorato Martins Borges.
 Raul Ferreira de Mollo.
 João José de Miranda.
 Severino Severo da Silva.
 Urbano Justiniano da Silva.



PARTE COMMERCIAL

Mez de fevereiro de 1910

Café

Durante o mez, as vendas realizadas para exportação attingiram a 176.000 saccos contra 174.000 do mez de janeiro.

Entraram, no mesmo periodo, 179.030 contra 194.879 no mez proximo passado ; embarcaram-se 265.559 contra 236.005 e existiam no ultimo dia do mez de fevereiro 213.594 contra 405.123 do mez de janeiro.

Os preços soffreram algumas oscillações na primeira quinzena, firmando-se, porém, na segunda.

Os extremos das cotações foram os seguintes:

	<i>Por arroba</i>	<i>Por 10 kilos</i>
Typo n. 6	7\$500 a 7\$800	5\$106 a 5\$311
» » 7	7\$300 » 7\$600	4\$910 » 5\$174
» » 8	7\$100 » 7\$400	4\$834 » 5\$038
» » 9	6\$900 » 7\$200	4\$698 » 4\$902

Algodão em rama

No periodo da primeira quinzena as entradas foram grandes, e, apesar disso, não houve modificação no mercado deste producto, que se manteve firme, com boa procura e ligeira alta nos preços ; no da segunda, avultaram as entradas, restringindo-se um tanto a procura.

Mesmo assim, os preços continuaram inalterados.

O movimento geral do mez foi como se segue:

	Fardos
Existencia em 31 de janeiro	13.993
Entrada :	
	Fardos
Mossoró	4.200
Ceará	2.523
Sergipe	2.300
Assú	2.278
Natal	1.450
Pernambuco	1.128
Maceió.	1.063
Parahyba	700
Penedo	420
Maranhão	305
	<hr/>
Sahidas dos trapiches	9.714
	<hr/>
Existencia em 15 de fevereiro.	20.655

Entradas :

Piauhy	3.272
Penedo	2.676
Pernambuco	1.699
Sergipe	1.600
Natal	1.433
Maceió.	1.200
Parahyba	926
Mossoró	640
	<hr/>
Sahidas dos trapiches	10.530
	<hr/>
Existencia no dia 28.	23.571

Preços por 10 kilos:

	Preços
Pernambuco	15\$000 a 15\$800
Rio Grande do Norte	14\$500 » 15\$500
Ceará	15\$000 » 15\$800
Parahyba.	14\$800 » 15\$200
Penedo	14\$500 » 15\$000
Sergipe	14\$000 » 14\$800

Aguardente

Durante a primeira quinzena o mercado continuou frouxo e sem procura, havendo relativa dificuldade de se collocar o producto aos preços abaixo exarados.

No decurso da segunda, o mercado, comquanto não experimentasse melhoras nos preços, esteve contudo mais firme, sendo finalmente collocado o genero á venda.

Entraram 656 pipas de varios centros productores, e os preços, por pipa, base de 20º, foram os seguintes:

Paraty	115\$000 a 120\$000
Angra	100\$000 » 105\$000
Campos.	85\$000 » 90\$000
Maceió	85\$000 » 90\$000
Bahia.	85\$000 » 90\$000
Pernambuco.	85\$000 » 90\$000
Aracajú.	85\$000 » 90\$000
Sul.	85\$000 » 90\$000

Alcool

O mercado, na primeira metade do mez, permaneceu frouxo, supprindo-se os compradores apenas do indispensavel; na segunda metade, as entradas continuaram sem importancia, mas o mercado com regular procura, pelo que sua posição se tornou firme, não havendo, porém, mudança nos preços.

Os supprimentos orçaram por 740 volumes, e as cotações, por pipas, sem o casco, foram as seguintes:

40 grãos	130\$000 a 135\$000
38 »	120\$000 » 125\$000
36 »	110\$000 » 115\$000

Assucar

A primeira quinzena fechou, com desanimo, por parte dos compradores, não só devido ao *stock* aqui como ás baixas no mercado de Pernambuco.

Em virtude das noticias do Norte de grandes lotes de assucar bruto e cristaes amarellos para o estrangeiro, animaram-se os compradores daqui a fazer negocios avultados, para todas as qualidades, tendo havido alta nos preços, fechando o mercado firme.

Os supprimentos recebidos montaram a 97.441 saccos, das seguintes procedencias: Pernambuco 23.231; Sergipe 39.724; Campos 7.486; Bahia 6.645; Maceió 13.757; Parahyba 665; diversas 2.933.

Sahiram dos trapiches 86.613 saccos, sendo a existencia orçada em 579.479 saccos.

Os preços, por kilo, regularam como vae ser assignalado:

Pernambuco:

	Kilogs.
Branco crystal.	\$270 a \$300
Dito 3ª sorte.	\$290 » \$330
Crystal amarello.	\$240 » \$280
Mascavinho	\$220 » \$270
Somenos.	\$230 » \$250
Mascavo bom	\$190 » \$210
Dito regular.	\$180 » \$200
Dito baixo.	\$170 » \$190

Sergipe :

Branco crystal.	\$260 a \$300
Crystal amarello	\$240 » \$250
Mascavinho	\$220 » \$260
Mascavo bom	\$190 » \$210
Dito regular.	\$180 » \$200
Dito baixo.	\$170 » \$190

Campos :

Branco crystal	\$280 a \$300
Dito 2º jacto.	— —
Crystal amarello.	— —
Mascavinho	— —

Bahia :

Branco crystal.	\$290 a \$320
Dito 2º jacto	— —

Arroz

As entradas, durante o mez, foram: por cabotagem 7.465 saccos ; pela Estrada de Ferro Central, 52.099 kilos e pela Estrada de Ferro Leopoldina 28.525 ditos.

O mercado manteve-se firme, regulando os preços seguintes: 29\$ a 30\$ para o superior ; 25\$ a 28\$500 para o inferior e 23\$500 a 26\$ para o rajado, por sacco de 60 kilos.

Sahiram dos trapiches no correr do mez de 7.253.

Farinha de mandioca

Durante o mez entraram 21.929 saccos por cabotagem, 114.390 kilos pela Estrada de Ferro Central do Brasil, 158.257 ditos pela « Leopoldina Railway » e 47.170 pela Cantareira.

Os preços continuaram com oscillações, tendo vigorado os seguintes por sacco de 45 kilos:

Especial	9\$500 a 10\$200
Fina.	8\$300 » 8\$800
Peneirada	7\$400 » 7\$600
Grossa.	6\$500 » 6\$800

Feijão

Chegaram no mez de fevereiro 39.473 saccos por cabotagem ; 162.605 kilos pela Estrada de Ferro Central do Brasil ; 85.576 ditos pela « Leopoldina Railway » e 7.920 pela Cantareira.

Os preços tiveram grandes oscillações, vigorando os seguintes, por sacco de 60 kilos:

Porto Alegre.	10\$000 a 12\$000
Dito Santa Catharina, superior	Nominal
Dito manteiga	11\$000 » 13\$000
Dito enxofre.	14\$000 » 16\$000
Dito mulatinho	11\$500 » 14\$000
Dito de côres, diversas.	6\$500 » 14\$000

Fumo em rôlo

O mercado esteve mais ou menos animado durante o mez, e as entradas elevaram-se a 3.692 volumes, por cabotagem.

As cotações, por kilogramma, fizeram-se do seguinte modo:

De Minas, especial	\$900
Dito superior.	\$800
Dito de 2ª	\$600
Dito ordinario	\$500
Goyano especial	2\$000
Dito superior.	1\$800
Baixo	1\$300
Rio Novo superior	1\$200
Dito de 2ª	1\$000
Dito baixo	\$800
Pomba superior	1\$100
Dito de 2ª	\$800
Dito baixo	\$600
Carangola	1\$000
Picú especial.	2\$000
Dito de 1ª	1\$600
Dito de 2ª	1\$200
Bahia	1\$600

Manteiga

As entradas constaram de 275 caixas e 3.905 kilos por cabotagem ; 232.651 ditos pela Estrada de Ferro Central do Brasil e 3.004 ditos pela « Leopoldina Railway ».

Os preços regularam assim:

	Kilogr.
Minas	2\$100 a 2\$600
Sul	1\$300 » 2\$400

Matte

Entraram 428 volumes, sendo cotado de 480 a 600 réis por kilogramma, conforme a qualidade.

Milho

Os supprimentos feitos foram de 8.106 saccoes por cabotagem, 1.340.329 kilos pela Estrada de Ferro Central, 1.457.705 ditos pela Leopoldina e 47.500 pela Cantareira.

O mercado continuou frouxo e os preços soffreram irregularidades.

As cotações foram:

Norte, amarello	4\$600 a 5\$600
Terra, amarello	5\$300 > 6\$000
Dito idem, misturado.	4\$800 > 5\$500

Polvilho

Entraram 11.909 kilos pela Estrada de Ferro Central.

O preço regulou de 260 a 320 réis por kilogramma.

Tapioca

As entradas foram sómente de 16 volumes por cabotagem.

A cotação foi de 300 a 380 réis por kilo.



BIBLIOTHECA

PUBLICAÇÕES PERIODICAS :

Temos a registrar mais as seguintes recebidas no mez de janeiro do corrente anno, além das que nos veem habitualmente:

Kolonial Handels-Adressbuch, 14º anno, 1910, de Berlim.

Anales de l'E'cole Nationale d' Agriculture de Montpellier. Tomo IX, fascs. I e II, com o seguinte summario: Sur le mouvement des masses granuleuses sans cohesion — J. H. Sourisseau ; L'industrie sericicole en Perse—F. Lafonte H. L. Rabino ; Climatologie de 1908 à Montpellier por P. Rey.

Barcelona, revista mercantil, industrial e maritima.— Anno II, n. 23.

Vie Rurale et Basse Cour, de Genebra.— Anno 3º, n. 2.

The Mandel Journal, de Londres.— N. de outubro de 1909.

Utah Agricultural College Experiment Station.— Boletim n. 105.

Revista Paraense, de Belém.— Anno II, ns. 17 a 22.

Memorias do Instituto Oswaldo Cruz.—Anno de 1909, tomo I, fascs. I e II.

PUBLICAÇÕES DIVERSAS:

Temos a registrar o recebimento das seguintes durante o mez de janeiro: *Analyses agricoles* por R. Guilin. Os leitores d' *A Lavoura* encontrarão no fim desta secção o prospecto desta obra que acaba de ser editada pela livraria J. B. Baillière et Fils e que pelo mesmos nos foi remetida.

Le Palmier à Huile por Jean Alam. Esta obra é a segunda da serie que está publicando a livraria Augustin Challamel (17, rue Jacob, Paris) sobre as plantas oleíferas da Africa occidental Franceza. É profusamente illustrada, trazendo numerosos diagrammas e um mappa da distribuição geographica da planta. A livraria Challamel, cuja especialidade é exactamente a publicação de obras sobre agricultura tropical, tem sempre confiado a respectiva composição a pessoas de notoria competencia.

Les Landolphia et les Mascarenhasia à Caoutchouc du Nord de l' Analalaya, por Henri Junelle e H. Perrier de la Bathie. Editor Augustin Challamel, Paris, 1910.

Les Produits Utiles des Burseracées, por André Guillaumim. Editor Augustin Challamel, Paris, 1910. Obra em um volume de 66 paginas. Contém numerosas illustrações, diagrammas, dados estatisticos. Estuda as madeiras, myrrhas incensos, elemis que se extraem destas plantas, bem como as suas applicações industriaes e medicinaes. Em appendice vem um quadro dos productos das burseraceas com os nomes vulgares e scientificos das arvores productoras. Ainda nesta parte se encontra um extenso index bibliographico de grande utilidade para as pessoas que mais especialmente se dedicam a este assumpto.

Apuntes de Fruticultura Argentina, pelo engenheiro Carlos D. Girola. Buenos Aires, 1908.

Cultivo de las Plantas Industriales en la Republica Argentina, por Carlos D. Girola. Buenos Aires, 1909. Agradecemos ao autor a remessa que nos fez das duas precedentes obras.

Estudios sobre la Ganaderia del Pais, pelo engenheiro Teodoro Alvarez. Montevideo, 1909. Tambem esta obra nos foi remetida pelo seu autor, a quem renovamos os nossos agradecimentos por mais esta gentileza.

The Influence of environment on the composition of sweet corn, por M. N. Stranghn e C. G. Church. Publicação do Departamento de Agricultura dos Estados Unidos.

Herd Book Argentino. Hereford. Volume quinto. Publicação da Sociedade Rural Argentina, á qual agradecemos a remessa do exemplar que temos sobre a mesa.

O Cacão, por J. Simão da Costa, 2ª edição augmentada e organizada pelo Dr. J. Huber. Pará, 1908. Publicação do Estado do Pará.

Album do Estado do Pará. É uma bellissima obra de propaganda, de grande formato, com 550 paginas, tendo o seu texto em tres linguas: portuguez, francez, e inglez. Illustrada com primor, encerra além disso numerosos diagrammas, mappas, dados geographicos, historicos e estatisticos, tudo disposto do modo o mais intelligente, de fórma a prender a attenção de quem compulsa o album.

Os esgotos no Rio de Janeiro. Memoria apresentada ao 4º Congresso Medico Latino-Americano pelo Dr. Carlos Sampaio.

Estatistica Commercial. Importação e exportação durante o anno de 1908.

Cooperativa Agricola Municipal Pontenovense, de Ponte Nova, Minas. Relatorio balanço e contas do anno de 1909.

Noticias sobre o Collegio Orphanologico de S. Joaquim. Pernambuco, 1909.

Estatística Agrícola e Zootécnica no Anno Agrícola de 1904-1905 das seguintes localidades de S. Paulo : Fartura, Santo Antonio da Bóia Vista, Itaporanga, Itararé, Baurú, Campos Novos do Paranapanema e S. Pedro do Turvo.

Estatutos da Sociedade União Agrícola, de Laranjeiras, Sergipe.

CATALOGOS

D. Landreth Seed Company. Bristol, Pennsylvania. Sementes de flores e hortaliças. Catalogo para 1910.

Henry Mette. Quedlinburgo, Allemanha. Catalogo de flores, plantas e sementes para 1909-1910.

Haage & Schmidt, horticultores e negociantes em sementes. Erfurt, Allemanha. Catalogo para 1910.

Knox Fence Company, Lebanon, New Jersey, Estados Unidos da America do Norte. Catalogo de cercas de arame para todos os fins.

Johannes Rafn, Copenhagen, Dinamarca. Catalogo de sementes de arvores florestaes para 1909-1910.

Luis & Groot, Enkhuizen, Hollanda. Preço corrente geral de sementes em dezembro de 1909.

Vilmorin Andrieux & C., Paris, 4, quai de la Mégisserie. Plantas, sementes, etc. Catalogo geral para 1910.

Caladium du Brésil. Vilmorin Andrieux & C.

J. B. Baillièrre et Fils. Catalogo de obras agricolas para 1910. Paris, 19 — rue Hautefeuille.

Analyses Agrícolas (terras, forragens, productos das industrias agricolas), por R. GUILLIN, director do laboratorio da Sociedade dos Agricultores de França, 1 volume de 443 paginas, com 51 photographias. Encadernado 6 francos, brochado 5 francos. (Livraria J. B. Baillièrre et Fils, 19, rue Hautefeuille, Paris.)

O Sr. *Guillin*, director do laboratorio da Sociedade dos Agricultores da França, foi o encarregado de escrever, para a ENCYCLOPEDIA AGRICOLA WERY o volume sobre as ANALYSES AGRICOLAS.

ESTATUTOS

CAPITULO II

DOS SOCIOS

Art. 8.º A sociedade admite as seguintes categorias de socios :

Socios effectivos, correspondentes, honorarios, benemeritos e associados.

§ 1.º Serão socios effectivos todas as pessoas residentes no paiz que forem devidamente propostas e contribuirem com a joia de 15\$ e a annuidade de 20\$000.

§ 2.º Serão socios correspondentes as pessoas ou associações, com residencia ou séde no estrangeiro, que forem escolhidas pela Directoria, em reconhecimento dos seus meritos e dos serviços que possam ou queiram prestar á sociedade.

§ 3.º Serão socios honorarios e benemeritos as pessoas que, por sua dedicação e relevantes serviços, se tenham tornado benemeritos á lavoura.

§ 4.º Serão associadas as corporações de character official e as associações agricolas, filiadas ou confederadas, que contribuirem com a joia de 30\$ e a annuidade de 50\$000.

§ 5.º Os socios effectivos e os associados poderão se remir nas condições que forem preceituadas no regulamento, não devendo, porém, a contribuição fixada para esse fim ser inferior a dez (10) annuidades.

Art. 9.º Os associados deverão declarar o seu desejo de participar dos trabalhos da sociedade. Os demais socios deverão ser propostos por indicação de qualquer socio e apresentação de dois membros da Directoria e ser accetos por unanimidade.

Art. 10. Os socios, qualquer que seja a categoria, poderão assistir a todas as reuniões sociaes, discutindo e propondo o que julgarem conveniente; terão direito a todas as publicações da sociedade e a todos os serviços que a mesma estiver habilitada a prestar, independentemente de qualquer contribuição especial.

§ 1.º Os associados, por seu character de collectividade, terão preferencia para os referidos serviços e receberão das publicações da sociedade o maior numero de exemplares de que esta puder dispor.

§ 2.º O direito de votar e ser votado é extensivo a todos os socios; é limitado, porém, para os associados e socios correspondentes, os quaes não poderão receber votos para os cargos de administração.

§ 3.º Os socios perderão sómente seus direitos em virtude de expontanea renuncia ou quando a assembléa geral resolver a sua exclusão por proposta da Directoria.

—o\$XO-I FO\$—

REGULAMENTO

CAPITULO VI

DOS SOCIOS

Art. 18. A sociedade prestará seus serviços de preferencia aos socios e associados quando estiverem quites com ella.

Art. 19. A joia deverá ser paga dentro dos primeiros tres mezes após a sua accitação.

Art. 20. As annuidades poderão ser pagas por prestações semestraes.

Art. 21. Os socios e os associados se poderão remir mediante o pagamento das quantias de 200\$ e 500\$, respectivamente, feito de uma só vez e independente da joia, que deverão pagar em qualquer caso.

Art. 22. Os socios e associados não poderão votar, nem receber o diploma, sem terem pago a respectiva joia.

§ 1.º O socio que tiver pago a joia e uma annuidade, poderá remir-se mediante a apresentação de 20 socios, desde que estes tenham igualmente satisfeito aquellas contribuições.

§ 2.º Para esse effeito o socio deverá requerer á Directoria, provando seus direitos nos termos do parographo anterior.

§ 3.º Serão considerados benemeritos os socios que fizerem donativos á sociedade, a partir da quantia de um conto de réis.

Art. 23. Para que os socios atrasados de duas annuidades possam ser considerados resignatarios, nos termos dos Estatutos, é preciso que suas contribuições lhes tenham sido solicitadas por escripto, até tres mezes antes, cabendo-lhes ainda assim o recurso para o conselho superior e para a assembléa geral.

—o\$XO-I FO\$—

HORTO DA PENHA



MUDAS DE GENIPAPO